

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

GUSTAVO RIBEIRO PATRÍCIO BARBOSA

OS MARCADORES DISCURSIVOS FOCALIZADORES COM "SÓ" E "BEM":
UMA PROPOSTA DE REDE CONSTRUCIONAL

JUIZ DE FORA

2019

GUSTAVO RIBEIRO PATRÍCIO BARBOSA

**OS MARCADORES DISCURSIVOS FOCALIZADORES COM "SÓ" E "BEM":
UMA PROPOSTA DE REDE CONSTRUCIONAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

JUIZ DE FORA

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Barbosa, Gustavo Ribeiro Patrício.

Os marcadores discursivos focalizadores com "só" e "bem": : uma proposta de rede construcional / Gustavo Ribeiro Patrício Barbosa. -- 2019.

184 f.

Orientadora: Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2019.

1. Marcadores discursivos. 2. Construcionalização gramatical. 3. Focalização. 4. Rede construcional. I. Cunha Lacerda, Patrícia Fabiane Amaral da, orient. II. Título.

GUSTAVO RIBEIRO PATRÍCIO BARBOSA

**OS MARCADORES DISCURSIVOS FOCALIZADORES COM “SÓ” E
“BEM”:
UMA PROPOSTA DE REDE CONSTRUCIONAL**

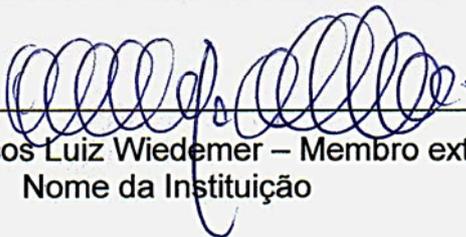
Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Aprovada em: 26/09/19

Banca examinadora:



Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer – Membro externo
Nome da Instituição



Profa. Dra. Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto – Membro interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

O importante momento de agradecer a todos aqueles que me auxiliaram nesta caminhada é chegado, pois este trabalho não seria possível sem o apoio de vocês!

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me concedido a vida, além de ter me proporcionado a oportunidade, a força e a vontade de continuar estudando.

Agradeço a minha família, principalmente aos meus pais, Heloísa e Josué, que sempre acreditaram e acreditam em mim. Aos meus irmãos, Jonas e Kailaine, que cresceram junto comigo e compartilham essa vitória. Às minhas tias Regina e Maria Eliza por sempre me apoiarem também. E um muito obrigado especial a minha irmã Kailaine, que sempre me ajudou quando precisei e é a coisinha mais linda desse mundo!

Aos meus amigos que souberam entender minhas ausências, meus choros e me animaram sempre. Agradeço enormemente à Roberta, à Paloma, ao Luciano, à Fernanda e à Mariana! Vocês são demais!

Agradeço ao meu cão, o Olaf, que sempre com sua alegria contagiante me tirava de momentos de estresse sem nem saber o bem que ele me faz!

Aos colegas e amigos de turma de mestrado por compartilharem momentos difíceis e também momentos de descontração e alegria. Agradeço especialmente às colegas Ana Carla, Clarice e Jéssica por terem me ajudado em momentos de aperto!

Aos colegas do grupo de pesquisa por proporcionarem tardes de aprendizados e também de descontração!

Agradeço à minha amiga e professora Marcia Mello Castro, que me ensinou muito do que sei e que me colocou neste caminho das letras!

Aos professores que compõem a banca examinadora desta dissertação: Prof. Prof. Dr. Marcos Wiedemer, Prof. Dr. Edvaldo Balduino Bispo, Profa. Dra. Lauriê Dall'Orto e Profa. Dra. Ana Cláudia Salgado. Obrigado por terem aceitado prontamente o convite de ler e avaliar o meu trabalho!

À CAPES, que me concedeu uma bolsa para que eu pudesse continuar meus estudos com tranquilidade e seriedade.

Ao PPG-Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, por todo o apoio concedido durante o curso de mestrado.

E gostaria de agradecer, principalmente, à minha orientadora Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, que me recebeu de braços abertos em seu grupo, teve toda a paciência em me ensinar, em me tirar dúvidas, em me corrigir e em me incentivar a sempre querer buscar mais conhecimento. Muito obrigado!

Por fim, gostaria de agradecer também a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que eu chegasse até aqui e que, por um acaso, eu tenha esquecido de mencionar, sou esquecido, mas vocês sabem que são importantes para mim!

Muito obrigado!

RESUMO

Este trabalho, com base nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), tem por objetivo propor a rede construcional constituída por construções que configuram marcadores discursivos (doravante, MDs) focalizadores do PB, compostas por verbos de percepção cognitiva no imperativo em P2 e por um advérbio focalizador (*só* ou *bem*), como, por exemplo, “olha só” e “veja bem”. Tais construções foram analisadas a partir dos pressupostos da construcionalização gramatical (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), a qual é caracterizada pela emergência de novos pares forma-sentido, que são oriundos do uso real da língua e que passam a compor a sua gramática, constituindo redes construcionais hierarquicamente organizadas. A fim de cumprir o objetivo proposto, os dados analisados foram retirados de um *corpus* escrito sincrônico atual, cujas sincronias representam os anos de 2008, 2011, 2014 e 2017. Por meio de uma análise quantitativa e qualitativa, os dados obtidos apontam que as construções analisadas, cuja forma mais genérica é [verbo imperativo + advérbio], têm diferentes funções, entre as quais se destacam a chamada de atenção do interlocutor pelo locutor e a focalização de um elemento da sequência discursiva. Além disso, os dados apontam que os MDs contribuem para a coerência discursiva (SCHRIFFIN, 1987) e para a sequenciação de tópico, funcionando tanto na organização textual quanto na interação (MARCUSCHI, 1989). Dessa forma, propomos a rede construcional de marcadores discursivos focalizadores do PB com “só” e “bem” a partir dos resultados indicados pelos padrões construcionais analisados.

Palavras-chave: Marcadores discursivos; construcionalização gramatical; focalização; rede construcional.

ABSTRACT

This work, based on Usage-Based Model theoretical linguistic assumptions (LFCU), aims to propose a constructional network of constructions of discourse markers with focalizing function from Brazilian Portuguese, which are composed by cognitive perception verbs in imperative in 2P and by a focalizing adverb (*só* or *bem*), for instance, “olha só” and “veja bem”. These constructions were analyzed based on the grammatical constructionalization approach (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), which is characterized by the emergency of new form-meaning pairings resulting from the real language usage events and that start to be a part of its grammar, forming hierarchically organized constructional networks. In order to accomplish this aim, we analyzed data taken from a current synchronic written *corpus*, which its synchronies represent the years 2008, 2011, 2014 and 2017. By a quantitative and qualitative analysis, the data indicate that these constructions, which the most generical form is [verb in imperative + adverb], have different functions, highlighting among them the call for the interlocutor’s attention by the speaker and the focalization of an element in the discourse sequence. In addition, the data point out the fact that the discourse markers contribute to the discourse sequence (SCHIFFRIN, 1987) and to a topic’s sequencing, working both on the textual organization and interaction (MARCUSCHI, 1989). Thus, we propose a constructional network of focalizing discourse markers from Brazilian Portuguese based on the results pointed out by the analyzed constructional patterns.

Keywords: Discourse markers; grammatical constructionalization; focalization; constructional network.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo do modelo de rede utilizado por Hudson (2007a) e proposto por Taylor (1989).....	26
Figura 2 – Modelo de rede construcional de acordo com os pressupostos e adaptado do modelo de Traugott e Trousdale (2013).	31
Figura 3 – Representação da mesclagem conceptual referente ao verbo “sacar” ..	123
Figura 4 – Proposta de rede construcional de MDs focalizadores.	175

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Constituição do <i>Corpus</i>	72
Tabela 2 - Número de ocorrências MDs com só	73
Tabela 3 - Número de ocorrências MDs com bem	74
Tabela 4 – Quantitativo de MDs no esquema	87
Tabela 5 – Descrição quantitativa do subesquema 1 da rede.....	90
Tabela 6 – Descrição quantitativa do subesquema 1.1	93
Tabela 7 – Descrição quantitativa da microconstrução 1.1.1.	95
Tabela 8 – Descrição quantitativa da microconstrução 1.1.2.	97
Tabela 9 – Descrição quantitativa da microconstrução 1.1.3.	100
Tabela 10 – Descrição quantitativa da microconstrução 1.1.4.	102
Tabela 11 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.1.5.	104
Tabela 12 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.1.6.	106
Tabela 13 – Descrição quantitativa da microconstrução 1.1.7.	107
Tabela 14 – Descrição quantitativa do subesquema 1.2	110
Tabela 15 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.2.1.	111
Tabela 16 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.2.2.	113
Tabela 17 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.2.3.	115
Tabela 18 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.2.4.	116
Tabela 19 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.2.5.	118
Tabela 20 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.2.6.	120
Tabela 21 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.2.7.	124
Tabela 22 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.2.8.	126

Tabela 23 – Descrição quantitativa do Subesquema 1.3 da rede.	129
Tabela 24 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.3.1.	130
Tabela 25 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.3.2.	132
Tabela 26 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.3.3.	134
Tabela 27 – Descrição quantitativa do Subesquema 1.4 da rede.	137
Tabela 28 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.4.1.	139
Tabela 29 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.4.2.	140
Tabela 30 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.4.3.	142
Tabela 31 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.4.4.	144
Tabela 32 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.4.5.	146
Tabela 33 – descrição quantitativa do subesquema 1.5 da rede.	149
Tabela 34 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.5.1.	150
Tabela 35 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.5.2.	152
Tabela 36 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.5.3.	154
Tabela 37 – Distribuição quantitativa so Subesquema 2 da rede.....	158
Tabela 38 – Distribuição quantitativa so Subesquema 2.1 da rede.....	160
Tabela 39 – Descrição quantitativa da Microconstrução 2.1.1.	161
Tabela 40 – Descrição quantitativa da Microconstrução 2.1.2.	163
Tabela 41 – Descrição quantitativa da Microconstrução 2.1.3.	165
Tabela 42 – Descrição quantitativa do Subesquema 2.2.	167
Tabela 43 – Descrição quantitativa da Microconstrução 2.2.1.	169
Tabela 44 – Descrição quantitativa da Microconstrução 2.2.2.	171
Tabela 45– Descrição quantitativa da Microconstrução 2.2.3.	172

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Classificação dos advérbios só e bem quanto a seu caráter focalizador	60
Quadro 2 – Descrição do esquema da rede	85
Quadro 3 – Descrição do subesquema 1 da rede	89
Quadro 4 – Descrição do subesquema 1.1 da rede	92
Quadro 5 – Descrição da microconstrução 1.1.1 da rede	94
Quadro 6 – Descrição da microconstrução 1.1.2 da rede	96
Quadro 7 – Descrição da microconstrução 1.1.3 da rede	99
Quadro 8 – Descrição da microconstrução 1.1.4 da rede	101
Quadro 9 – Descrição da microconstrução 1.1.5 da rede	103
Quadro 10– Descrição da microconstrução 1.1.6 da rede	105
Quadro 11 – Descrição da microconstrução 1.1.6 da rede	107
Quadro 12 – Descrição do subesquema 1.2 da rede	109
Quadro 13– Descrição da microconstrução 1.2.1 da rede	110
Quadro 14– Descrição da microconstrução 1.2.2 da rede	112
Quadro 15 – Descrição da microconstrução 1.2.3 da rede	114
Quadro 16 – Descrição da microconstrução 1.2.4 da rede	115
Quadro 17 – Descrição da microconstrução 1.2.5 da rede	117
Quadro 18– Descrição da microconstrução 1.2.6 da rede	119
Quadro 19 – Descrição da microconstrução 1.2.7 da rede	121
Quadro 20 – Descrição da microconstrução 1.2.8 da rede	126
Quadro 21– Descrição do subesquema 1.3 da rede	128

Quadro 22– Descrição da microconstrução 1.3.1 da rede	130
Quadro 23 – Descrição da microconstrução 1.3.2 da rede.	131
Quadro 24 – Descrição da microconstrução 1.3.3 da rede	133
Quadro 25– Descrição do subesquema 1.4 da rede	135
Quadro 26– Descrição da microconstrução 1.4.1 da rede	138
Quadro 27 – Descrição da microconstrução 1.4.2 da rede	140
Quadro 28 – Descrição da microconstrução 1.4.3 da rede	141
Quadro 29 – Descrição da microconstrução 1.4.4 da rede	144
Quadro 30 – Descrição da microconstrução 1.4.5 da rede	145
Quadro 31 – Descrição do subesquema 1.5 da rede	148
Quadro 32 – Descrição da microconstrução 1.5.1 da rede	150
Quadro 33 – Descrição da microconstrução 1.5.2 da rede	151
Quadro 34 – Descrição da microconstrução 1.5.3 da rede	153
Quadro 35 – Descrição do subesquema 2 da rede.	156
Quadro 36 – Descrição do subesquema 2.1 da rede.	158
Quadro 37– Descrição da microconstrução 2.1.1 da rede.	160
Quadro 38– Descrição da microconstrução 2.1.2 da rede.	162
Quadro 39 – Descrição da microconstrução 2.1.3 da rede.	164
Quadro 40 – Descrição do subesquema 2.2 da rede	166
Quadro 41 – Descrição da microconstrução 2.2.1 da rede.	168
Quadro 42 – Descrição da microconstrução 2.2.2 da rede.	170
Quadro 43 – Descrição da microconstrução 2.2.3 da rede.	171

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I	21
1.1. A abordagem construcional da mudança: um modelo baseado no uso	23
1.1.1. As propriedades das construções: esquematicidade, produtividade e composicionalidade	28
1.1.1.1. Esquematicidade	29
1.1.1.2. Produtividade	32
1.1.1.3. Composicionalidade.....	32
1.2. Mudanças construcionais e a construcionalização	33
1.2.1. Os mecanismos de mudança.....	36
1.2.1.1. A neoanálise	36
1.2.1.2. A analogização	37
1.3. Subjetividade e intersubjetividade.....	38
1.3.1. O papel da (inter)subjetividade na mudança linguística.....	39
1.3.2. Metaforização e metonimização	40
1.3. Conclusões.....	41
CAPÍTULO II	43
2.1. Discurso: breves definições.....	44
2.2. Marcadores discursivos.....	46
2.3. Focalização	53
2.3.1. O foco sob o viés funcionalista	53
2.3.2. O foco sob o viés cognitivista.....	54
2.3.3. Modo verbal e sua relação com a focalização	57
2.3.4. Os advérbios como operadores do discurso e do foco	59
2.4. Marcadores discursivos e percepção cognitiva.....	61

2.5. Objetos de focalização	63
2.5.1. Dêixis	64
2.5.2. Avaliação e Argumentação	65
2.5.3. Prefaciação	67
2.5.4. Hipótese.....	68
2.6. Conclusões	69
CAPÍTULO III	70
3.1. A constituição dos <i>corpora</i> para a análise: questões fundamentais.....	70
3.2. O método misto aplicado à análise dos dados.....	74
3.3. Procedimentos de análise dos dados e a Linguística de <i>Corpus</i>	78
3.3.1. A Linguística de <i>Corpus</i>	78
3.3.2. Procedimentos de Análise	80
CAPÍTULO IV	83
ANÁLISE DOS DADOS.....	83
4.1. O esquema.....	84
4.2. Subesquema 1 – Foco Restritivo (só).....	88
4.2.1. Subesquema 1.1 – foco dêitico.....	91
4.2.1.1. Microconstrução 1.1.1 – <i>Olha só 1</i>	93
4.2.1.2. Microconstrução 1.1.2 – <i>Olha só 2</i>	96
4.2.1.3. Microconstrução 1.1.3 – <i>Veja só 1</i>	98
4.2.1.4. Microconstrução 1.1.4 – <i>Veja só 2</i>	100
4.2.1.5. Microconstrução 1.1.5 – <i>Veja só 3</i>	102
4.2.1.6. Microconstrução 1.1.6 – <i>Repara só 1</i>	104
4.2.1.7. Microconstrução 1.1.7 – <i>Confira só 1</i>	106
4.2.2. Subesquema 1.2 – foco restritivo-avaliativo	108
4.2.2.1. Microconstrução 1.2.1 – <i>Olha só 3</i>	110

4.2.2.2. Microconstrução 1.2.2 – <i>Olha só 4</i>	112
4.2.2.3. Microconstrução 1.2.3 – <i>Olha só 5</i>	113
4.2.2.4. Microconstrução 1.2.4 – <i>Veja só 4</i>	115
4.2.2.5. Microconstrução 1.2.5 – <i>Repara só 2</i>	117
4.2.2.6. Microconstrução 1.2.6 – <i>Sente só 1</i>	119
4.2.2.7. Microconstrução 1.2.7 – <i>Saca só 1</i>	120
4.2.2.8. Microconstrução 1.2.8 – <i>Cata só 1</i>	125
4.2.3. Subesquema 1.3 – Foco prefaciativo.....	127
4.2.3.1. Microconstrução 1.3.1 – <i>Olha só 6</i>	129
4.2.3.2. Microconstrução 1.3.2 – <i>Olha só 7</i>	131
4.2.3.2. Microconstrução 1.3.3 – <i>Veja só 5</i>	133
4.2.4. Subesquema 1.4 – foco argumentativo	135
4.2.4.1. Microconstrução 1.4.1 – <i>Olha só 8</i>	137
4.2.4.2. Microconstrução 1.4.2 – <i>Olha só 9</i>	139
4.2.4.3. Microconstrução 1.4.3 – <i>Olha só 10</i>	141
4.2.4.4. Microconstrução 1.4.4 – <i>Veja só 6</i>	143
4.2.4.5. Microconstrução 1.4.5 – <i>Veja só 7</i>	145
4.2.5. Subesquema 1.5 – foco hipotético.....	147
4.2.5.1. Microconstrução 1.5.1 – <i>Imagina só 1</i>	149
4.2.5.2. Microconstrução 1.5.2 – <i>Imagina só 2</i>	151
4.2.5.3. Microconstrução 1.5.3 – <i>Imagina só 3</i>	152
4.2.6. Avaliação geral	154
4.3. Subesquema 2 – Foco Avaliativo (<i>bem</i>)	155
4.3.1. Subesquema 2.1 – Foco em um pedido de apreciação.....	158
4.3.1.1. Microconstrução 2.1.1 – <i>Veja bem 1</i>	160

4.3.1.2. Microconstrução 2.1.2 – <i>Olha bem 1</i>	162
4.3.1.3. Microconstrução 2.1.3 – <i>Repara bem 1</i>	164
4.3.2. Subesquema 2.2 – Foco avaliativo-argumentativo	165
4.3.2.1. Microconstrução 2.2.1 – <i>Veja bem 2</i>	168
4.3.2.2. Microconstrução 2.2.2 – <i>Veja bem 3</i>	169
4.3.2.3. Microconstrução 2.2.3 – <i>Veja bem 4</i>	171
4.3.3. Avaliação geral	173
CONSIDERAÇÕES FINAIS	176
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	180

INTRODUÇÃO

Os processos de mudança linguística são objeto da curiosidade e da investigação dos estudos linguísticos. O funcionalismo linguístico, então, é caracterizado por compreender a língua como um meio de interação e comunicação que não deve ser analisado como sendo único e independente. Para a abordagem funcionalista, ao contrário, a língua constitui um sistema maleável que recebe influências das situações comunicativas a todo tempo, as quais têm grande impacto em determinar, gerar e reformular a gramática e o léxico. Nessa lógica, qualquer inovação que venha a fazer parte de uma língua não é fortuita, mas configura as tendências que os falantes de uma língua apresentam em sua necessidade de comunicação.

Nesse sentido, a abordagem construcional da mudança de Traugott e Trousdale (2013), principal aporte teórico que utilizamos neste trabalho, consiste de um modelo teórico que visa a explicar os processos de mudança linguística, levando em consideração o uso. Essa abordagem se encontra em consonância com os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), pois concebe a língua como um instrumento de interação social cujas mudanças têm suas bases e motivações no contexto discursivo.

Este trabalho, nesse contexto, tem por objetivo a proposta de uma rede construcional para os marcadores discursivos (MDs) focalizadores formados por verbos de percepção cognitiva¹ no modo imperativo seguidos pelos advérbios focalizadores “só” ou “bem”, como, por exemplo: “olha só”, “veja só”, “olha bem” e “veja bem”. Esses marcadores discursivos têm como objetivo básico a chamada de atenção por parte do locutor a seu(s) interlocutor(es). Para tal, assumimos os pressupostos de Traugott e Trousdale (2013), que buscam compreender processos de mudança por meio de um modelo baseado no uso e se pautam nas definições da

¹ Chamamos aqui verbos de percepção cognitiva àqueles que denotam percepção cognitiva, visual, sensorial e outros verbos que passam a denotar esse significado por meio de processos metafóricos. O termo “percepção cognitiva” foi escolhido devido à sua abrangência, uma vez que denota o conhecimento e os meios pelos quais o conhecimento é adquirido pelo corpo humano.

Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001), em que as construções (pareamentos de forma e sentido) são as unidades básicas da língua.

Embora os marcadores discursivos já tenham sido amplamente explorados nos estudos linguísticos (SCHIFFRIN, 1987; MARCUSCHI, 1989; BRINTON, 1996; RISSO, 2006; ROST-SNICHELOTTO, 2008a, 2008b, 2008c, 2009; MARTINS, 2013; ente outros), ainda há poucos estudos que visam à análise desse objeto sob um viés construcional, principalmente sob a abordagem da construcionalização gramatical (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Portanto, as construções analisadas neste trabalho, além de serem amplamente usadas pelos falantes do português brasileiro, evidenciam o caráter de mudança constante da língua. Nesse sentido, uma de nossas hipóteses é a de que os significados do verbo e dos advérbios têm impacto na função de cada marcador; por outro lado, a partir de características em comum, é possível agrupar os marcadores estudados em uma rede taxonômica hierarquicamente organizada, cujo nível mais alto configura uma abstração com base nas similaridades identificadas.

O caráter focalizador dos marcadores discursivos analisados é outro aspecto relevante. Os advérbios “só” e “bem”, que formam os *chunkings* com os verbos de percepção cognitiva no modo imperativo, apresentam escopo restritivo (só) ou avaliativo (bem) no processo de focalização. Esses escopos delimitam, como hipotetizamos, os elementos do discurso focalizado e, também, o modo como tais elementos recebem esse foco, constituindo o que chamamos de “objetos de focalização”, ou elementos, informações e conhecimentos sobre os quais o foco incide, podendo ser classificados de acordo com a sua natureza discursiva.

Nesse caso, os marcadores analisados neste trabalho apresentam formas e sentidos distintos de acordo com o contexto de uso em que estão inseridos, o que evidencia um processo claro de mudança linguística, já que ocorreria uma sucessão gradual de micro-passos – acompanhada de mudanças nos níveis de esquematicidade, produtividade e composicionalidade – e a emergência de novos nós na rede construcional. Vejamos, a seguir, quatro ocorrências que caracterizam nosso objeto de análise:

- (1) “EspecialAmigo secretoAconteceu ontem o amigo secreto de Natal da MAG! Engraçadíssimo, curtimos até a noite que foi regada com pró seco e sucos deliciosos do bistrô da General Glicério. Eu ganhei uma cesta linda

cheeeeeia de chocolates, tudo o que eu queria! **Olha só** a turma da Magnólia...”. (Corpus escrito blogs – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

- (2) “E só pra fechar o post (porque post de corretivo sem foto de antes e depois não existeee), aqui vão fotinhas comparativas: A segunda foto mostra bem a diferença (no meu caso) entre o corretivo amarelado e o de fundo pêssego. **Olha só** como o olho do lado esquerdo de quem olha parece muito **mais natural**.”. (Corpus escrito blogs – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).
- (3) “A maquiagem mineral é ótima para peles sensíveis por ter uma formulação mais ‘natural’ o que a torna hipoalergênica. **Veja bem**, isso NÃO significa que você não terá alergia, significa que o risco de uma reação alérgica é menor.”. (Corpus escrito blogs – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).
- (4) “Look do Dia: étnico navajo! Hoje vou de coletão até os pés. A terceira peça no look é tão importante para deixá-lo mais criativo quanto um acessório. Isto é fato, regrinha da moda rs. **Reparem bem** a Olivia Palermo, ela sempre está com um colete ou um casaco nos ombros. Mas ok, a realidade é outra, nem sempre conseguimos conciliar a correria (e o calor no meu caso) do dia a dia com uma terceira peça no look.”. (Corpus escrito blogs – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

Os exemplos acima apresentam os MDs focalizadores em destaque em ocorrências reais de uso, nas quais podemos perceber que a função em comum é a chamada de atenção para um elemento do discurso por parte do locutor em relação a seu interlocutor.

Nas ocorrências (1) e (2), verifica-se a presença do marcador “olha só”, o qual, devido ao advérbio “só”, apresenta foco restritivo em relação a uma informação específica, conforme discutiremos no capítulo de análise. Em (1), o locutor chama atenção para apenas um detalhe de uma imagem, e o foco restritivo incide sobre “a turma da Magnólia”. Em (2), o locutor chama a atenção de seu interlocutor para uma avaliação acerca de um detalhe da imagem, e o foco se restringe à avaliação da oração encaixada ao marcador.

Nas ocorrências (3) e (4), os marcadores utilizados são, respectivamente, “veja bem” e “reparem bem”, em que o advérbio “bem” apresenta foco avaliativo

devido a seu escopo, como também discutiremos no capítulo de análise. Em (3), o locutor chama a atenção para uma informação apresentada por ele, de modo que o foco avaliativo recaia sobre essa informação. Já em (4), o locutor chama a atenção de seu interlocutor usando o MD “reparem bem”; nesse caso, o foco avaliativo incide sobre o modo de vestir de “Olivia Palermo”, pessoa sobre a qual fala o locutor.

Nesse sentido, levantamos as seguintes hipóteses acerca das construções que nos propomos a analisar: i) o uso dos advérbios *só* e *bem* denota diferentes modos de focalização; ii) os diferentes verbos usados nos MDs caracterizam diferentes funções baseadas em seus sentidos; e iii) tais construções configuram-se como casos de construcionalização gramatical. Com isso, nossos objetivos com esta pesquisa são: i) analisar e descrever os padrões construcionais de marcadores discursivos focalizadores formados por verbos de percepção cognitiva no modo imperativo seguidos pelos advérbios focalizadores “só” e “bem”; ii) propor uma rede construcional a partir dos padrões identificados e analisados.

A fim de cumprir os objetivos acima, contamos com um *corpus* escrito sincrônico atual, cujas sincronias representam os anos de 2008, 2011, 2014 e 2017 e cujos textos foram retirados de *blogs* de diferentes temáticas, apresentando uma modalidade mais informal da língua. A análise foi feita a partir do método misto – que une a análise quantitativa e a qualitativa –, pois, de acordo com Cunha Lacerda (2016), essa metodologia pode contribuir para a compreensão de como as inovações que emergem no fluxo da interação se fazem regulares na língua.

Para o levantamento, a quantificação e a extração dos dados, contamos com a Linguística de *Corpus*, que, segundo Kader e Richter (2013), consiste em uma metodologia com a qual é possível analisar *corpora* linguísticos por meio de programas de computador com o intuito de auxiliar o pesquisador durante a análise. Nesse sentido, utilizamos o *software* AntConc 3.2.1 – criado por Laurence Anthony da Universidade de Waseda, no Japão –, que consiste em uma ferramenta cuja função concordanciadora permite que os dados sejam extraídos.

Isso posto, de modo a cumprir os objetivos propostos, este trabalho se organiza da seguinte maneira: a) no Capítulo I, discutimos a abordagem construcional da mudança linguística e, em especial, a construcionalização gramatical e a formação de redes construcionais; b) no Capítulo II, tratamos das

definições de discurso e de marcadores discursivos, além de discutirmos também focalização e objetos de focalização; c) no Capítulo III, apresentamos os pressupostos metodológicos que nos auxiliaram em nossa pesquisa e em nossa análise; d) no Capítulo IV, apresentamos a análise dos dados e a proposta de rede construcional; e) e, nas considerações finais, apontamos as conclusões mais sistemáticas a que chegamos a partir da análise realizada.

CAPÍTULO I

A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA MUDANÇA LINGUÍSTICA: questões fundamentais

Este capítulo tem por objetivo delimitar algumas questões teóricas fundamentais para a análise de marcadores discursivos com função focalizadora que compõem este trabalho, como, por exemplo, “olha só”, “veja só”, “olha bem”, “veja bem”, dentre outros. Pretendemos discutir, de maneira breve, o que se entende por funcionalismo linguístico e as razões pelas quais a abordagem construcional da mudança (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) se insere em suas premissas.

O funcionalismo linguístico tem como um de seus principais fundamentos a concepção da língua como um instrumento de interação social, maleável, que está sujeito às diversas influências advindas das diferentes situações comunicativas, podendo causar alterações em sua estrutura gramatical e lexical (MARTELOTTA; KENEDY, 2015). Pensando dessa forma, o estudo de marcadores discursivos com função focalizadora apresenta contribuição relevante para os estudos linguísticos de cunho funcionalista, porque a instanciação de novas construções gramaticais, que são oriundas de situações comunicativas menos formais e que passam a ser usadas em situações de diferentes níveis de formalidade, podem ser consideradas como uma forma de alteração da gramática da língua.

Desse modo, neste capítulo: i) apresentaremos as principais referências teóricas que tratam dessa abordagem; ii) apontaremos as suas principais

contribuições; e iii) suscitaremos reflexões a partir de um olhar crítico sobre as possibilidades que essa abordagem proporciona.

Trataremos, portanto, da abordagem construcional da mudança mais profundamente, uma vez que este é o modelo teórico a partir do qual as análises realizadas neste trabalho se baseiam. Traugott e Trousdale (2013), proponentes dessa abordagem, defendem que a unidade básica da língua é a construção, tida como um pareamento de forma e sentido, cujo modelo é [forma] <>[sentido], em que nenhum aspecto da forma se sobrepõe a nenhum aspecto do sentido, e vice e versa. Além disso, esse modelo assume a noção de rede construcional, que considera que as construções são organizadas hierarquicamente, constituindo cada construção um nó separado da rede. Dessa forma, as redes construcionais formam um inventário estruturado de unidades simbólicas e complexas que abarca o conhecimento que os falantes de uma língua têm dela.

Trataremos também dos conceitos de subjetividade e intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2005), destacando seu papel nos processos de mudança linguística, uma vez que esses conceitos são usados para a análise da mudança semântica a partir de uma perspectiva discursiva, isto é, da língua em uso. Tais pressupostos, como veremos, são compatíveis com o modelo teórico proposto por Traugott e Trousdale (2013).

Desse modo, a organização deste capítulo será da seguinte forma: na seção 1.1., trataremos da abordagem construcional da mudança e de sua inserção nos pressupostos da LFCU. Essa seção será subdividida da seguinte forma: em 1.1.1., abordaremos as propriedades das construções; em 1.1.1.1., discutiremos o conceito de esquematicidade; em 1.1.1.2., apresentaremos o conceito de produtividade; e, em 1.1.1.3., trataremos do conceito de composicionalidade. Na seção seguinte, 1.2., discutiremos os conceitos de mudança construcional e construcionalização. Essa seção será subdividida em 1.2.1., na qual tratamos dos mecanismos de mudança; e, em 1.2.1.1. e 1.2.1.2., em que abordaremos os conceitos de neanálise e analogização, respectivamente. Na seção 1.3., trataremos dos conceitos de subjetividade e intersubjetividade. Nesse caso, em 1.3.1., discutiremos os mecanismos que possibilitam que as mudanças ocorram, conforme abordaremos em 1.3.2. E, por fim, na seção 1.4, sintetizaremos as conclusões deste capítulo.

1.1. A abordagem construcional da mudança: um modelo baseado no uso

Nesta seção, trataremos da abordagem construcional da mudança e destacaremos por que o objeto deste trabalho pode ser analisado sob essa perspectiva. Além disso, exporemos os motivos pelos quais um estudo centrado no uso de uma comunidade linguística é crucial para os processos de mudança linguística.

Primeiramente, devemos situar este trabalho sob a perspectiva da linguística funcional, que, como posto anteriormente, concebe a língua como um instrumento social maleável, no qual acontecem diversas mudanças de cunho gramatical e lexical devido a seu caráter interacional. Portanto, os processos de mudança linguística se inserem no funcionalismo linguístico por serem característicos de um sistema maleável em que, a todo tempo, os falantes inovam a partir da concepção de gramática estabelecida.

O funcionalismo linguístico contemporâneo concebe a língua como um instrumento social de interação, investigando não apenas a estrutura gramatical, mas também seus contextos de uso. Nesse contexto, se insere a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que consiste na combinação dos pressupostos da Linguística Funcional, originalmente norte-americana, com os da Linguística Cognitiva. Nesse cenário, a LFCU busca analisar as estruturas gramaticais que emergem do uso, o que, conseqüentemente, ocasiona processos de mudança nessa estrutura compartilhada por uma comunidade de fala.

Um dos grandes argumentos para que se estude a língua a partir de dados reais de fala é que essa se configura como uma atividade complexa e dinâmica. Bybee (2010) argumenta que a experiência e o conhecimento são basilares para entender a língua tanto na sincronia quanto na diacronia e que o uso causa grande impacto nas representações cognitivas da própria língua. Portanto, sendo a língua um dos recursos da cognição humana, essas mudanças acontecem de forma motivada pelos mecanismos de conceptualização, passando, por exemplo, por processos metafóricos e metonímicos, os quais se estruturam em padrões de mudança.

Por esse motivo, Traugott e Trousdale (2013) concebem que as línguas são compreendidas em redes taxonômicas hierarquicamente organizadas, subdividas em três níveis: esquemas, subesquemas e microconstruções. Além disso, cada nó

dessas redes representa uma estrutura linguística, isto é, uma construção. E, com os processos de mudança, novos nós e novas redes vão se agregando às outras, formando uma grande rede que representa a gramática e o léxico de uma língua.

A abordagem desses autores é a mais recente no que diz respeito aos processos de mudança linguística, pautando-se nos pressupostos da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001) por considerar sua premissa básica: as construções são as unidades básicas das línguas.

Goldberg (1995) postula que as construções são pareamentos de forma e sentido em que algum aspecto da forma ou do sentido não deriva da combinação das partes que compõem construções já existentes. A Gramática das Construções (GC), cujas bases advêm da Linguística Cognitiva, defende que a língua é aprendida em *chunks* (unidades de processamento linguístico) e que as construções são pares de forma e sentido aprendidos, que podem variar no grau de esquematicidade, no tamanho, na forma e na complexidade.

Esses pares têm várias dimensões, dentre elas tamanho, especificidade fonológica e tipo, sendo todas elas gradientes. No que tange à dimensão do tamanho, uma construção pode ser atômica, complexa ou ambas. Construções atômicas apresentam apenas um morfema – como, por exemplo, o morfema de plural do português -s; as construções complexas são constituídas de unidades de processamento linguístico (*chunks*) analisáveis – eg. as construções tema deste trabalho, “olha só”, “veja bem” etc.

A dimensão da especificidade fonológica refere-se à condição de uma construção ser autônoma, esquemática ou intermediária. Como o nome já diz, uma construção autônoma é totalmente especificada fonologicamente, podendo ser, por exemplo, o sufixo de plural, ao passo que, para que uma construção seja totalmente esquemática, ela deve ser uma abstração, como uma categoria gramatical (Substantivo). Contudo, em muitas abordagens, define-se a construção como complexa, envolvendo vários graus de esquematicidade.

A dimensão de tipo, por outro lado, classifica uma construção como de conteúdo (lexical) ou processual (gramatical). As construções lexicais estão associadas a categorias referenciais esquemáticas, como verbo, substantivo e adjetivo. Já as construções gramaticais têm significado abstrato que indicam relações linguísticas, perspectivas e orientação dêitica, ou seja, são expressões linguísticas que podem combinar conceitos para chegar a uma representação

conceitual. Embora haja essas definições que separam a constituição de uma construção entre gramatical e lexical, a GC estabelece que o léxico e a gramática fazem parte de um *cline*, uma gradação. Isto é, na maioria dos casos, uma construção pode ser caracterizada como pertencente a todas as três dimensões.

A partir dessas premissas, Traugott e Trousdale (2013)² consideram que as construções constituem um pareamento de forma e sentido, cujo modelo é [Forma] <> [Sentido], em que nenhum aspecto da forma se sobrepõe a nenhum aspecto do sentido, e vice e versa, como já apontado anteriormente. Em [Forma], estão contidas a sintaxe, a morfologia e a fonologia de uma construção, ao passo que, em [Sentido], estão contidos discurso, semântica e pragmática. Deve-se entender o discurso como a função discursiva de uma construção, não se referindo ao contexto do discurso em si, mas sim ao papel que uma construção desempenha nele. Além disso, partindo dos pressupostos de Croft (2001), em sua *Radical Construction Grammar* – que considera que as construções não existem de forma isolada –, Traugott e Trousdale (2013) assumem que o conhecimento humano de uma língua é organizado em redes taxonômicas hierarquicamente organizadas, que consistem de construções, sendo que cada uma delas estabelece um nó separado dessas redes, formando um inventário estruturado de unidades simbólicas e complexas.

Conforme a visão dos autores, as mudanças em uma rede compartilhada por uma comunidade de falantes são desenvolvidas por meio do compartilhamento de micro-passos inovadores que vão ocorrendo dentro do âmbito individual das interações linguísticas. Essas inovações são manifestações de uma rede individual, por serem muitas vezes únicas e idiossincráticas, porém, ao chegarem a um nível em que sua forma e seu significado ganham replicações em uma escala maior e passam a ser compartilhadas por uma rede social, essas inovações chegam a um nível em que se tornaram mudanças convencionalizadas para mais de um indivíduo. Tais mudanças construcionais agregam novas ligações entre os nós de uma rede, mas não um novo nó, que só passa a existir depois que há construcionalização.

Portanto, uma rede construcional abarca um conjunto de construções que compartilham características similares. Essas características se agrupam na rede por meio de seus níveis construcionais: construto, microconstrução, subesquema e

² O modelo de Traugott e Trousdale (2013), além de ter se baseado em Golberg (1995) e Croft (2001), faz uma reinterpretação desses modelos, pois, na obra de 2013, os autores se propõem a tratar de processos de mudança linguística sob um viés construcionista, visando um outro tipo de análise sob a partir das visões de construção já elaboradas.

esquema. Os construtos são definidos como as ocorrências empiricamente atestadas a partir de um *Corpus*, relacionando-se diretamente com a frequência *token*, pois são o *locus* da inovação individual, podendo vir a ser convencionalizados na língua. As microconstruções se referem às construções individuais já convencionalizadas e produtivas na língua. Os subsquemas abarcam as similaridades entre as microconstruções já convencionalizadas; e, finalmente, os esquemas são as abstrações das construções que compõem a rede, isto é, as construções mais genéricas da rede que têm diversas possibilidades de preenchimento de acordo com sua especificidade.

Hudson (2007) observa que uma rede cognitiva não está limitada ao léxico, sendo dinâmica, isto é, novos nós e ligações podem continuar sendo estabelecidos; dessa maneira, esses valores estão sempre em fluxo. Além disso, o autor relembra que o conceito de rede já era pensado por Saussure (1915) ao caracterizar a língua como um sistema de termos interdependentes, o que reforça o modelo de Traugott e Trousdale (2013).

A fim de ilustrar a representação de um modelo de rede construcional, os autores tomam emprestado de Hudson (2007a) – mais especificamente, de sua *Word Grammar* – um modelo simples proposto por Taylor (1989) que mostra as associações conceituais de níveis básicos (por exemplo, *cinzeiro*) até níveis conceituais mais gerais e esquemáticos (como, *mobília*), para debater a questão de prototipia. Vejamos o exemplo abaixo:

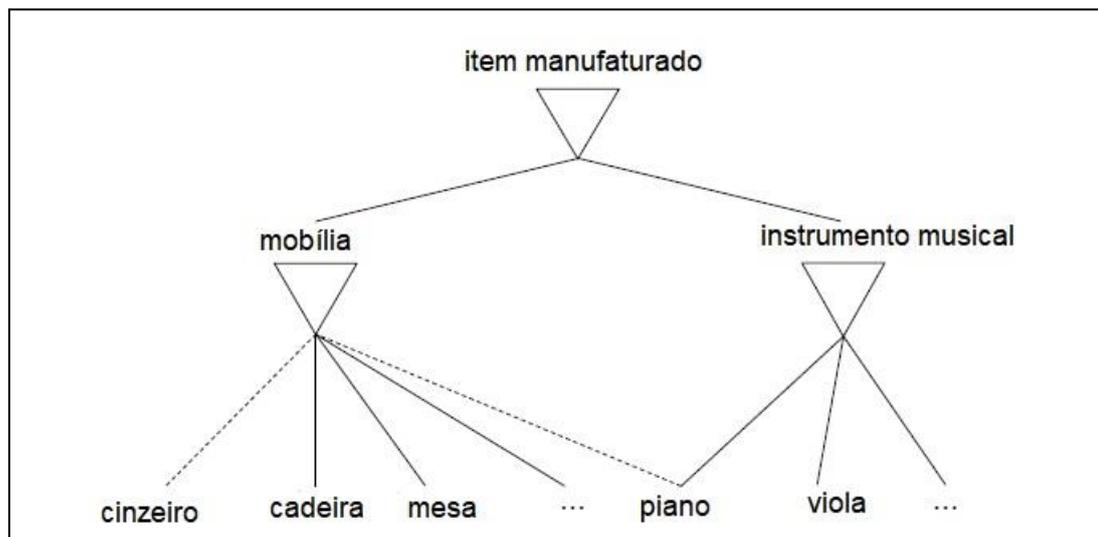


Figura 1 – Exemplo do modelo de rede utilizado por Hudson (2007a) e proposto por Taylor (1989).

Na Figura 1, podemos observar que, na base de cada triângulo, estão as categorias mais genéricas, nas quais se encontram outras subcategorias, apontadas pelos ápices. As linhas mostram as associações entre conceitos, isto é, entre uma categoria e os elementos que a constituem. As linhas pontilhadas, por outro lado, mostram a ligação entre certos elementos e uma categoria, mas sem que haja um compartilhamento total de todas as características dessa categoria com o elemento ligado por essas linhas. Pensando dessa maneira, um cinzeiro não compartilha todas as características de mobília, mas, por compartilhar algumas propriedades com os elementos centrais dessa categoria (como, por exemplo, ser um item que se pode mover e que pode ser usado como decoração), esse elemento é ligado pela linha pontilhada à categoria mais genérica *mobília*.

O modelo de rede contrasta com outras abordagens linguísticas, além de não descrever apenas uma parte da língua, conforme os pressupostos da Linguística Cognitiva, mas sim toda a arquitetura da linguagem, de modo a tudo ser passível de ser formalmente descrito, no que tange aos nós e suas relações, pois a língua é uma rede em sua totalidade (HUDSON, 2007b, p. 509). Por isso, o modelo de rede de Traugott e Trousdale (2013) se destaca para o estudo de processos de mudança linguística, em que as novas construções podem gerar novas redes ou se agregarem a redes já existentes.

O conceito de rede é uma metáfora que visa a agrupar um conjunto de estruturas do conhecimento linguístico humano, que, como mostra a rede de Hudson (2007a), não é exclusivo da abordagem de Traugott e Trousdale (2013). Autores como Fillmore e Baker (2001, 2010), Goldberg (1995, 2006), Croft (2001), Langacker (2008) entre outros já publicaram trabalhos em que há a presença da noção de rede. Os autores supracitados são cognitivistas, logo, a ideia de rede é adequada a seus estudos pelo fato de outros aspectos da cognição humana, como habilidades visuais e musicais, por exemplo, também serem estruturadas em rede.

Bybee (2010) corrobora o uso da noção de rede na abordagem tida como norte deste trabalho por afirmar que a categorização presente na língua faz parte da capacidade natural dos humanos de categorizar, estabelecer relações e focar tanto em níveis globais quanto em níveis mais específicos. Isso dialoga diretamente com a visão de Goldberg (1995) de que o conhecimento que temos da língua é conhecimento, ou seja, o conhecimento da língua faz parte de um sistema bem

maior de todo nosso sistema de conhecimento, que inclui todas as nossas capacidades cognitivas.

Tendo em vista que a língua é um tipo de rede conceptual, o modelo de rede é central para a Linguística Cognitiva, assim como é para outros aspectos da cognição. Como Langacker (2008) afirma, a língua é “um inventário **estruturado** de unidades linguísticas convencionalizadas. Essa estrutura – a organização das unidades em redes e montagens – está intimamente relacionada ao uso da língua, em que ambos o moldam e são moldados por ele” (LANGACKER, 2008, p. 222, grifo do autor, tradução nossa³).

Dessa forma, além de a abordagem construcional da mudança se adequar aos pressupostos da LFCU, a Linguística Cognitiva também é parte de suas premissas, por tomar seu modelo de construções, por considerar as motivações conceptuais das mudanças e, evidentemente, pela inovação de tornar as redes construcionais como forma de organizar hierarquicamente o conjunto de novas construções. E, para tal, é importante compreender as propriedades das construções elencadas na seção a seguir.

1.1.1. As propriedades das construções: esquematicidade, produtividade e composicionalidade

Traugott e Trousdale (2013) estabeleceram um modelo visando a dar conta das mudanças linguísticas a partir de construções organizadas hierarquicamente em redes taxonômicas, cujo nível mais alto apresenta maior grau de abstração. Os autores, então, elencam três propriedades da Gramática de Construções mencionadas na literatura que estão envolvidas nos estágios dos processos de mudança e que, portanto, são cruciais em uma rede. São elas: i) esquematicidade; ii) produtividade e iii) composicionalidade.

³No original: “[...] a **structured** inventory of conventional linguistic units. This structure –the organization of units into networks and assemblies – is intimately related to language use, both shaping it and being shaped by it” (LANGACKER, 2008, p. 222, grifo do autor).

1.1.1.1. Esquematicidade

A esquematicidade é uma propriedade de categorização em que deve haver abstração, pois um esquema, seja ou não linguístico, consiste em uma generalização taxonômica de categorias. Além disso, os esquemas são, em sua essência, padrões da experiência humana de base cognitiva (KEMMER, 2003, *apud* TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Como posto anteriormente, os esquemas em uma rede representam o mais alto nível abstrato de um conjunto de construções agrupadas por similaridade tanto na forma quanto no sentido, porque, conforme Traugott e Trousdale:

[...] esquemas linguísticos são abstratos, grupos de construções semanticamente gerais, sejam processuais ou de conteúdo [...]. Eles são abstrações de conjuntos de construções que são (inconscientemente) percebidos pelos usuários de uma língua como estritamente relacionados uns com os outros na rede construcional. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 14, tradução nossa⁴).

O linguista, então, escolhe um esquema linguístico para obter seu objeto de análise, sendo esse uma das subpartes do sistema linguístico. A esquematicidade de uma construção refere-se à sua capacidade de abranger padrões mais gerais de uma série de construções mais específicas, isto é, um esquema é entendido como contendo diversos *slots* preenchíveis de acordo com o padrão de estrutura estabelecido para ele. Isso ocorre devido aos graus de esquematicidade, que se referem a níveis de generalidade ou de especificidade e se afunilam até as extensões de uma rede que têm maior grandiosidade de detalhes. Tomemos como exemplo o esquema animal: nele temos uma abstração tão grande em que há níveis mais específicos, como mamíferos, chegando até níveis com mais riqueza de detalhes, como cachorro. E afunilando ainda mais, quando especificamos a sua raça, temos, por exemplo, um cachorro da raça labrador. Este último tem características tão intrínsecas à sua forma que não pode ser confundido com outro animal ou, até mesmo, outra raça do esquema cachorro.

E é basicamente dessa forma que os esquemas linguísticos são caracterizados: a partir de outros níveis mais baixos que compartilham

⁴No original: "In our view linguistics schemas are abstract, semantically general groups of constructions, whether procedural or contentful, as discussed in the preceding subsection. They are abstractions across sets of constructions which are (unconsciously) perceived by language-users to be closely related to each other on the construcional network. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 14)

características, chega-se a um esquema. Logo, um esquema linguístico é instanciado por um (ou mais) subesquema, que, por sua vez, em um nível abaixo, é instanciado por um conjunto de microconstruções, que, como posto anteriormente, se caracterizam como os membros de tipo mais específico de um esquema. É importante ressaltar que novos subesquemas podem ser desenvolvidos com o passar do tempo, ao passo que outros já existentes também podem ser perdidos, pois dependem dos processos de mudança linguística que veremos na seção posterior.

Um argumento em favor dos esquemas linguísticos é encontrado em Goldberg (2006), que levanta a hipótese de que os falantes não têm apenas o conhecimento específico das construções de sua língua, mas também têm o conhecimento generalizado e esquemático delas. Por isso, conseguimos pensar na grande variedade de expressões *token*, os construtos, as evidências empíricas de um esquema. À vista disso, é possível entender o grande nível de criatividade dos falantes, isto é, as diferentes possibilidades de preenchimento de *slots* em uma construção. Por exemplo, Goldberg (2006) dá o exemplo da construção esquemática em inglês X dá Y a Z (eg. *I gave him a cake*), que pode ser preenchida com outros verbos nessa língua, como *bake, cook, prepare* etc.

Ainda sobre a propriedade da esquematicidade das construções, podemos afirmar que ela é gradiente em duas formas. A primeira se refere ao fato de a boa formação de uma construção dever-se a uma questão de convenção entre os falantes e, ocasionalmente, a sua instanciação no uso, que é apenas parcial. No uso da língua, é normal que os falantes criem construções não convencionais e que essas sejam toleradas e esperadas. Com isso, acabam por realizarem um papel importante nos processos de mudança, uma vez que, com o passar do tempo, tais estruturas não convencionais, se tornando completamente sancionadas e fazendo parte de uma construção mais geral e esquemática.

A segunda forma se refere aos termos de distinções hierárquicas que podem ser feitas, isto é, aos níveis de esquematicidade postos anteriormente: esquema, subesquema, microconstrução e construto. Para Traugott e Trousdale (2013), essa forma de hierarquização reflete o fato de que os usuários de uma língua tendem a ser tão sensíveis a padrões mais gerais quanto a informações específicas. Por isso, os autores propõem esses níveis de descrição e análise para as mudanças construcionais e ressaltam que não são distinções, que podem mudar as relações

que compartilhem entre si ao longo do tempo. Além disso, os autores destacam que uma mudança construcional

[...] começa quando novas associações entre construtos e construções surgem ao longo do tempo, *i.e.*, quando replicações de *tokens* levam a categorizações provisórias que não estavam disponíveis aos usuários da língua anteriormente e podem, portanto, serem chamadas de “novas”. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 17, tradução nossa⁵).

Sendo assim, de acordo com o que foi desenvolvido pelos autores, a Figura 2 abaixo representa um modelo de rede construcional baseado na hierarquia proposta, em que o esquema é uma abstração mais geral, o subesquema representa o agrupamento de microconstruções e a microconstrução é a abstração do uso dos Construtos. Vejamos:

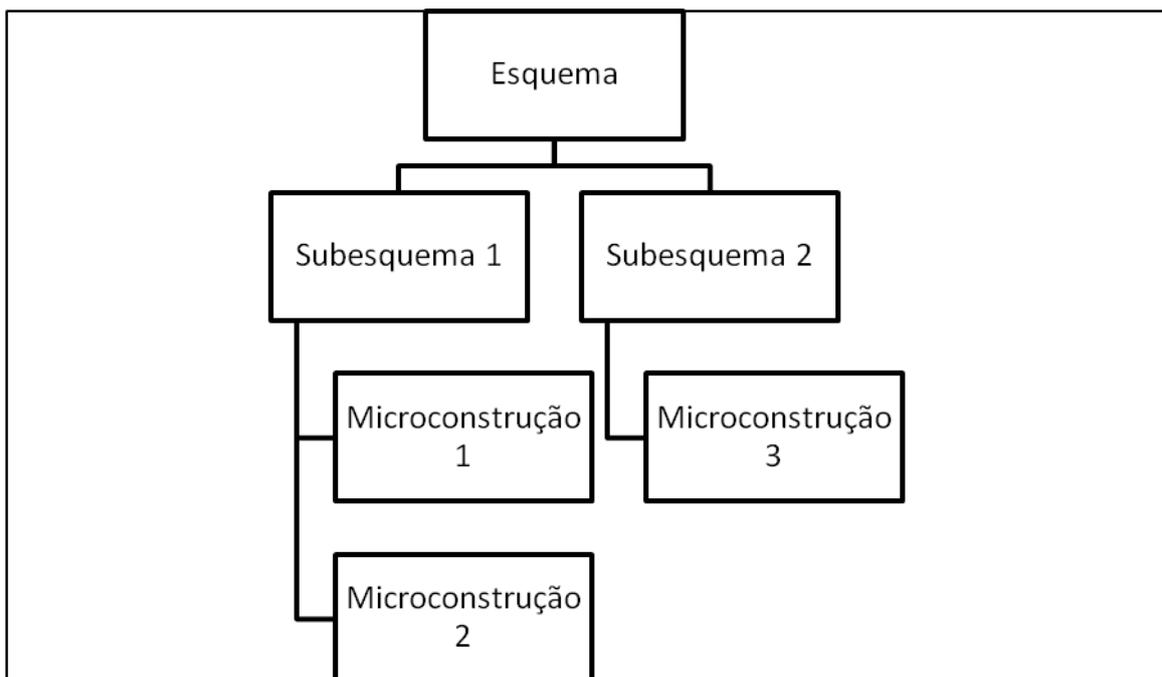


Figura 2 – Modelo de rede construcional de acordo com os pressupostos e adaptado do modelo de Traugott e Trousdale (2013).

⁵No original: “[...] Constructional change begins when new associations between constructs and constructions emerge over time, *i.e.* when replication of tokens leads to provisional categorizations that were not available to language-users before and can therefore be called ‘new’”. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 17).

1.1.1.2. Produtividade

Além da propriedade da esquematicidade, há também a produtividade, que se refere, conforme destacam os autores, à frequência de uso de uma construção. Bybee (2003, 2011) distingue a importância das frequências *type* e *token*. De acordo com a autora, esses dois métodos são relevantes para a contagem da frequência nos estudos linguísticos, pois a frequência *token*, ou de texto, se caracteriza pela frequência de ocorrência de uma unidade no decorrer de um texto, do uso. Por sua vez, a frequência *type* se refere à frequência de um certo padrão. Nesse sentido, a autora nos fornece o exemplo do sufixo temporal de passado do inglês, *-ed*, pois, embora haja diversas formas diferentes que também expressam o passado nessa língua, o sufixo *-ed* tem a maior frequência.

Para Traugott e Trousdale (2013), a frequência de uma construção deve ser medida igualando tanto a frequência *token* quanto a *type*, pois a formação de novas construções normalmente se espalha de forma gradual com o aumento de sua frequência de uso ao longo do tempo. O aumento da frequência de uso se refere ao aumento da frequência de construtos, ou seja, os falantes passam a usar cada vez mais as novas construções emergentes, levando, assim, à sua rotinização e automatização.

Outro fator que os autores destacam em relação à produtividade é o fenômeno nomeado por Himmelmann (2004) de *host-class expansion*, que consiste no alcance que as novas construções podem obter. Por serem naturalmente esquemáticas, elas podem ser empregadas em colocações diferentes daquelas em que costumam ser usadas.

1.1.1.3. Composicionalidade

A última propriedade das construções é a composicionalidade, que se refere à transparência que a ligação entre forma e sentido tem. Geralmente, essa propriedade é associada tanto à semântica (no que tange ao significado das partes e do todo) quanto às propriedades combinatórias do componente sintático, exatamente por ser composicional e permitir a construção de expressões recursivas e bem formadas. Sendo assim, de um ponto de vista construcional, a

composicionalidade é mais bem entendida em termos de *match* ou *mismatch* dos aspectos da forma e do sentido, isto é, um construto, para se caracterizar composicional, deve ser produzido de acordo com as normas convencionais de sintaxe para que o interlocutor o escute e consiga compreender seus itens e a semântica do todo, havendo, portanto, um *match* entre forma e sentido. Caso isso não ocorra, haverá um *mismatch*, já que o significado do todo não terá relação com a sintaxe empregada. Bons exemplos de *mismatches* são as expressões idiomáticas (como, por exemplo, “a vaca foi pro brejo”), em que a sintaxe empregada e a semântica do todo não condizem com o real significado de expressões desse tipo.

Os autores assumem a co-ocorrência das propriedades das construções como fundamentais aos estágios do processo de mudança linguística. Percebemos, também, que nesse modelo há grandes contribuições no que diz respeito à esquematicidade, principalmente por ser uma propriedade basilar na emergência de uma rede construcional. Na seção seguinte, contudo, discutiremos as diferenças entre mudanças construcionais e construcionalização e, principalmente, seus papéis no que tange à mudança.

1.2. Mudanças construcionais e a construcionalização

Nas seções anteriores, discutimos as propriedades das construções e as proposições do modelo de Traugott e Trousdale (2013), principalmente no que se refere às redes construcionais e ao seu papel nos processos de mudança linguística. Nesta seção, daremos ênfase a esses processos e definiremos, de acordo com nossas hipóteses, qual desses processos mais bem se adapta às construções selecionadas como objeto deste trabalho.

Como posto anteriormente, a obra de 2013 se encaixa nas premissas da LFCU, e, como os próprios autores evidenciam, a Gramática de Construções também é vista como uma gramática baseada no uso, assim como observam Goldberg (1995) e Croft (2001). Partindo dessa perspectiva, as mudanças linguísticas são entendidas como oriundas da interação e da negociação que há nas relações locutor-interlocutor. Ademais, ao contrário do que já foi defendido algumas vezes, Bybee (2010) defende que a mudança linguística ocorre na língua em uso, principalmente pelos adultos, e não no processo de aquisição da linguagem, já que,

nessa fase, as crianças adquirem a língua usada em seu entorno, pelas pessoas mais velhas.

A partir dessa premissa, Traugott e Trousdale (2013) entendem que a mudança se inicia a partir de uma nova representação na mente do usuário da língua e que as construções têm dimensões internas em que só se aplicarão inovações em uma dessas dimensões, sendo que a mudança completa apenas se convencionada quando compartilhada por um grupo de falantes.

Isso posto, além de caracterizarem uma rede construcional, os autores entendem que existem dois processos de mudança: i) mudança construcional – mudança interna dos componentes ou da forma ou do sentido de uma construção, sem que haja a instaciação de um novo nó na rede – e ii) construcionalização – instaciação de novos padrões de construções, que, conseqüentemente, criam nós em uma rede. Esse modelo, por conseguinte, compreende as mudanças ocorridas tanto na gramática quanto no léxico.

Tomando a análise de MDs focalizadores – e assumindo que eles constituem novos pareamentos de forma e sentido –, temos, então, casos de construcionalização, conceito que Traugott e Trousdale (2013) definem da seguinte forma:

[...] a criação de (combinações de) novos pares forma-sentido. Formando novos tipos de nós, os quais têm nova sintaxe ou morfologia e novos significados codificados na rede linguística de uma população de falantes. É acompanhada de mudanças em grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre é resultado de uma sucessão de micropassos e é, portanto, gradual. Novas microconstruções podem, da mesma forma, serem criadas gradualmente, porém podem também ser instantâneas. Microconstruções criadas gradualmente tendem a ser processuais, enquanto as criadas instantaneamente tendem a ter mais conteúdo. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22, tradução nossa⁶).

⁶No original: “Constructionalization is the creation of form_{new}-meaning_{new} (combinationsof) signs. It forms new types of nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity, and compositionality. The constructionalization of schemas always results from a succession of micro-steps and is therefore gradual. New micro-constructions may likewise be created gradually, but they may also be instantaneous. Gradually created micro-constructions tend to be procedural, and instantaneously created micro-constructions tend to be contentful”. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22).

Logo, a construcionalização é caracterizada pela instanciamento de novos pares forma-sentido, de novas construções em uma língua, sejam elas de cunho lexical ou gramatical. E, como se trata de construções, as propriedades elencadas na seção anterior se mostram imprescindíveis nesse processo, pois, primeiro, para que haja a mudança, é necessário que se ateste a frequência de uma construção, verificando a sua produtividade em meio à comunidade de falantes. Em se tratando da composicionalidade, os próprios usuários da língua passam a compreender se há *match* ou *mismatch* entre a forma e o sentido dessa construção, ou seja, se se trata de uma construção composicional ou não. Por fim, verifica-se se esta nova construção tem algum grau de esquematicidade, se forma parte de um esquema novo, ou se forma parte de esquema já existente, podendo ser incluída em um de seus subesquemas ou até ser incluída em um novo. Por isso, a relação de desenvolvimento ou perda de subesquemas está intrinsecamente ligada aos processos de mudança construcional e construcionalização.

É importante frisar que esses processos ocorrem de maneira gradual em uma comunidade de fala e que os usuários da língua não se dão conta desses passos. Ao se depararem com uma nova estrutura da língua cujo sentido lhes é desconhecido, os usuários negociam o significado daquela nova forma a partir de inferências sugeridas, a partir do contexto em que se insere. A gradualidade, então, é entendida como um fenômeno discreto de mudança que se caracteriza por mudanças mínimas em micro-passos que vão se agregando a um sistema linguístico, uma vez que “geralmente apenas uma parte da construção muda de uma vez. O que significa que os passos são pequenos. Uma sucessão de passos pequenos e discretos na mudança é um aspecto crucial do que se entende por gradualidade” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 74, tradução nossa⁷). Em vista disso, o processo de construcionalização cria nós em uma rede construcional, sendo que cada nó constitui uma estrutura complexa de forma-sentido e que uma nova construção apenas será incorporada a uma rede se passa por tal processo de gradualidade.

Nesse sentido, os autores afirmam que, para haver construcionalização, é necessário que antes tenha havido mudanças construcionais. Estas, por sua vez,

⁷No original: “Usually only one feature of a construction changes at a time. This means steps are small. A succession of small discrete steps in change is a crucial aspect of what is known as ‘gradualness’. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 74)

ocorrem a partir de uma sucessão de micropassos. Logo, para que se compreenda o processo de construcionalização, é necessário entender os mecanismos de mudança que fazem com que uma construção passe por esse processo.

1.2.1. Os mecanismos de mudança

Mecanismos de mudança são frequentemente associados por se caracterizarem como o “como” da mudança, em contraste com as motivações, que são entendidas como o “por que” da mudança. Traugott e Trousdale (2013) referem-se a esses mecanismos como “motivações baseadas na cognição” por tratarem do pensamento analógico, de questões de aquisição da língua, além de necessidades comunicativas que cada falante tem de se apresentar como único, notável ou de se afirmar como pertencente a um grupo social.

Bybee (2001) define esses mecanismos como “processos que ocorrem enquanto a língua está em uso e que esses são os processos que criam uma língua⁸”. Ademais, a autora afirma que há uma combinação finita de mecanismos ligados à cognição humana, como o nosso sistema neuromotor e perceptual, por exemplo, que se aliam e interagem com as habilidades linguísticas, criando infinitas possibilidades de novas estruturas. Dentre esses mecanismos, destacamos os seguintes: neoanálise e analogização.

1.2.1.1. A neoanálise

A neoanálise, anteriormente chamada de reanálise, se configura, basicamente, como um mecanismo que pressupõe mudanças construcionais em micropassos, sejam na forma ou no significado. Traugott e Trousdale (2013) diferenciam esse conceito do de reanálise – que, de acordo com os pressupostos da gramaticalização (MEILLET, 1912), se caracteriza por mudanças basilares da estrutura de uma expressão que não envolvem modificações imediatas na sua

⁸ No original: “Mechanisms of change are processes that occur while language is being used, and these are the processes that create language.”. (BYBEE, 2001, p. 190).

superfície, que se caracteriza “como um micro-passo em uma mudança construcional⁹”, realizado a partir de implicaturas pragmáticas e inovações semânticas.

O que os autores da obra de 2013 argumentam, contudo, é que um dos problemas é a nomenclatura adotada: o prefixo “re” pressupõe mais uma análise, que se analise de novo uma construção, logo, se um falante de uma determinada língua não internalizou uma certa construção e a interpreta de maneira diferente da que o falante pretendeu, não houve reanálise, mas sim uma análise diferente. Isso quer dizer que não se pode reanalisar uma construção desconhecida. Outro argumento de que o conceito de reanálise é problemático recai sobre o fato de o mecanismo não ocorrer quando há novas distribuições modeladas na análise, isto é, quando novos significados para uma construção ou novas formas são usados.

1.2.1.2. A analogização

Vimos, então, que há dois principais mecanismos de mudança elencados pelos autores, neanálise e analogização. O primeiro, caracterizado na seção anterior, é entendido pelas mudanças em micro-passos nas construções.

Por outro lado, a analogização, segundo os autores, é um mecanismo ou processo de mudança que apresenta correspondências de significado e forma que não existiam anteriormente. Isto é, a partir de padrões já estabelecidos em uma língua, são criadas estruturas e/ou especificações para uma construção, surgindo, dessa forma, novos pares de forma-sentido, novas microconstruções. Para tal, ocorre também o pensamento analógico, que é uma forma de o falante criar estruturas a partir de padrões já estabelecidos. O que difere, no entanto, o pensamento analógico da analogização é que o primeiro não necessariamente faz surgir novos pares de forma-sentido, enquanto o segundo o faz. Traugott e Trousdale (2013) defendem que ambos os mecanismos, pensamento analógico e analogização, são basilares para que ocorra a emergência de novos pares forma-sentido.

⁹No original: “[...] we regard neanalysis as a micro-step in a constructional change.” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 36).

1.3. Subjetividade e intersubjetividade

Em consonância com a Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; etc.), e, portanto, com a abordagem proposta por Traugott e Trousdale (2013), Traugott e Dasher (2005) definem os conceitos de subjetividade e intersubjetividade, partindo de uma abordagem centrada no uso e na sincronia, baseada em uma matriz de escolhas linguísticas, incluindo os modais, os dêiticos, os advérbios etc..

Diferenciando dos mesmos conceitos já definidos por Langancker (1990), os autores postulam que uma expressão linguística não é nem subjetiva nem objetiva por si só e assumem que todo enunciado e seu contexto apresentam níveis de subjetividade.

Os autores pautam-se nos pressupostos de Beneviste (2005), que afirma que o discurso provoca a emergência de subjetividade pelo fato de consistir em instâncias discretas, pois a língua, de alguma maneira, propõe formas vazias das quais o locutor se apropria e às quais se refere no momento do discurso.

A subjetividade, então, é a marca do locutor no discurso, já que envolve a expressão do eu e a representação da perspectiva ou ponto de vista do locutor no discurso. Traugott e Dasher (2005) definem como as principais características da subjetividade: i) dêixis espacial e temporal explícita; ii) marcadores explícitos da atitude do locutor em relação ao que é dito ou escrito, inclusive a atitude epistêmica em relação ao enunciado; iii) marcadores explícitos da atitude do locutor para com a relação entre o conteúdo precedente e o posterior, isto é, a estrutura discursiva; e iv) a predominância dos princípios da relevância (as máximas de quantidade, relevância e modo, definidas por Grice (1957, 1975)).

Portanto, a subjetividade constitui marcas de perspectiva linguística, supondo-se que a experiência passa a ser determinada no discurso pela língua, por meio dos aparatos cognitivos de percepção, como o visual e o auditivo. Logo, a subjetividade ocorre nas formas e nas estratégias de marcar o evento discursivo.

Da mesma forma, os autores entendem que a intersubjetividade deve ser pensada em paralelo com a subjetividade, uma vez que os significados intersubjetivos são interpessoais e são resultado da interação locutor e interlocutor, envolvendo o uso de dêixis social e o seu impacto direto na autoimagem ou na face do locutor e dos interlocutores. Com base nisso, a subjetividade se torna um pré-

requisito para a intersubjetividade porque esta funciona como perspectiva do locutor ao se caracterizar como a atitude do locutor em relação ao interlocutor. Assim, de acordo com Traugott e Dasher (2005), as principais características da intersubjetividade são: i) dêixis social explícita; ii) marcadores explícitos da atenção do locutor ao interlocutor (por exemplo, marcadores discursivos, de polidez e títulos honoríficos.); e iii) predominância dos princípios da relevância, implicando mais do que é efetivamente enunciado.

Em suma, os autores afirmam que

[...] a (inter)subjetividade não é apenas uma questão de estância cognitiva, mas sim uma propriedade da linguagem que surge diretamente da díade locutor-interlocutor e dos usos retóricos aos quais eles colocam a linguagem em comunicação. (TRAUGOTT; DASHER, 2005, P. 24, tradução nossa¹⁰)

Podemos inferir, então, que tanto a subjetividade quanto a intersubjetividade ocorrem ao longo do discurso e que contribuem para o processo de mudança linguística por envolverem tanto aspectos cognitivos quanto sociais e discursivos na interação. Na seção seguinte, veremos qual é o papel de ambos os conceitos na mudança linguística.

1.3.1. O papel da (inter)subjetividade na mudança linguística

Em sua obra de 2005, Traugott e Dasher tratam a (inter)subjetividade como mecanismos de mudança semântica, contudo, com base no que os próprios autores expõem, acreditamos que seus pressupostos vão além da mudança semântica, podendo contribuir também para os estudos acerca da mudança linguística de cunho gramatical.

Como exposto anteriormente, os autores trabalham esses conceitos sob uma perspectiva sincrônica, com foco no léxico e nos padrões de uso de itens lexicais nas construções linguísticas, destacando que a função básica da língua está relacionada à constituição de sentido, compreendida tanto em termos cognitivos

¹⁰No original: “[...] (inter)subjectivity is not only a matter of cognitive stance but a property of language that arises directly out of the SP/W-AD/R dyad and the rhetorical uses to which they put language in communication.” (TRAUGOTT & DASHER, 2005, P. 24).

quanto em termos comunicativos. Dessa maneira, os autores acreditam na hipótese de que a principal força nos processos de mudança semântica é a pragmática, pois as inferências sugeridas que ocorrem no discurso, colocam em questão tanto os aspectos cognitivos (relacionados à informação) como os aspectos retóricos (os quais surgem da negociação entre locutor e interlocutor).

O papel da (inter)subjetividade, então, fica evidente nos processos de mudança, baseando-se no que foi exposto anteriormente. Assim, em termos de mudança linguística, Traugott e Dasher (2005) mencionam dois mecanismos: metaforização e metonimização.

1.3.2. Metaforização e metonimização

Traugott e Dasher (2005) afirmam que, para ocorrer mudança semântica, dois mecanismos são reconhecidos: a metáfora e a metonímia. Para serem inovadores, os falantes usam as palavras de uma língua de uma maneira diferente, atribuindo novos sentidos a elas, por meio de conceptualizações, seja pela metáfora (conceptualização entre dois domínios cujos significados são similares) ou pela metonímia (uso de palavras que são muito próximas às quais se pretende usar). Assim, para evitar confusões com os usos mais comuns desses termos, os autores optam pelos termos metaforização e metonimização.

A metaforização, segundo os autores, é um princípio analógico que envolve a conceptualização de um elemento em detrimento de outro, ou seja, opera entre domínios (LAKOFF; JOHNSON, 1980, SWEETSER, 1990). Essa operação é motivada pela comparação implícita de uma fonte com um alvo, criando um domínio conceptual novo, com um novo sentido que transparece na mescla entre esses dois domínios.

Por outro lado, a metonimização consiste em um mecanismo conceptual por meio do qual as inferências sugeridas vão ocorrendo ao longo do evento discursivo. Tais inferências ocorrem a partir da conceptualização de relações de parte-todo, nas quais o falante escolhe um em detrimento do outro para evitar que a máxima da quantidade seja violada, isto é, que não se diga mais que o necessário.

Com base nesses conceitos, Traugott e Dasher (2005) postulam que a metonimização é um processo mais importante que a metaforização para a

mudança linguística (BARCELONA, 2000a; 2000b), pois ambos os princípios não se excluem, mas as metáforas podem ser entendidas como possíveis devido às relações metonímicas que estão implícitas para tais conceptualizações. Então, para os autores:

As inferências sugeridas surgem de implicaturas que são regularmente associadas ao material linguístico no espaço sintagmático, juntamente com as operações heurísticas no material linguístico subespecificado que dão saliência a aspectos específicos de raciocínio e estratégias retóricas em contextos particulares. A metaforização é considerada [...] frequentemente como o resultado da mudança metonímica. (TRAUGOTT; DASHER, 2005, p. 29, tradução nossa¹¹)

Essa visão dialoga com Traugott e Trousdale (2013), que assumem os dois mecanismos de mudança para a construcionalização e a mudança construcional. A analogização pode ocorrer por meio da metofoforização e da metonimização. Isso dependerá dos contextos de uso em que tais mudanças ocorrem ou, ainda, de quais processos cognitivos os falantes de uma língua buscarão para inovar em suas interações.

1.3. Conclusões

Neste capítulo, buscamos apresentar os pressupostos fundamentais da abordagem construcional da mudança, proposta por Traugott e Trousdale (2013) a fim de nortear as análises que serão apresentadas neste trabalho. Embora reconheçamos que existem outras abordagens que visam à análise dos processos de mudança linguística, acreditamos que o modelo construcional apresente recursos mais adequados à nossa análise.

Desse modo, pudemos ver, na seção 1.1., a apresentação dos pressupostos dessa abordagem de forma mais detalhada. Nesse sentido, mostramos suas bases na Linguística Funcional Centrada no Uso, que coaduna princípios da Linguística Funcional Norte-americana a princípios da Linguística Cognitiva, além de definir a sua relação com a Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995; 2006),

¹¹No original: “Invited inferencing arises out of implicatures that are regularly associated with linguistic material in syntagmatic space, together with the operation of the R- and M- heuristics on unspecified linguistic material that give saliency to specific aspects of reasoning and rhetorical strategizing particular contexts. Metaforization is regarded as not only a constraint on but also often the outcome of metonymic change.” (TRAUGOTT; DASHER, 2005, p. 29).

delimitando, assim, a sua premissa básica: as línguas constituem um inventário de construções, em que nenhum aspecto da forma se sobrepõe a nenhum aspecto do sentido. Além disso, as construções são organizadas em redes taxonômicas e hierárquicas. Contudo, ao tomarmos como base que as renovações da língua são oriundas do uso, em que as neoanálises da forma e do sentido geram novas construções, entendemos, com base em Bybee e Fleischman (1995), Fischer (2011), Goldberg (2013) e Furtado da Cunha *et al.* (2016), que as construções se configuram como pareamentos de forma e função, diferentemente do que propõem Traugott e Trousdale (2013).

Além disso, neste capítulo, com base em Traugott e Trousdale (2013), apresentamos um modelo de rede construcional constituído por esquema, subesquema, microconstrução e construto, sendo o esquema o nível mais abstrato, o subesquema o nível que agrupa a similaridades entre as microconstruções – que são entendidas como as ocorrências *type* mais específicas contidas em um esquema – e os construtos as ocorrências empíricas.

Na seção 1.2., definimos, em conformidade com Traugott e Trousdale (2013), os conceitos de mudança construcional e construcionalização. Vimos, também, que, para a ocorrência da construcionalização, dois mecanismos de mudança são cruciais: neanálise e analogização. Assim, com a ocorrência de mudanças construcionais em micropassos, temos a construcionalização.

Na seção 1.3, abordamos os conceitos de subjetividade e intersubjetividade propostos por Traugott e Dasher (2005) e seu papel nos processos de mudança linguística, principalmente no que tange aos mecanismos de mudança, como a metaforização e a metonimização.

Diante disso, podemos elencar algumas questões fundamentais da abordagem de Traugott e Trousdale (2013) para a análise de marcadores discursivos focalizadores do português brasileiro, a saber:

- i. As construções são as unidades básicas da língua e são organizadas em redes construcionais taxonômicas organizadas de forma hierárquica, representando parte do conhecimento linguístico dos falantes de uma dada língua.
- ii. As mudanças linguísticas ocorrem em micropassos ao longo do tempo, sendo decorrentes de mecanismos de mudança. E, nesse caso, apenas são consideradas construcionalização quando um novo nó emerge em uma rede.

- iii. Os marcadores discursivos focalizadores abordados neste trabalho, como acreditamos, constituem casos de construcionalização gramatical, pois se configuram como novos pares de forma-função.
- iv. Os marcadores discursivos analisados apresentam características (inter)subjetivas no que diz respeito ao seu contexto de uso e à sua função.

CAPÍTULO II

MARCADORES DISCURSIVOS E FOCALIZAÇÃO: teorias e definições

Neste capítulo, trataremos pontualmente das definições que a literatura linguística nos oferece de marcadores discursivos e, em especial, abordaremos os trabalhos de Schiffrin (1987), Marcuschi (1989) e Brinton (1996). Uma vez que tratamos de construções cuja função mais básica é sequenciar um tópico e interligar dois ou mais elementos de um ou mais discursos, faz-se necessária uma breve definição do que se entende por discurso na literatura linguística, principalmente nos trabalhos de Brown e Yule (1983), Stubbs (1983) e Schiffrin (1987).

Ademais, trataremos de questões de focalização, tema chave neste trabalho, visto que as construções estudadas aqui apresentam caráter focalizador, tanto no que tange ao modo imperativo dos verbos, quanto aos escopos dos advérbios (*bem* e *só*) que se ligam aos verbos de percepção para formar as construções analisadas. Para tal, discutiremos os trabalhos de Palmer (2001), Langacker (2008), entre outros.

Sendo assim, este capítulo está organizado da seguinte forma: na seção 2.1. apresentamos breves definições teóricas sobre o conceito de discurso; na seção 2.2., discutimos os estudos que definem os marcadores discursivos; logo após, tratamos da focalização na seção 2.3., a qual se subdivide nas subseções 2.3.1., em que discutimos o foco sob o viés funcionalista, 2.3.2., em que discutimos o foco sob o viés da Linguística Cognitiva, 2.3.3., em que tratamos do modo verbal imperativo e sua relação com a focalização e 2.3.4., em que discutimos a questão dos advérbios, seus escopos e seu papel em relação ao foco; na seção 2.4., abordamos o uso de

verbos de percepção cognitiva em MDs focalizadores; e, em seguida, na seção 2.5., abordamos os objetos de focalização desses MDs. Esta última seção subdivide-se em 2.5.1. dêixis, 2.5.2. avaliação e argumentação, 2.5.3. prefaciação e 2.5.4. hipótese; por fim, na seção 2.6., apresentamos as nossas conclusões acerca dos pressupostos apresentados neste capítulo.

2.1. Discurso: breves definições

Na literatura linguística, há diversos e controversos estudos sobre o discurso e sua análise. Contudo, a maioria desses estudos convergem por considerarem o discurso como a linguagem em uso, que apresenta sempre um contexto e que é essencial à comunicação.

Para esse estudo, elencamos a visão de Brown e Yule (1983) e Schiffrin (1987), autores que pertencem à corrente da Análise do Discurso (também chamada de AD). Brown e Yule (1983) consideram que a análise do discurso é necessariamente a análise da linguagem em uso e, portanto, não pode ser restrita apenas a estruturas e formas linguísticas, e tampouco se devem desconsiderar as funções que essas formas e estruturas desempenham nas relações humanas. Concomitante a essa visão, Stubbs (1983) afirma que a análise do discurso deve ser além da sentença ou da frase e focada em unidades linguísticas mais robustas, como as interações conversacionais e os textos, pois o discurso é a linguagem em uso pelos falantes em todos os seus contextos sociais, principalmente na interação.

A partir disso, Schiffrin (1987) demarca quatro premissas centrais à análise do discurso: i) a linguagem sempre ocorre em um contexto; ii) a linguagem é sensível ao contexto; iii) a linguagem sempre é comunicativa e vi) a linguagem é desenvolvida para a comunicação.

A primeira premissa, a linguagem sempre ocorre em um contexto, configura-se por compreender a linguagem como produzida e interpretada em contextos específicos, que envolvem visões de mundo, cultura e questões sociais que emergem a partir das definições de *self* dos falantes, do conhecimento cognitivo e das situações construídas. Sendo assim, a linguagem sempre ocorre em algum

contexto em que os falantes compartilham significados e visões de mundo, interagindo e construindo significados a partir da situação e da ação.

A segunda premissa, a linguagem é sensível ao contexto, diz respeito aos padrões de forma e sentido que emergem tanto na superfície quanto subjacentes ao contexto e que ganham ou perdem significado de acordo com as características do contexto. Isto é, a linguagem reflete os contextos em que está inserida e ajuda a construí-los.

A terceira premissa, a linguagem sempre é comunicativa, é entendida dessa forma, pois sempre é endereçada a um recipiente, a um interlocutor, ainda que seja verdadeiro ou apenas pretendido. E, por último, a premissa a linguagem é desenvolvida para a comunicação, diz respeito a uma ideia de linguagem que reflete as suas bases comunicativas, isso é, as estruturas das línguas podem ser explicadas como acepções da intenção de comunicação face a face.

Desse modo, sendo a linguagem a base do discurso, algumas de suas propriedades devem ser destacadas, sendo estas: a formação de estruturas, a transmissão de significados e a realização de ações. Essas propriedades classificam o discurso como sendo passível de fazer emergir novas estruturas na língua, de atribuir significados a essas novas estruturas e também novos significados a outras estruturas já existentes, o que só é possível graças ao caráter de realizações do discurso, ou seja, os falantes só fazem uso da linguagem para realizar ações e, logo, essas ações geram consequências no sistema linguístico, principalmente no que se refere à instanciação de novos padrões de forma e sentido. Essa premissa dialoga diretamente com os pressupostos de Traugott e Trousdale (2013), pois estes autores afirmam que as mudanças linguísticas, sejam gramaticais ou lexicais, são oriundas do uso efetivo da língua.

Portanto, conforme o modelo de Schiffrin (1987), o discurso envolve a troca de informações, conhecimentos e meta-conhecimentos que estão em constante fluxo, isto é, as informações estão constantemente evoluindo nos cursos das conversações, os conhecimentos estão sempre se transformando e os falantes e ouvintes esperam isso do discurso. Em suma, os estados da informação são processos que se transformam conforme os fatores que contribuem para que eles existam também se transformam. Isso se deve à potencialidade que esses estados

da informação têm de serem externalizados, sendo, por conseguinte, pragmaticamente relevantes.

2.2. Marcadores discursivos

Baseando-nos nas concepções de discurso previamente expostas, esta seção visa a discutir as definições de marcadores discursivos (doravante, MDs) dos autores mais relevantes que já trataram do assunto em trabalhos anteriores. Dentre eles estão Schiffrin (1987), Marcuschi (1989) e Brinton (1996). Outros trabalhos também relevantes para a análise são os de Risso (2006), Rost-Snichelotto (2008a, 2008b, 2008c, 2009) e Martins (2013).

Primeiramente, em termos gerais, os marcadores discursivos são entendidos como unidades do discurso que sequenciam um tópico conversacional com a finalidade de o locutor chamar a atenção de seu interlocutor para o tópico a ser discutido. Os MDs podem ser, então, expressões da fala (como “ei”, “ah”, “oh” etc.), verbos, conjunções, advérbios e, até mesmo, combinações entre mais de um desses elementos, como é o caso dos MDs analisados neste trabalho.

Brinton (1996), em sua obra intitulada “Pragmatic Markers in English”, faz uma longa revisão de toda a literatura publicada até então sobre o assunto para descrever o fenômeno que propõe: o uso de MDs (chamados de marcadores pragmáticos em sua obra) na língua inglesa, principalmente o uso do verbo “look” (olhar) nessa língua. Sua obra compreende um estudo diacrônico sobre a existência de marcadores em várias fases do inglês, evidenciando a emergência de novos padrões e, também, a manutenção de alguns outros.

Para a autora, os marcadores pragmáticos, como ela os intitula, são mais predominantes na interação oral do que na interação escrita, devendo sua aparição no discurso derivar da informalidade e da “fragmentação” gramatical que a falta de tempo para o planejamento da oralidade causa. Contudo, apesar de a autora apontar sua predominância na oralidade, os MDs mostram-se não restritos a essa modalidade, aparecendo com frequência na modalidade escrita, mas, conforme a autora, apresentando formas que podem ser diferentes das usadas na oralidade.

Além disso, a autora, em sua revisão teórica acerca do tema, elenca alguns estudos e definições de MDs que merecem destaque neste trabalho. Uma delas é a de Goldberg (1980), a qual postula que os MDs ocorrem fora da estrutura sintática ou pouco presos a ela, não tendo, portanto, função gramatical. Contudo, a autora afirma que certos itens com função gramatical clara que formam MDs, como conjunções e partículas que contenham modo e aspecto (verbos, por exemplo), podem ter função gramatical clara.

Outra definição elencada por Brinton é a de Stein (1985), que postula que MDs são formas marginais, isto é, são muitas vezes deixados de lado pela gramática de uma língua. Além disso, são formados por mais de uma estrutura gramatical oriunda de diferentes categorias. Assim, os MDs podem ser tratados como um conjunto heterogêneo e difícil de classificar segundo as definições tradicionais de categoria gramatical. Nesse sentido, a autora sugere que os MDs são

[...] gramaticalmente opcionais, semanticamente vazios, eles não são pragmaticamente opcionais ou supérfluos: eles servem para uma variedade de funções pragmáticas. [...] Se esses marcadores são omitidos do discurso, este é gramaticalmente aceito, mas seria julgado como “não-natural”, “esquisito”, “desarticulado”, “impolido”, “pouco amigável” ou “dogmático” dentro do contexto comunicativo (BRINTON, 1996, p. 35-36, tradução nossa¹²).

Sendo assim, a autora apresenta os conceitos de modo textual e interpessoal para as diferentes funções dos MDs expostas em sua obra. Para ela, pautada nos pressupostos de Halliday (1970; 1979), algumas funções seriam restritas ao modo, as quais podem ser uma forma de o falante reestruturar significados como texto, de criar passagens coesas no discurso (modo textual) e de expressar suas atitudes, seus sentimentos etc. em relação ao seu interlocutor (modo interpessoal).

As funções de modo textual não estão restritas apenas ao nível da sentença ou do sintagma, mas englobam as diversas necessidades de estruturação textual, que dizem respeito tanto à modalidade oral quanto à modalidade escrita de textos, principalmente no que se refere à tipologia narrativa, uma vez que tais marcadores são usados na estruturação e organização de informações, na mudança de tópico,

¹²No original: “While pragmatic markers are grammatically optional and semantically empty, they are not pragmatically optional or superfluous: they serve a variety of pragmatic functions [...]. If such markers are omitted, the discourse is grammatically acceptable, but would be judged “unnatural”, “awkward”, “disjointed”, “impolite”, “unfriendly”, or “dogmatic” within the communicative context.” (BRINTON, 1996, p. 35-36).

na relevância de adição de uma nova informação, estando toda essa informação no nível global do texto.

Partindo dessas funções elencadas por Brinton (1996), outra definição de MDs que converge com elas é a de Marcuschi (1989), que os intitula de marcadores conversacionais (MCs). Nesse trabalho, o autor visa a levantar sugestões para a análise desse fenômeno no PB. Por serem os MCs característicos da fala e por terem alta frequência, o autor indica ser necessária a análise de suas formas, posições e funções. Marcuschi (1989), ao analisar os marcadores discursivos, considera que

[...] os MCs tanto em suas propriedades interacionais (na condução dos atos ilocutórios e das relações interpessoais) bem como em suas propriedades intratextuais (na estruturação da cadeia linguística). A rigor, isto supõe que o uso da língua na interação verbal ocorre com a aplicação de princípios pragmáticos e de regras linguísticas. Assim, os MCs operam simultaneamente como organizadores da interação, articuladores do texto e indicadores de força ilocutória, sendo, pois, multifuncionais. (MARCUSCHI, 1989, p. 282).

Sendo assim, o autor afirma que “elementos de todas as classes gramaticais e formas sintáticas podem em princípio funcionar como MCs” (MARCUSCHI, 1989, p. 290), o que significa, então, que não se identifica um marcador pela classe gramatical, mas sim pela função que aquela forma passa a adquirir no discurso. O autor, então, os classifica como i) MC simples: realizados apenas com um só lexema, tais como as interjeições, advérbios, verbos etc.; ii) MC composto: os que têm caráter sintagmático, com tendência a pouca variação morfológica; iii) MC oracional: que se realiza como pequenas orações, podendo ocorrer em diversos tempos e modos verbais, englobando os marcadores de caráter estritamente semântico e pragmático, como a repetição de frases curtas; e iv) MC prosódico: que se realiza apenas com recursos prosódicos, como entonação, pausa, hesitação etc..

Como esta pesquisa visa a analisar a construcionalização gramatical de MDs formados por um verbo no modo imperativo associado a um advérbio, podemos entender que, conforme as definições de Marcuschi (1989), essas construções configuram-se como marcadores compostos, pois todos eles apresentam funções sintagmáticas e tendem a pouca variação morfológica, já que, como foi explicitado anteriormente, eles constituem *chunkings*, ou seja, unidades de processamento linguístico.

Por terem funções sintagmáticas, muitos autores, a partir dos dados que analisaram, chegaram à conclusão de que os MDs ocorrem, preferencial e canonicamente, nas posições finais e iniciais. Uma das autoras que corroboram essa visão é Schiffrin (1987), que considera apenas as posições iniciais, por serem a posição em que o turno se inicia. Marcuschi (1989), por outro lado, acredita que essa visão não é a mais adequada, pois o locutor, durante a interação, organiza e reorganiza o seu discurso a todo o tempo, sempre que julgar necessário, o que resulta, portanto, na inserção de marcadores em qualquer posição do discurso, seja no início, no meio ou no final do turno. Nesse sentido, o autor frisa, ainda, que não há marcadores exclusivos de uma ou outra posição.

Apesar de Schiffrin (1987) não considerar outras posições além da inicial no discurso para os MDs, seu trabalho é um dos mais importantes até hoje no tratamento do tema. Em sua obra, *Pragmatic Markers*, a autora analisa diferentes marcadores da língua inglesa em diversos contextos de uso, definindo-os, de forma operacional, como “elementos sequencialmente dependentes que delimitam unidades de fala” (SCHIFFRIN, 1987, p. 31, tradução nossa¹³) e apresentam funções tanto catafóricas quanto anafóricas, seja em posições iniciais ou finais.

A autora postula que os significados dos marcadores não restringem apenas a parte do discurso em que ocorrem, mas influenciam o significado global do discurso. Com isso, a autora chega à conclusão de que o uso dos MDs no discurso, somado às propriedades do discurso e das expressões linguísticas – assim como a própria função intrínseca dos marcadores – leva à coerência do discurso. Isso ocorre porque os marcadores indicam a localização de uma proposição dentro de seus contextos emergentes locais, isto é, eles propõem que as coordenadas do contexto sejam produzidas e designadas para serem interpretadas, contribuindo para a integração do discurso, ou seja, para a coerência.

Schiffrin (1987) também destaca as propriedades dos marcadores, afirmando que parte de sua força comunicativa se deve às propriedades linguísticas das expressões selecionadas para serem marcadores. Desse modo, as expressões

¹³No original: “[...] sequentially dependant elements which bracket units of talk.” (SCHIFFRIN, 1987, p 31.)

selecionadas possuiriam responsabilidade no efeito comunicativo, pois tanto as propriedades semânticas e como as sintáticas contribuem para a seleção de um marcador ou outro em um discurso. Isto quer dizer que os MDs são usados de forma a refletir o seu significado, o que indica que nenhuma forma é fortuitamente selecionada para ser um marcador. Por exemplo, marcadores que são formados por conjunções carregam os significados e os efeitos pragmáticos delas, seja de contraste, de causa, de alternância etc. Portanto, a autora sugere que

[...] os marcadores selecionam uma relação de significado a partir dos potenciais significados que são fornecidos durante o conteúdo de uma conversa e, então, eles exibem essa relação. Isso significa que qualquer significado inerente ao próprio marcador tem que ser compatível com os significados que circundam o discurso. Isso não significa, contudo, que todos os significados do discurso são igualmente parecidos. Pelo contrário: esses significados podem ser fortemente restritos (SCHIFFRIN, 1987, p. 318, tradução nossa¹⁴).

Isso implica dizer que, uma vez que os enunciados ocorrem dentro de um contexto, as possíveis relações de significado entre ambos são restritas, apesar de um marcador ser capaz de, teoricamente, selecionar qualquer tipo de relação. Portanto, é perceptível que MDs com significado têm funções primárias tanto nas unidades do discurso como na organização de significados referenciais no nível do texto.

Além disso, a autora também chama a atenção para o caráter dêitico que os marcadores apresentam. Todos os MDs têm dimensão dêitica, pois um enunciado é o *locus* em que locutor, interlocutor, tempo e espaço são evidenciados, possibilitando a interpretação específica do contexto. Ainda, o contexto indica que o enunciado inclui tanto os participantes quanto o texto, isto é, o marcador pode focar no locutor, no interlocutor, em ambos, ou em algum elemento desse contexto em relação a qualquer um dos participantes, revelando, assim, uma relação proximal ou distal.

Dessa forma, podemos entender que cada marcador, então, apresenta uma função sintagmática específica dentro de uma dada sequência em que ocorre.

¹⁴ No original: "I suggest that markers select a meaning relation from whatever potential meanings are provided through the content of talk, and then display that relation. This means that whatever meaning inheres in the marker itself has to be compatible with the meanings surrounding discourse. This does not mean, however, that all discourse meanings are equally likely. Quite the contrary: such meanings may be very strongly constrained." (SCHIFFRIN, 1987, p. 318).

Schiffrin (1987) sugere uma noção de rede de marcadores e suas funções ao postular que cada marcador tem apenas uma função, pois o discurso é multiplamente estruturado, apresentando seus vários componentes integrados uns com os outros, o que resultaria em diferentes papéis para um mesmo marcador, mas com apenas uma função em comum.

Essa visão dialoga com a análise proposta nesta pesquisa, uma vez que aqui se propõe uma rede construcional de MDs focalizadores, na qual marcadores com formas muito similares desempenham funções diversas devido à sua integração ao contexto de uso. Por esse motivo, um modelo baseado no uso se mostra essencial para analisar fenômenos linguísticos como os desta pesquisa, os quais são totalmente dependentes do contexto.

Outros trabalhos mais recentes que também dialogam com essa visão são os de Risso *et al.*, (2006), Rost-Snichelotto (2008a, 2008b, 2008c, 2009) e Martins (2013).

Risso *et al.* (2006), resumidamente, concebem os MDs como uma categoria gradiente, que promove o sequenciamento de tópicos, podendo iniciá-los ou fechá-los e orientando, dessa maneira, a interação comunicativa entre os participantes.

Rost-Snichelotto (2008a, 2008b, 2008c, 2009) descreve os usos de marcadores discursivos formados por verbos de percepção visual em P2 no imperativo, os quais dialogam diretamente com os padrões desta pesquisa. A autora propõe que, nas diferentes línguas românicas (português, espanhol, italiano, francês etc.), os MDs expandem suas funções discursivas dependendo do contexto em que estão inseridos, mas ainda carregando vestígios de seus sentidos originais, isto é, ainda apresentando certos traços dos significados dos verbos utilizados em suas formas. Apesar de não tratar do conceito de rede, a pesquisa da autora deixa implícita a ideia de que um estudo partindo dessa premissa é possível, principalmente ao tratar dos vestígios de significados originais e das funções adquiridas no discurso.

Martins (2013), por outro lado, trata desses mesmos marcadores na língua portuguesa no âmbito da gramaticalização de construções (TRAUGOTT, 2003, 2008a, 2008b, 2009, 2010a, 2011a, 2011c; NOËL, 2007; BYBEE, 2010, 2011). Partindo da organização dessas construções em rede, como propõe Traugott

(2008a; 2008b), em quatro níveis de esquematicidade – macroconstrução, mesoconstrução, microconstrução e construto –, a autora confirma as hipóteses de que tais MDs constituiriam um pareamento de forma e sentido – em que os sentidos tendem a ser cada vez mais (inter)subjetivos – e de que apresentariam um tipo de referência diferente daquela obtida tão somente pela soma dos constituintes. Nesse sentido, a autora evidencia que houve aumento nos níveis de esquematicidade e de produtividade e decréscimo de composicionalidade.

A partir das definições elencadas neste trabalho para marcadores discursivos, concluimos que, embora os autores sejam de vertentes distintas dos estudos linguísticos (como Schiffrin, que pesquisou na área da Análise do Discurso e da sociolinguística, e Marcuschi, cujas pesquisas enveredam pela Filosofia da Linguagem e Linguística Textual), tais definições se mostram complementares umas às outras para uma análise mais robusta dos dados que encontramos nos corpora analisados. As definições de Schiffrin (1987), Marcuschi (1989) e Brinton (1996), principalmente, nos dão conteúdo suficiente para chegar à conclusão de que os marcadores discursivos configuram-se como elementos sequenciadores de tópico discursivo, podendo ocorrer tanto nas interações orais e escritas de uma língua, em diferentes níveis de formalidade, e que apresentam, porém, a característica de serem desnecessários gramaticalmente, mas não pragmática e discursivamente dispensáveis. Neste trabalho, visamos, então, à descrição dos padrões de forma e função destes MDs, organizando-os em uma rede construcional em que se pode verificar processos de analogia e intersubjetificação, apontando para diferentes usos discursivos e diferentes formas.

Portanto, partindo das diferentes pesquisas e definições apresentadas nesta seção, nossa pesquisa pauta-se nesses aspectos teóricos para a análise realizada no Capítulo IV deste trabalho. Com isso, para fundamentar a análise dos dados no que tange à focalização, visamos a apresentar, na próxima seção, as correntes teóricas e os trabalhos mais relevantes no que se refere a este tema.

2.3. Focalização

Para tratar do caráter focalizador dos MDs analisados neste trabalho, é necessário, primeiramente, delimitar algumas questões sobre focalização, destacando como esse processo ocorre no discurso. Para tal, lançaremos mão de duas correntes teóricas distintas, mas que visam a dar conta dos recursos e das estratégias que os falantes de uma língua utilizam para dar foco em algum elemento do discurso. A primeira delas é a corrente funcionalista, a qual norteia este trabalho, já que trabalhamos com a língua em seu uso real e também com a mudança linguística. A segunda, por outro lado, é a corrente cognitivista, a qual se pauta nas experiências dos falantes e na maneira como isso se reflete na língua.

2.3.1. O foco sob o viés funcionalista

Tratando da corrente funcionalista, elencamos Dik (1989), que, em sua obra “The theory of Functional Grammar”, apresenta a linguagem como um instrumento de interação verbal, a qual é definida como uma atividade estruturada, regida por normas e convenções, sendo uma atividade cooperativa, na qual dois falantes cooperam para sua realização.

Dessa forma, o autor apresenta o conceito de foco e focalização, afirmando que a função pragmática do foco pertence à função focalizadora do discurso, isto é, a informação focalizada é aquela mais proeminente e relativamente mais importante no conjunto comunicativo. Em outras palavras, o foco é motivado pela necessidade de contraste de um elemento em relação a outros no enunciado. A partir disso, o autor postula que a função de foco pode se manifestar por meio dos seguintes recursos focalizadores: i) proeminência prosódica; ii) ordem especial de constituinte; iii) marcadores especiais de foco; e iv) construções especiais de foco.

Para este trabalho, entretanto, destacamos apenas os itens iii e iv: o primeiro por considerarmos que os advérbios que constituem os MDs delimitam foco, e o segundo por considerarmos todo o *chunking*, ou seja, o modo imperativo dos verbos, os verbos e suas respectivas semânticas, os advérbios e seus escopos e a combinação entre verbo e advérbio como uma construção focalizadora.

Dik (1989), nesse sentido, destaca os principais parâmetros de subcategorização para delimitar foco. São eles: o escopo e o ponto comunicativo. O escopo é entendido como uma parte do enunciado sobre a qual incide o foco. Sendo assim, o foco parte de um operador do discurso, o qual pode ser modo, aspecto, tempo e operador de polaridade. Já o ponto comunicativo é entendido como uma lacuna de informação por parte do locutor ou como um aspecto inerente a um contraste, isto é, há uma mudança do foco da interação, seja a partir de uma abertura do locutor para a inserção do interlocutor no discurso, seja a partir da oposição de informações previamente apresentadas.

Portanto, a partir do que postula Dik (1989), a delimitação do foco ocorre a partir de operadores do discurso, os quais, levando-se em conta as construções analisadas nesta pesquisa, podem ser o modo verbal (imperativo) e os advérbios, que, como veremos nas seções seguintes, apresentam claras noções de escopo que dialogam com as questões postas pelo autor em relação ao foco e à focalização.

Todavia, como exposto anteriormente, a proposição teórica de Dik (1989) não é a única que trata de foco e focalização. Na literatura linguística, existem vários estudos que visam à análise e à descrição desse fenômeno, principalmente no que concerne aos estudos na área de psicolinguística e de prosódia. Neste trabalho, apresentaremos outra visão que também trata do foco e da focalização. Mais precisamente, na próxima subseção, abordaremos a proposta de Langacker (1998, 2008) acerca da noção de *grounding*.

2.3.2. O foco sob o viés cognitivista

Segundo Langacker (1998, 2008), o termo *groundé* utilizado, na Linguística Cognitiva, para indicar um evento do discurso, seus participantes, as interações (locutor e interlocutor) e as circunstâncias imediatas da interação (tempo e espaço). Sendo assim, um elemento de *grounding* pode ser perfilado por expressões nominais (demonstrativos, artigos, pronomes etc.) por meio das quais o interlocutor tem sua atenção direcionada a um referente do evento discursivo. Em sua obra de 2008, o autor afirma que a focalização ocorre devido ao uso de expressões

linguísticas que estão relacionadas ao *ground*. A focalização inclui, nesse sentido, a seleção de conteúdos conceituais para a apresentação linguística, bem como seus arranjos no que se refere ao que pode ser descrito (metaforicamente) como *foreground* e *background*.

Um item lexical dá acesso a um conjunto de domínios cognitivos (matriz) que serão ranqueados para entrar na centralidade, isto é, para ter probabilidade de ativação central no discurso. Logo, o foco é entendido no contexto de uso, em que apenas um número limitado pode ser ativado em uma determinada ocasião dentre todos os domínios da matriz. Assim, os domínios selecionados são ativados a níveis ou graus variáveis. Portanto, o foco é uma questão de nível ou de grau, isto é, ele é relativo a propósitos particulares e a diferentes dimensões de estruturas e níveis de organização.

Partindo dessa perspectiva, os conceitos de *foreground* e *background* mostram-se importantes. O primeiro é central e altamente ativado pelo discurso, pois vem posposto à expressão de foco. Já o segundo é ativado de modo fraco, inferencial, podendo ser acessado pela expressão de foco sem que esteja explícito. Assim, ambos têm numerosas manifestações no discurso, pois, conforme o discurso se desenrola, a expressão atual é interpretada e construída em relação ao *background* daquelas que já tinham sido interpretadas antes, ou seja, uma construção de significado. Dessa forma, o discurso anterior é o maior determinante (juntamente com o contexto de conhecimento prévio etc.) do que o autor chama de espaço atual do discurso (em inglês, *current discourse space*, doravante CDS).

O CDS é um espaço mental que compreende tudo o que o locutor e o interlocutor pretendem compartilhar como base para o discurso, sendo atualizado a cada novo enunciado que ocorre. O CDS também configura vários fenômenos referenciados coletivamente como estrutura de informação, a qual pode ser dada ou nova, dependendo se já tenha sido apresentada ou não. Caso essa estrutura seja dada, ela pode ser deixada implícita. Logo, quando uma nova proposição é expressa, a parte que provém do que já havia sido dito configura-se como o foco.

Langacker (2008), então, entende a focalização como um fenômeno dependente do discurso, cuja ancoragem, ou *grounding*, se faz por meio de expressões linguísticas que localizam o discurso no espaço e no tempo em que

ocorre. Além disso, ao tratar de questões como *background* e *foreground*, o autor esclarece que o foco ocorrerá, mesmo que implícito, de forma a destacar algo que pode ser retomado de alguma maneira no discurso. Para isso, o autor também trata da noção de escopo.

Para o autor, o escopo tem relação com a noção de *foreground*, pois inclui a seleção inicial de conteúdo conceptual para a apresentação linguística. Essa seleção pode ter duas facetas: i) é o acesso que uma expressão propicia a um conjunto de domínios cognitivos, seja esse acesso geral ou em determinada ocasião; e ii) é a extensão de cobertura de uma expressão nos domínios acessados, indicando quais partes desses domínios essa expressão evoca e sendo utilizada como base para criar significados. Assim, Langacker (2008) afirma que o escopo tem uma base cognitiva evidente: há uma quantidade limitada de informação que podemos abranger mentalmente em um dado momento. Como exemplo, o autor fala do nosso sistema de visão, que limita e seleciona o que veremos em um dado momento, ou seja, nós temos o nosso campo de visão que é amplo, porém nossa atenção seleciona apenas parte do que está posto diante de nós; logo, o escopo da visão é seletivo, assim como o da linguagem.

Dessa forma, chegamos à conclusão de que as motivações para a escolha de uma unidade lexical que delimita escopo são cognitivas e de que o escopo é sempre delimitado no sentido abstrato de ter uma extensão limitada. Nesse contexto, Langacker (2008) afirma que

A delimitação (no sentido abstrato) não implica que o limite de um escopo seja objetivamente discernível. Ele pode apenas ser implícito, imposto pelo *frame* de visão subjetiva e não necessariamente com grande precisão. De fato, um *frame* de visão subjetiva constante em tamanho pode subentender uma região de qualquer tamanho (objetivo) no domínio que está sendo visualizado. Subjetivamente, nosso campo de visão está fixado em tamanho [...], no entanto, ajustando a distância, nós podemos modificar grandemente quanto do mundo em volta ele vai delimitar; [...]. (LANGACKER, 2008, p. 63, tradução nossa¹⁵).

¹⁵ No original: “Bounding (in this abstract sense) does not imply that a scope’s boundary is objectively discernible. It may only be implicit, imposed by the subjective viewing frame, and not necessarily with any great precision. Indeed, a viewing frame subjectively constant in size may subtend a region of virtually any (objective) size in the domain being viewed. Subjectively, our visual field is fixed in size [...], yet by adjusting for distance we can greatly modify how much of the surrounding world it delimits; [...].” (LANGACKER, 2008, p. 63)

O conceito de escopo, então, mesclando as visões de Dik (1989) e Langacker (2008), pode ser entendido como a delimitação de um campo, realizada por meio de um aparato – no caso da linguagem – e por meio de palavras que têm, em sua semântica, uma delimitação implícita. Ambas as proposições teóricas, apesar de pertencerem a linhas diferentes, convergem no que concerne à focalização e ao escopo. Tendo como objeto de análise os marcadores discursivos focalizadores, elas se complementam para a análise de certos aspectos da função e da forma que esses MDs apresentam.

Nesse sentido, nas subseções seguintes, apresentaremos algumas questões relacionadas à focalização apresentadas por ambos os autores, como o modo verbal, o escopo (principalmente relativo aos advérbios). Além disso, apresentaremos algumas questões necessárias para a análise da função desses MDs, como a dêixis, a avaliação, a prefaciação e a argumentação.

2.3.3. Modo verbal e sua relação com a focalização

O uso do modo imperativo nos MDs elencados como objeto desta pesquisa também indica que há uma relação com o tipo de focalização, principalmente no que se refere ao foco dado ao interlocutor, uma vez que este é chamado a participar do discurso por meio do marcador.

Travaglia (2014), ao tratar do modo imperativo, afirma que as formas verbais desse modo marcam, essencialmente, modalidade, além de marcarem um enunciado no tempo presente que visa a uma ação em um tempo futuro. Isso posto, Palmer (2001), em sua obra “Mood and Modality”, trata exatamente dessas questões destacadas por Travaglia (2014): o modo e a modalidade verbal.

Palmer (2001) define o conceito de modo verbal como um sistema basicamente e prototipicamente binário, no qual as proposições têm tipicamente o caráter *realis* ou *irrealis*. Além disso, para o autor, o modo e o sistema modal são maneiras com que as línguas geralmente lidam gramaticalmente com a modalidade, pois essa se configura como o “status da proposição que descreve o evento”

(PALMER, 2001, p. 1, tradução nossa¹⁶), como uma categoria que está rigorosamente associada ao aspecto e tempo de uma proposição, mas que nem sempre está marcada no complexo verbal.

O conceito de modo, então, assim como a modalidade, tem relação com o evento e a proposição em que aparece; por isso, também se relaciona aos conceitos de *realis* e *irrealis*. Palmer (2001) também define esses conceitos de forma binária: *realis* diz respeito ao que é factual e real, ao passo que *irrealis* diz respeito ao oposto, ao que não é factual e o que é irreal. Portanto, por se tratar de um pedido, uma solicitação etc. e caracterizar algo que não depende do locutor, o imperativo se encaixa no conceito de *irrealis*. O autor também relaciona o imperativo à modalidade deôntica, por seu caráter claramente diretivo, por indicarem um comando e também pelo fato de caracterizarem eventos possíveis no futuro.

Outro aspecto relevante sobre o modo imperativo é que, normalmente, ele não ocorre em orações subordinadas ou em perguntas por ser performativo. Conseqüentemente, os MDs analisados nesta pesquisa também ocorrem de forma independente de outra oração, no que tange à sintaxe e à sua forma, contudo, isso não impede que haja marcadores que desencadeiem uma oração subordinada, uma vez que o modo imperativo configura uma oração independente que pode ou não requerer uma oração subordinada.

No que tange ao foco, a nossa hipótese é de que, por incluir o interlocutor no discurso, ao chamar a sua atenção, o locutor faz uso do modo imperativo com consciência de sua força semântica, a qual, como explicitou Palmer (2001), está associada à modalidade deôntica, à modalidade da necessidade, da ordem, da obrigação, da volição e da permissão.

Portanto, como este estudo visa à análise de MDs focalizadores formados por verbos de percepção cognitiva e por advérbios focalizadores (*só* e *bem*), na seção seguinte trataremos brevemente dessa questão, principalmente no que se refere à sua função focalizadora e as possíveis razões para tal.

¹⁶No original: "Modality is concerned with the status of the proposition that describes the event." (PALMER, 2001, p. 1)

2.3.4. Os advérbios como operadores do discurso e do foco

Os advérbios constituem uma classe de palavra sobre a qual há muitos estudos e pesquisas. Porém, poucos estudos visam a descrever a fundo o seu caráter focalizador; e menos estudos ainda tratam os advérbios sob uma abordagem construcional. Como as construções analisadas neste trabalho são formadas por dois advérbios (*só* e *bem*) e como uma de nossas hipóteses é que eles apresentam caráter focalizador, nesta seção, objetivaremos conceituar e delimitar como os advérbios supracitados atuam como operadores do discurso e do foco.

Primeiramente, é necessário que façamos uma visita às gramáticas tradicionais e normativas a fim de apresentar o conceito canônico acerca dessa categoria. Bechara (2010, p. 274) afirma que o advérbio é “[...] é a expressão modificadora do verbo que, por si só, denota uma circunstância (delugar, tempo, modo, intensidade, condição, etc.), e desempenha na oração a função deadjunto adverbial”, concepção não muito distinta da de Rocha Lima (2011, p. 226), que postula que os advérbios “são palavras modificadoras do verbo, servindo para expressar as várias circunstâncias que cercam a significação verbal”.

Com base nisso, a combinação de *só* e *bem* com os verbos de percepção cognitiva nos MDs está de acordo com pressupostos da gramática normativa do português, porém os usos vão além da simples modificação do verbo, passando ao *status* de operadores de foco devido à sua semântica e ao seu escopo. Partindo desse pressuposto, podemos destacar a pesquisa de Souza (2004), que analisa os advérbios focalizadores do português sob uma perspectiva funcionalista.

Souza (2004) realiza sua análise com base nos pressupostos teóricos de Dik (1989), visando a descrever o comportamento dos advérbios focalizadores e a sua co-ocorrência com outros marcadores e estratégias de foco e analisando suas propriedades sintático-semânticas, pragmáticas e prosódicas. Nesse contexto, o autor chega à conclusão de que o foco recai apenas sobre um constituinte da oração, mas, na co-ocorrência de estratégias, pode haver mais de uma estratégia de focalização por parte do locutor para chegar ao foco pretendido.

Dessa maneira, o autor destaca o estudo de Ilari *et al.* (1990), que trata dessa classe de palavras de modo a desvincular essa análise das tradições gramaticais.

Para tal, esses autores dividiram os advérbios nos eixos sintático e semântico. Aqui, destacaremos apenas este último por conter os advérbios necessários à análise do objeto desta pesquisa.

No eixo semântico, então, podemos classificar os advérbios em predicativos – advérbios que têm valor que pode ser atribuído a um predicado – e não-predicativos. Destacamos, portanto, os predicativos qualitativos (como, por exemplo, *bem*) e os não-predicativos focalizadores (por exemplo, *só*). Citando outros estudos (ILARI, 1992; POSSENTI, 1992; NEVES, 2000; CASTILHO, 1998), Souza (2004) chega à conclusão de que o caráter focalizador dos advérbios depende de seu escopo, da sua posição e da sua semântica.

Logo, podemos concluir que os advérbios *bem* e *só*, que constituem as construções de MDs analisadas, podem ser classificados, quanto a seu caráter focalizador, de acordo com o quadro abaixo.

Advérbio	<i>Bem</i>	<i>Só</i>
Escopo	Apresenta escopo avaliativo/ qualitativo referente a seu predicado em uma oração.	Apresenta escopo restritivo ou excludente referente aos elementos de uma oração.
Posição	Geralmente posposto ao verbo.	Geralmente posicionado anteposto ao elemento que sofre a restrição.
Semântica	De maneira conveniente, com precisão, direito. (HOUAISS, 2009)	Apenas, somente, unicamente. (HOUAISS, 2009)

Quadro 1 – Classificação dos advérbios *só* e *bem* quanto a seu caráter focalizador

Conforme as informações contidas no quadro acima, podemos chegar às seguintes conclusões sobre o caráter focalizador desses advérbios, a saber: a) o escopo tem papel fundamental no direcionamento do foco, pois, em se tratando dos MDs, o advérbio *bem* é usado para marcar como o pedido de atenção deve ser levado em conta pelo interlocutor, isto é, deve ser levado com conveniência e

precisão; por sua vez, o escopo do advérbio só restringe para onde a atenção do falante deve focar, ou seja, ele tem caráter anafórico (referente ao verbo) e caráter catafórico (referente ao elemento focalizado); b) a posição geralmente verificada desses advérbios em orações do português tende a se repetir nos marcadores, pois o falante leva em consideração as suas propriedades sintáticas já estabelecidas e o escopo que quer alcançar com aquele marcador composto; e c) a semântica dos advérbios também são escolhas lexicais relevantes para estabelecer o foco, pois, além de se tratar de palavras com realizações fonológicas e ortográficas curtas, característica dos MDs, os sentidos desses advérbios cumprem o papel que lhes foram designados no discurso de maneira adequada: são curtos, econômicos, usados na fala e na escrita recorrente e seu sentido atribui o foco a um elemento do discurso como pretendido.

Portanto, retomando o estudo de Souza (2004), o foco é uma função pragmática estabelecida por meio de advérbios focalizadores como uma forma de o locutor salientar as informações que julga necessárias a seu interlocutor, buscando o não ferimento da ordem canônica das orações do português. Ocorrendo como parte da forma de MDs, podemos concluir, então, que os advérbios funcionam como uma forma de realizar uma dupla focalização. Isto é, levando em consideração o que já foi exposto aqui, uma possível conclusão é que a forma de MDs – com o advérbio só ou com o advérbio *bem* – configura dois modos de foco.

2.4. Marcadores discursivos e percepção cognitiva

Assim como exposto anteriormente, o uso de verbos de percepção cognitiva em construções de marcadores discursivos não é uma exclusividade da língua portuguesa, tampouco é um uso fortuito, uma vez que tais verbos denotam funções claras ao interlocutor.

Cezario (2001) define esses verbos como tendo sentidos ligados à cognição, codificando certeza, incerteza, crença, percepção, conhecimento ou constatação. Além disso, a autora chama a atenção para o valor modal epistêmico de certos verbos (como, por exemplo, *pensar* e *saber*), por terem a acepção de atitudes mentais.

Sweetser (1990) também trata desses verbos, mais precisamente no inglês e nas línguas indo-Europeias. A autora postula que os verbos que denotam a percepção visual normalmente desenvolvem sentidos abstratos de atividade mental nessas línguas, podendo indicar conhecimento, intelecto, visão mental, controle, toque físico e manipulação. Tais acepções derivam de metáforas (todas que já foram discutidas na obra de Lakoff e Johnson¹⁷ (1980)) e estão associadas à capacidade humana de focar, na percepção visual, outros aspectos cognitivos, como perceber, escolher, examinar, controlar. Isso ocorre porque a visão é a nossa primeira fonte de dados acerca da nossa experiência em relação ao mundo. Portanto, é natural que tais verbos sejam utilizados de modo metafórico para designar outras atividades cognitivas que, de alguma maneira, tomam a visão como uma de suas bases.

Porém, em se tratando dos MDs analisados nesta pesquisa, vale destacar que não são apenas os verbos de percepção visual que são usados na sua formação. Verbos de diferentes tipos de percepção cognitiva (como, por exemplo, *imaginar, conferir, reparar, sentir* etc.) também são elencados para formar tais construções. Além do processo de metaforização, podemos destacar o processo de metonimização (TRAUGOTT; DASHER, 2005), citados na seção 1.3.2. do primeiro capítulo deste trabalho, em que explicitamos que, além da comparação implícita entre domínios, pode ocorrer também uma conceptualização de parte-todo. Nesse caso, diferentes aspectos de uma mesma rede de significados são utilizados com propósitos similares.

Para explicar tal fenômeno, podemos destacar o trabalho de base cognitivista de Langacker (2008), o qual postula que as nossas expressões linguísticas estão ancoradas nas nossas experiências corporais e perceptivas. O autor afirma que as conceptualizações que fazemos do mundo estão inegavelmente internalizadas, de modo a ocorrerem no cérebro humano.

Desse modo, a conceptualização é entendida tanto como ancorada fisicamente quanto de modo imaginativo e penetrante, ou seja, a conceptualização

¹⁷ Na obra “*Metaphors we live by*”, os autores tratam das metáforas conceptuais que são usadas na vida cotidiana, mas que não são percebidas pelos falantes como tal. Isso se deve ao fato de já serem muito arraigadas nas línguas naturais, o que faz com que muitos de nós não nos demos conta de que certas expressões como “estar para cima” é uma metáfora conceptual para designar um estado de felicidade. Os autores postulam, ainda, que as metáforas constituem a mescla de dois domínios – o domínio fonte e o domínio alvo –, dos quais se retiram as ideias que se deseja expressar e, também, o modo como elas são expressas, respectivamente. (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

constitui uma questão fundamentalmente individual e social, pois, como os significados linguísticos são conceptuais e simbólicos por natureza, a gramática também se torna um aparato social e individual. Logo, os significados gramaticais são esquemáticos. Nesse sentido, Langacker (2008) afirma que “significados gramaticais são esquemáticos e frequentemente representam a subjetificação da experiência básica, consistindo em uma ocorrência autônoma de operações mentais inerentes a tal experiência.” (LANGACKER, 2008, p. 540, tradução nossa¹⁸).

Portanto, fica evidente que o uso de verbos de percepção cognitiva em construções de marcadores discursivos focalizadores é: i) um modo de deixar clara a experiência do locutor e também de pedir que o interlocutor tenha o mesmo tipo de experiência; ii) uma caracterização por processos metafóricos e metonímicos, uma vez que tais verbos nem sempre apresentam os sentidos dicionarizados ou socialmente compartilhados em todas as ocorrências desses MDs; e iii) uma maneira de indicar que noção de esquema e de rede é inerente à concepção humana de mundo, no que diz respeito ao conhecimento linguístico, visto vez que os verbos utilizados nessas construções demonstram estar em uma rede semântica, estando organizados dos mais prototípicos aos mais periféricos.

2.5. Objetos de focalização

Como exposto anteriormente, o discurso, de acordo com o modelo de Schiffrin (1987), está em constante fluxo, indicando que há troca de informações, conhecimentos e meta-conhecimentos, os quais vão se transformando ao longo da interação. Os MDs, partindo dessa premissa, se configuram como um modo de conectar, adicionar, retomar e interagir com essas informações e com esses conhecimentos. Por conseguinte, os MDs analisados nesta pesquisa apresentam funções diversas, que vão além da simples chamada de atenção que o locutor realiza em relação a seu interlocutor. Tais funções incluem a chamada de atenção de um determinado elemento do discurso, que pode se apresentar de diferentes modos e que denominamos, neste trabalho, de objetos de focalização.

¹⁸No original: “Grammatical meanings are schematic and often represent the subjectification of basic experience, consisting in the autonomous occurrence of mental operations inherent in such experience.” (LANGACKER, 2008, p. 540).

Nesse contexto, objetos de focalização constituem os elementos, as informações e os conhecimentos sobre os quais o foco recai. Tais objetos podem se apresentar, conforme os dados analisados nesta pesquisa, como uma mescla entre sintaxe, semântica e pragmática. Com isso, podemos perceber que os objetos de focalização podem ser: dêiticos, avaliativos, prefaciadores, argumentativos e hipotéticos.

Dessa forma, nas subseções a seguir, discutiremos esses objetos de focalização e também a forma como são realizados no discurso.

2.5.1. Dêixis

A dêixis, palavra de origem grega cujo significado é apontar ou indicar, constitui um fenômeno linguístico que demonstra a relação entre língua e contexto, expressando a realização dessa relação por meio de diferentes estruturas linguísticas. Tais estruturas podem ser, por exemplo, pronomes demonstrativos, tempo verbal, advérbios de tempo e lugar etc. que fazem referência ao momento da enunciação. Nos termos de Levinson (2007),

[...] a dêixis diz respeito às maneiras pelas quais as línguas codificam ou gramaticalizam traços do contexto da enunciação ou do evento de fala e, portanto, também diz respeito a maneiras pelas quais a interpretação das enunciações depende da análise desse contexto de enunciação. (LEVINSON, 2007, p. 65).

Dessa forma, o autor elenca cinco tipos diferentes de dêixis: de pessoa, de lugar, de tempo, de discurso e de caráter social. Destacaremos aqui somente a dêixis do discurso, pois essa é que apresenta uma relação com nosso objeto de pesquisa.

Nos termos do autor, "a dêixis de discurso diz respeito à codificação da referência feita a porções do discurso em andamento no qual se localiza a enunciação" (LEVINSON, 2007, p. 75). Com isso, as expressões usadas para referenciar uma parte do discurso podem ser qualquer uma que mostre essa relação, conectando o que já foi dito com o que ainda será, como é o caso de marcadores discursivos de diferentes tipos. Tais expressões são dêiticas porque

apresentam relatividade da referência, que é característica aos dêiticos, podendo também estar ancoradas no discurso por meio da enunciação corrente.

Em se tratando dos MDs, a sua função dêitica pode ser entendida de duas formas: i) devido à ancoragem no discurso, no que se refere à inserção do interlocutor por meio do modo imperativo; e ii) devido à focalização de um elemento do discurso de modo a apontá-lo, indicá-lo ou referenciá-lo, podendo ser de forma anafórica ou catafórica ou, até mesmo, elíptica.

2.5.2. Avaliação e Argumentação

Assim como a dêixis, a avaliação e a argumentação também são objetos de focalização dos MDs analisados nesta pesquisa.

Tanto a avaliação quanto a argumentação já foram objetos de análise de muitos estudos (LABOV, 1972; KOCK, 1984; GOODWIN, 1987; SCHIFFRIN, 1987; 1990; WHITE, 2003; 2004; FOX, 2007; VIEIRA, 2007; DIAS; MOURA, 2011; MARTINS; VIEIRA, 2013; BARLETTA, 2014). Embora a avaliação e a argumentação sejam temas amplamente discutidos na literatura, a intenção aqui é realizar uma síntese a fim de ilustrar como tais conceitos podem ser classificados como objetos de focalização.

Primeiramente, é necessário pontuar que ambos os conceitos estão elencados conjuntamente porque a avaliação está indiretamente ligada à argumentação e porque ambas são classificadas como expressão de ponto de vista, ou expressão da opinião, nos termos de Schiffrin (1987, 1990).

De acordo com a autora, tanto a argumentação quanto a avaliação são constituídas pela defesa do ponto de vista do locutor, que é constituído de uma ideia (conteúdo proposicional) e do compromisso (alinhamento), o qual é entendido pela postura que o locutor assume em relação à sua proposição e em relação às relações interpessoais mantidas na interação.

A autora também elenca, em relação à argumentação, a ocorrência de dois pontos importantes: i) disputa, que diz respeito ao desacordo face a uma posição ou

a uma sustentação; e ii) sustentação, que diz respeito às proposições elencadas no discurso, dando apoio à posição que está em disputa.

Além disso, há, na sua obra de 1990, um apontamento em relação à dimensão avaliativa da argumentação na fala opinativa, ocorrendo uma distinção também em dois tipos: posição e posição avaliativa. A primeira tende a ser mais objetiva, ou seja, passível de verificação. Já a segunda se caracteriza pelas argumentações subjetivas, relacionadas a julgamentos de valor e crenças, sendo, portanto, não passível de verificação.

Relacionada à visão de Schiffrin (1990), está a teoria “Appraisal”, de White (2003). Nessa teoria, considera-se que a avaliação não é somente explícita – a partir de marcas linguísticas –, mas também implícita – por meio da interação de vários elementos. Dessa forma, nessa abordagem, propõem-se três categorias de avaliação: i) afeto, em que os sentimentos do locutor estão em primeiro plano; ii) julgamento, em que se refletem as implicações sociais e morais das ações dos indivíduos, usadas para aprovar ou reprovar comportamentos; e iii) apreciação, em que ocorre a avaliação da forma, aparência ou composição de uma entidade.

Assim, White (2003) postula que esses tipos de avaliação demonstram a subjetividade do locutor em seus textos. Por exemplo, o valor de afeto demonstra a responsabilidade e a importância do posicionamento do locutor na construção de seu texto. Já os valores de julgamento e apreciação podem estar implícitos, isto é, não diretamente representados ou depreendidos no texto. Neste caso, entretanto, há marcas que indicam que tal leitura é possível.

Com base nisso, Vieira (2007) conclui que as avaliações ocorrem como um componente de toda a unidade discursiva, fazendo com que seu escopo possa incluir todo o discurso. Em relação especificamente à argumentação, a autora endossa a visão de Schiffrin (1990) de que a argumentação é um fenômeno subjetivo em que os argumentos têm significado cultural, podendo ser motivados para diferentes fins, como, por exemplo, conflito, negociação e resolução de desacordos.

Portanto, tendo os MDs como sequenciadores do discurso, a argumentação e a avaliação podem ser objeto de focalização dessas construções, uma vez que o locutor as utiliza para integrar partes do seu discurso, focalizando a informação que

julga necessária. Além disso, o uso dos verbos de percepção cognitiva em modo imperativo, dependendo do contexto e da construção em que ocorre, pode se configurar como uma estratégia subjetiva de convencimento ou de chamada de atenção para um convencimento¹⁹.

2.5.3. Prefaciação

O termo prefaciação já foi utilizado por Risso *et al.* (2006) e Martins (2013) para designar o uso de marcadores cuja função é iniciar um tópico discursivo ou desencadear, parcialmente ou totalmente, atos verbais preparatórios de declarações subsequentes (RISSO *et al.*, 2006). Se levarmos em conta as definições de dicionário para o verbo “prefaciar”, temos, em sentido figurado, o seguinte: “deixar antever; servir de introdução a; preceder, iniciar, introduzir” (HOUAISS, 2009). Logo, a prefaciação, como objeto de focalização, tem função de introduzir um tópico discursivo.

Assim, Risso *et al.*(2006) dividem os MDs em prefaciadores referenciais e prefaciadores formulativos, destacando sua função na dialogicidade entre os interlocutores. Para a autora, os MDs prefaciadores referenciais dão ênfase ao conteúdo proferido pelo locutor, podendo essa ênfase recair sobre uma opinião ou um reparo, por exemplo. Já os MDs prefaciadores formulativos dão ênfase ao envolvimento interpessoal entre locutor e interlocutor, ou seja, estão presentes na interação comunicativa, mantendo um contanto direto entre os participantes de uma interação. Nesse sentido, Risso *et al.* (2006) defendem que esses marcadores, além de assegurarem o contato entre os participantes da interação, têm o papel de incluir no discurso o processo de planejamento e formulação do conteúdo a ser enunciado. Dessa forma, o locutor chamaria a atenção de seu interlocutor para a interação e para o conteúdo ainda a ser desenvolvido.

Com base também nesses pressupostos, Martins (2013), em sua dissertação de mestrado, ao tratar da gramaticalização de MDs formados por verbos de percepção visual, dedica uma seção à análise de marcadores com função prefaciadora. Para a autora, a prefaciação é um modo de abrir o encaminhamento

¹⁹ Tais análises mais aprofundadas serão apresentadas no capítulo 4.

de tópicos, tendo como motivação a manutenção do contato para o planejamento e para a formulação do conteúdo no que tange, principalmente, a interações do tipo pergunta e resposta. Ademais, a autora sinaliza que esses MDs têm como escopo sequências narrativas ou descritivas, de modo a solicitar a atenção do interlocutor em relação ao tópico discursivo.

Assim sendo, podemos concluir que a prefaciação, como objeto de focalização, ocorre de modo a introduzir um tópico discursivo para o qual o locutor deseja criar o foco, podendo esse tópico constituir-se de uma sequência narrativa, descritiva, argumentativa ou expositiva sobre um determinado tema elencado.

2.5.4. Hipótese

A hipótese, como objeto de focalização, pode ser entendida como uma forma de o interlocutor expressar seus pensamentos contrafactuais e imaginativos de modo a convencer o seu interlocutor a ter os mesmos pensamentos.

Em termos linguísticos, a hipótese é entendida como contrafactualidade. Neves (2000) postula que uma construção condicional se apoia basicamente em uma hipótese, levando, por isso, ao emprego do termo “período hipotético” a essas proposições. Nesse caso, a proposição subordinada é chamada de prótase, e a principal é chamada de apódose, instaurando geralmente uma relação de silogismo lógico, de causa e consequência, em que há uma condição para que um resultado ocorra.

Nesta subseção, não nos aprofundaremos nos conceitos de prótase e apódose. Todavia, destacaremos dois tipos de construções condicionais: as contrafactuais e as eventuais. Conforme Neves (2000), as primeiras – também conhecidas como irrealis – marcam uma falsidade segura e repousam sobre a não-realidade, apresentando estados de coisas como não-existentes e estabelecendo uma relação de causa e consequência. As segundas, por outro lado, representam as construções condicionais que repousam sobre a eventualidade; nesse caso, o enunciado da apódose é tido como certo, desde que seja eventualmente satisfeito na condição anunciada.

O uso das construções hipotéticas pode exprimir uma relação entre a hipótese e a construção de apoio a uma argumentação, não importando que seja contrafactual ou eventual, mas devendo sustentar a intenção argumentativa do locutor. Assim, com base nos pressupostos de Neves (2000), os MDs focalizadores operam seu foco em hipóteses com o intuito de sustentar uma ideia e de apoiar uma argumentação.

2.6. Conclusões

Neste capítulo, apresentamos os conceitos de discurso com base em Brown e Yule (1983) e Schiffrin (1987) a fim de fundamentar o objeto de análise deste trabalho: marcadores discursivos focalizadores. Também apresentamos três visões que julgamos principais acerca de MDs – Schiffrin (1987), Marcuschi (1989) e Brinton (1996) – e, paralelamente, discutimos brevemente os estudos de Risso (2006), Rost-Snichelotto (2008a, 2008b, 2008c, 2009) e Martins (2013).

Além disso, apresentamos os conceitos de focalização de Dik (1989) e Langacker (2008), os quais são pautados nos pressupostos da Linguística Funcional e na Linguística Cognitiva, respectivamente. A partir disso, destacamos também os objetos de focalização que caracterizam os MDs analisados nesta pesquisa: dêixis, avaliação e argumentação, prefaciação e hipótese. Com base nisso, podemos concluir que:

- i) o evento discursivo faz com que surjam construções que conectem as informações de modo a satisfazer as necessidades do locutor;
- ii) os MDs, construções que se instanciam a partir do evento discursivo, apresentam diferentes naturezas;
- iii) o caráter focalizador dos MDs analisados neste trabalho depende do modo verbal utilizado nessas construções (imperativo) – que, em uma acepção mais genérica, está relacionado à modalidade deôntica – e, também, dos advérbios *só* e *bem*, devido aos seus escopos e valores semânticos;

- iv) o caráter focalizador dos MDs analisados nesta pesquisa sugere que há objetos de focalização que recebem o foco (seja restritivo ou qualitativo) dos MDs. Tais objetos de focalização constituem funções semântico-pragmáticas das construções desses MDs, as quais serão analisadas mais profundamente no Capítulo IV;
- v) além disso, como buscamos expor na seção 2.4, a percepção cognitiva tende a ser um recurso linguístico bastante usado para chamar a atenção – devido ao seu caráter conceptual –, mostrando que ela é esquemática e decorrente de processos de metaforização e metonimização.

CAPÍTULO III

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, discutiremos os pressupostos metodológicos adotados na realização desta pesquisa. Para tal, lançaremos mão i) da descrição dos *corpora* sincrônicos escritos adotados por nós nesta pesquisa, na seção 3.1.; ii) da viabilidade da mescla dos métodos quantitativo (frequência de uso) e qualitativo para a análise dos dados de uma pesquisa sobre mudança linguística, na seção 3.2.; e, por fim, iii) do apontamento dos procedimentos que adotamos para realizar a análise, incluindo a contribuição dos adventos da Linguística de *Corpus*, na seção 3.3..

3.1. A constituição dos *corpora* para a análise: questões fundamentais

Este trabalho visa à descrição da construcionalização gramatical (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) de marcadores discursivos focalizadores do português brasileiro, como “olha só”, “veja bem”, dentre outros, sob uma perspectiva sincrônica.

Contudo, tradicionalmente, como apontam Furtado da Cunha *et al.* (1999), Neves (1997) e Heine *et al.* (1991), os estudos no âmbito da mudança linguística são marcados pelo equacionamento entre amostras da diacronia e sincronia – ou pancronia – por proporcionarem uma análise que aponte as tendências de mudança, de variabilidade e de estabilidade linguísticas, apontando, portanto, as trajetórias dessas construções desde suas primeiras ocorrências até as suas incorporações na gramática de uma língua.

Dessa maneira, as pesquisas dentro no âmbito da LFCU, que visam a descrever e a compreender as novas construções que emergem do uso de uma língua e que passam a fazer parte de sua gramática, tendem a adotar a análise pancrônica para verificar o desenvolvimento gradual ao longo do tempo dessas construções. Todavia, neste estudo, focaremos em uma análise sincrônica que, de acordo com Gonçalves *et al.* (2007), também possibilita verificar se houve ou não mudança, pois “uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua” (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 16).

Além disso, embora Traugott e Trousdale (2013) sinalizem em sua obra que a construcionalização gramatical deva ser analisada também por meio da diacronia, os autores também apontam que a sincronia apresenta resultados de processos de mudança que podem ocasionar novos processos de mudança a partir de mecanismos como a analogização e a neanálise. Com base nisso, alguns outros trabalhos conseguiram atestar tal processo a partir de *corpora* sincrônicos, como, por exemplo, a pesquisa de Martins Dall’Orto (2018). A autora, em sua tese de doutorado, afirma que a perspectiva sincrônica de análise dos dados é importante para os estudos no âmbito da LFCU, pois possibilita atestar novos pareamentos de forma e função – construções – resultantes de expansões semânticas, pragmáticas e discursivas, além de possibilitar a verificação de suas motivações (cognitivas e discursivas) e propriedades construcionais que organizam essas construções em rede.

Como este trabalho visa à análise de MDs que apresentam formas originadas a partir dos padrões fluidos de uso da língua, cujas motivações podem ser cognitivas e discursivas, uma análise de dados sincrônicos torna-se viável e produtiva para esta pesquisa. Ainda, para tal, tomamos os pressupostos de Traugott e Trousdale

(2013), que postulam a construcionalização gramatical como gradual e resultante de uma sucessão de micro-passos. Desse modo, a constituição dos *corpora* deve abranger diferentes sincronias atuais (isto é, um apanhado de dados oriundos de diferentes anos) para que a gradualidade do processo possa ser atestada.

Os *corpora* escolhidos para a análise apresentada nesta pesquisa consistem de textos escritos retirados de *blogs* disponíveis na internet. Esses *blogs* apresentam temáticas variadas (estilo de vida, maquiagem, viagem etc.), e sua escolha deve-se ao grau de formalidade desses textos (níveis mais informais), que, por apresentarem um menor grau de monitoramento da escrita com o objetivo de se aproximarem de seu público-alvo e de se tornarem mais acessíveis, apresentam maior ocorrência de construções que estão em processo de mudança na gramática da língua. Com isso, construções de marcadores discursivos tendem a ocorrer com frequência considerável em textos como esses, uma vez que se caracterizam, dentre outras funções – como a chamada de atenção –, como conectores dos elementos e passagens textuais.

Para satisfazer o caráter gradual da construcionalização, optamos por um *Corpus* que abrangesse quatro sincronias dos textos de *blogs*. As sincronias escolhidas para compor a nossa amostra foram as dos anos de 2008, 2011, 2014 e 2017, sendo que as três primeiras foram recolhidas por Oliveira (2012, 2016), Martins (2013) e Martins Dall’Orto (2018). Cada sincronia é composta de trezentas mil palavras, totalizando um milhão e duzentas mil palavras, como apresentado na tabela abaixo.

Corpus			
Origem	Nível de formalidade	Sincronia	Total de número de palavras analisadas
<i>Blogs</i>	Informal	2008	300.000
<i>Blogs</i>	Informal	2011	300.000
<i>Blogs</i>	Informal	2014	300.000
<i>Blogs</i>	Informal	2017	300.000
Total			1.200.000

Tabela 1 - Constituição do *Corpus*

A partir dos dados descritos na Tabela 1, realizamos um pré-levantamento de possíveis ocorrências de construções de MDs focalizadores formados por verbos de

percepção cognitiva no imperativo e pelos advérbios *só* e *bem*²⁰. Dentre os verbos que elencamos como possíveis estão: *olhar, ver, escutar, ouvir, pensar, imaginar, reparar e sentir*; *entretanto*, depois do primeiro levantamento, feito por meio de busca simples no arquivo de *Word* do *Corpus*²¹, não encontramos todos os verbos elencados (como, por exemplo, *escutar* e *ouvir*, talvez pela natureza escrita dos textos analisados, e tampouco o verbo *pensar*). Em contrapartida, foram encontrados outros verbos metaforizados: *catar, sacar*, além do verbo *conferir*. Após esse primeiro levantamento, e com as possíveis construções que encontraríamos no *Corpus*, aplicamos os procedimentos advindos da Linguística de *Corpus*²², (da Universidade de Waseda, no Japão) – o qual permite verificar números de ocorrências, elementos que fazem parte da construção, entre outros – e logramos atestar os números de ocorrências de cada marcador discursivo encontrado nos primeiros levantamentos. Os *corpora*, então, para poderem ser processados pelo *software*, foram incorporados em único arquivo, tornando-se um grande *Corpus* composto por quatro sincronias (2008, 2011, 2014 e 2017). Os dados retirados desse grande *Corpus*, divididos por marcador discursivo e suas respectivas frequências de uso, estão apresentados na Tabela 2 (MDs formados com o advérbio *só*) e na Tabela 3 (MDs formados com o advérbio *bem*) abaixo.

Corpus Blogs – 2008 ,2011, 2014 e 2017								
MD	Olha só	Confira só	Veja só	Saca só	Imagina só	Repara só	Sente só	Cata só
n.º	214	92	28	8	7	3	2	2
Total: 356								

Tabela 2 - Número de ocorrências MDs com só

²⁰ Esse pré-levantamento de possíveis ocorrências será descrito em detalhes na seção 3.3.

²¹ Esse primeiro levantamento foi feito por meio do comando *ctrl+l* do programa *Word*, em que digitávamos na barra de busca os advérbios que compõem os MDs (*só* e *bem*) e localizávamos os elementos que combinavam com eles, assim, verificando se se tratava ou não de MDs. Tal levantamento será descrito em detalhes na seção 3.3.

²² Na seção 3.3., apresentaremos os adventos da Linguística de *Corpus* detalhadamente. Além disso, discutiremos como a Linguística de *Corpus* pode contribuir com esta pesquisa e com pesquisas de cunha funcionalista em geral.

<i>Corpus Blogs – 2008 ,2011, 2014 e 2017</i>			
MD	Veja bem	Repara bem	Olha bem
n.º	16	2	1
Total: 19			

Tabela 3 - Número de ocorrências MDs com bem

Conforme os dados apresentados na Tabela 2 e na Tabela 3, podemos perceber que a ocorrência de marcadores formados por verbo e advérbio só é mais produtiva nesse *Corpus*. Além disso, de acordo com o número de ocorrências encontradas de cada marcador, podemos concluir que temos dois marcadores prototípicos: a) *Olha só*, para os MDs formados com *só*; e b) *Veja bem*, para os marcadores formados com *bem*. Outro aspecto importante a ser ressaltado a partir dos dados dessas tabelas é que os marcadores destacados podem estar conjugados em relação aos pronomes *tu*, *você* e *vocês*. Contudo, consideramos que as ocorrências devem ser entendidas como formas diferentes de se dirigir ao interlocutor, representando, até mesmo, diferença de registro. Entretanto, como se configuram como o mesmo verbo, não há necessidade de separá-los para análise e contabilização.

Na seção seguinte, destacaremos os métodos quantitativo e qualitativo e apontaremos a necessidade de mesclar os dois tipos de métodos para a análise realizada neste trabalho.

3.2. O método misto aplicado à análise dos dados

O objetivo deste trabalho é descrever as construções de marcadores discursivos focalizadores, como “olha só” e “veja bem”, a partir de uma análise pautada na abordagem construcional da mudança. Portanto, acreditamos que tais pareamentos de forma-função se configuram como casos de construcionalização gramatical, os quais se organizam em uma rede hierarquicamente organizada, em que cada uma dessas construções constitui um nó dessa rede. Logo, para descrever esse processo e elaborar essa rede, é necessária, a nosso ver, uma análise que mescle os métodos quantitativo e qualitativo.

Cunha Lacerda (2016) destaca que o método misto é importante para a análise de dados de pesquisas sobre mudança linguística por apontar evidências empíricas sobre os níveis esquemáticos de uma rede construcional. Para autora, o método misto está pautado no equacionamento entre as metodologias qualitativa e quantitativa, que, aplicadas à análise, relacionam-se com as frequências *token* (número de ocorrências de uma determinada construção) e *type* (número de expansões possíveis de uma categoria).

Primeiramente, a autora, baseada nos pressupostos das ciências sociais de Bryman (1998), define o que é o método qualitativo. Esse método diz respeito ao olhar do analisador para os seus dados, assim, é possível obter uma descrição detalhada do objeto analisado levando em conta o contexto em que ocorre. Nesse sentido, o pesquisador deve considerar as características de seu objeto a partir do que os dados lhe fornecem, e não *a priori*. Logo, o método qualitativo é definido como o olhar do pesquisador em relação a seus dados sem que haja nenhum pré-julgamento em relação às ocorrências empíricas.

Por outro lado, o método quantitativo, também definido pela autora a partir dos pressupostos das ciências sociais – mas, dessa vez, por meio de Diehl (2004) – “pauta-se na quantificação dos dados analisados, objetivando resultados que evitem possíveis distorções de análise e interpretação.” (CUNHA LACERDA, 2016, p. 86). Para realizar essa quantificação das ocorrências, devem-se aplicar técnicas estatísticas, sejam as mais simples ou as mais sofisticadas, cabendo ao analista verificar o que essa quantificação lhe proporciona. O método quantitativo tem papel fundamental para as pesquisas em mudança linguística por apontar se a frequência de uso é um recurso explicativo para que haja mudança ou não. Nesse sentido, autores como Bybee (2003, 2007, 2011), Traugott (2011) e Martelotta (2009) defendem esse papel fundamental do método quantitativo, ainda que não pontualmente, conforme aponta Cunha Lacerda (2016).

Traugott (2011) e Bybee (2003) tratam, especificamente, de gramaticalização e defendem que a repetição derivada da produção dos falantes é um dos mecanismos de mudança, pois é por meio dela que os padrões vão sendo incorporados na língua. Traugott (2011) ainda advoga que a repetição tem um papel fundamental nos processos de mudança, assim como a reanálise e a analogia – ou, segundo Traugott e Trousdale (2013), neoanálise e analogização. Por sua vez,

Bybee (2003) argumenta que o aumento da frequência de uso pode definir se houve a padronização de uma construção em uma língua, a qual, segundo a autora, ocorre quando a repetição de sequências de palavras ou de morfemas aumenta, levando ao que ela intitula como *chunking* – unidade única de processamento, o que reforçaria o princípio da fraca composicionalidade.

Martelotta (2009) também defende o método quantitativo ao afirmar que a língua deve ser entendida como um sistema complexo em que os fenômenos de uso real com alto grau de repetição formam a base da gramática. A frequência de uso, para o autor, é um instrumento que deve ser usado para identificar e descrever o valor dos elementos linguísticos no uso. Segundo ele, uma construção só terá status na gramática se apresentar alta frequência de repetição.

Com base nisso, é evidente a necessidade de mesclar ambos os métodos para a análise. Schiffrin (1987) defende o método misto de análise, pois julga que o equacionamento dos métodos quantitativo e qualitativo permitem ao pesquisador a obtenção de mais ocorrências e uma análise adequada dos padrões que podem estar sendo formados. Essa análise, segundo a autora, pode ser baseada em uma descrição prévia, porém deve ganhar novas elaborações e adequações de acordo com o que os dados mostram.

Além de Schiffrin (1987), Traugott e Trousdale (2013) também sinalizam que o método misto é adequado para a análise de trabalhos no âmbito da mudança linguística. Para os autores, esse método de análise de dados permite que o pesquisador estabeleça uma relação entre frequência e entrincheiramento das construções, além de possibilitar a verificação do grau de abstração que um dado grupo de construções pode apresentar para uma comunidade de fala. Os autores também afirmam que a propriedade da esquematicidade está relacionada ao aumento de produtividade e à generalidade semântica. Segundo eles, o método quantitativo de análise pode contribuir para verificar a natureza do entrincheiramento das construções e dos esquemas, além de fornecer pistas sobre prototipicalidade de uma microconstrução, já que o *chunking* é um importante fator que pode demonstrar como uma microconstrução se desenvolve ao longo do tempo, desde que analisado a partir de um *Corpus*.

Portanto, a propriedade da produtividade está intrinsecamente relacionada ao estabelecimento de construções em uma língua. Em um *Corpus* sincrônico, essa propriedade pode sinalizar se uma construção é totalmente nova ou ainda se apenas se configura como mudança construcional. Contudo, isso só poderá ser verificado se houver uma análise sob o método misto, pois apenas a frequência de uso não é capaz, por si só, de mostrar ao analista se houve ou não construcionalização. O analista deve ter em mente que o *Corpus* é um recorte da realidade, em que há textos selecionados, de temáticas selecionadas etc., cujo conteúdo pode ou não apresentar todas as instâncias de uso de uma construção, ou ainda que uma frequência de uso, seja alta ou baixa, não condiga com as instâncias reais de uso na fala.

Assim, temos a propriedade da composicionalidade como ponto importante a ser contemplado pelo método misto. Cunha Lacerda (2016) aponta que, embora Traugott e Trousdale (2013) não mencionem o papel da frequência de uso para atestar essa propriedade, o equacionamento das metodologias qualitativa e quantitativa pode indicar evidências empíricas relevantes para a análise de uma amostra de dados. Como na construcionalização e na mudança construcional há redução de composicionalidade²³, há maior probabilidade de formação do *chunking* (BYBEE, 2003, 2007, 2011; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), que é a unidade de processamento linguístico a partir da qual se pode atestar se houve mudança ou não. Logo, em se tratando de um *Corpus* sincrônico, para atestar se houve a formação do *chunking* e a redução de composicionalidade, é de suma importância que o *Corpus* seja composto de mais de uma sincronia atual (CUNHA LACERDA, 2016).

Com base nisso, o método misto se mostra crucial para a análise de uma pesquisa no âmbito da mudança linguística. No que tange à análise de um *Corpus* sincrônico, tal método se torna ainda mais importante, uma vez que a abordagem qualitativa é essencial para verificar se uma construção se trata de um caso de mudança construcional ou de construcionalização. Dessa forma, o método misto se

²³ Conforme exposto no Capítulo 1, a propriedade da composicionalidade, segundo Traugott e Trousdale (2013), refere-se ao nível de transparência de uma construção em relação ao seu significado e à sua forma. Assim, refere-se à convergência (*match*) ou divergência (*mismatch*) de forma e significado.

caracteriza como uma metodologia de análise que fornece dados de diferentes naturezas ao analista, fazendo com que a análise seja mais transparente e condizente com as instâncias reais de uso.

3.3. Procedimentos de análise dos dados e a Linguística de *Corpus*

Nesta seção, abordaremos os procedimentos de análise dos dados adotados por nós e, como exposto anteriormente, abordaremos também as ferramentas da Linguística de *Corpus* que nos auxiliaram na coleta de dados e nas diferentes fases do processo de análise.

3.3.1. A Linguística de *Corpus*

A Linguística de *Corpus* é um campo da linguística que visa à coleta e à análise de conjuntos de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com a finalidade de servir a uma pesquisa de uma língua, por meio de evidências empíricas extraídas a partir de um computador (SARDINHA, 2000). Esses dados devem ser naturais e legíveis por computador, ou seja, devem ser autênticos e independentes, existindo na língua e não sendo criados com o intuito de compor algum *Corpus*.

De acordo com Sardinha (2000), a Linguística de *Corpus* é uma das áreas de pesquisa mais ativa nos últimos anos, o que não quer dizer que, antes do computador, não era possível constituir um *Corpus*. A grande diferença se dá pela possibilidade de expansão, pluralidade, tipologia e representatividade. A pesquisa por meio de *Corpus* data da Grécia Antiga com o *Corpus* Helenístico, porém, devido à restrição de recursos tecnológicos da época, a descrição de uma língua não apresentava a mesma robustez de hoje.

Porém, a definição de *Corpus* não deve ser compreendida apenas como um conjunto de textos para a pesquisa linguística. Segundo Sardinha (2000), o *Corpus* é um recorte artificial de textos naturais e autênticos, usados com finalidade a pesquisas linguísticas. Além disso, constitui uma coletânea de porções linguísticas

selecionadas com critérios explícitos. Vejamos a definição de Sanchez (1995) a respeito:

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise' (SANCHEZ, 1995, p. 8-9 *apud* SARDINHA, 2000, p. 338)

Dessa maneira, Sardinha (2000) define as características para que um conjunto de dados possa ser considerado um *Corpus*, que são: i) origem: os dados devem ser autênticos; ii) propósito: deve ser para pesquisa linguística; iii) composição: conteúdo criteriosamente escolhido de acordo com as necessidades da pesquisa; iv) formatação: os dados devem ser legíveis ao computador; v) representatividade: o *Corpus* deve representar uma língua ou uma variedade dela; e vi) extensão: diz respeito ao tamanho do *Corpus* e sua representatividade de uma língua.

A partir dessas características, o autor elenca também os pré-requisitos para a formação de um *Corpus* computadorizado. Segundo ele, esse *Corpus* deve ser composto por linguagem exclusivamente natural, a qual deve ser também de falantes nativos da língua; o conteúdo deve ser criteriosamente escolhido de acordo com o objetivo daquele *Corpus*, ou seja, os textos devem condizer com a realidade e com o objetivo proposto; por fim, o autor ressalta a representatividade, que diz respeito ao grau de transparência em relação à língua analisada.

Ainda, há uma nomenclatura adequada empregada na Linguística de *Corpus* para definir o seu conteúdo e o seu propósito, referindo-se ao modo, ao tempo, à seleção, ao conteúdo, à autoria e à finalidade. No que se refere ao *Corpus* utilizado por nós, como já citado anteriormente, trata-se de um *Corpus* escrito (modo), sincrônico (tempo), de amostragem (seleção), especializado no que diz respeito aos textos de *blogs* de temáticas variadas (conteúdo), do português brasileiro (autoria) e para fins de realização de pesquisa (finalidade).

Dessa forma, a partir do *Corpus* escolhido, foram aplicados os seguintes procedimentos para levantamento e análise dos dados: i) procura por ocorrências de

construções a serem analisadas; ii) extração dessas ocorrências juntamente com o fragmento de texto a que pertencem para que seu sentido e sua função pudessem ser analisados; iii) quantificação de ocorrências de cada uma das construções; e iv) análise dos dados levantados.

Para o levantamento, a quantificação e a extração dos dados, esta pesquisa contou com a Linguística de *Corpus*, como exposto anteriormente. Segundo Kader e Richter (2013), trata-se de uma metodologia com a qual é possível criar e analisar *corpora* linguísticos por meio de programas de computador que auxiliam o analista durante sua análise. Nesta pesquisa, então, utilizamos o software AntConc 3.2.1 (criado por Laurence Anthony da Universidade de Waseda, no Japão), uma ferramenta cuja função concordanciadora permite que os dados sejam extraídos.

Tal ferramenta funciona da seguinte maneira: i) copia-se o arquivo do *Corpus* para o programa; ii) na ferramenta *concordance*, escreve-se a construção pesquisada e inicia-se a busca; iii) o programa faz a contagem do número de ocorrências daquela construção no *Corpus* e iv) o analista deve selecionar uma a uma para extrair os seus contextos e criar um novo documento de texto para guardá-las e analisá-las posteriormente.

Este programa nos apresenta, então, os seguintes dados: frequência de ocorrência de uma determinada construção no *Corpus*, o fragmento de texto em que cada ocorrência aparece, permitindo ao analista verificar o contexto em que está inserido, além de uma breve análise qualitativa se aquela construção se configura como as do tipo pretendido. O *software* apenas nos apresenta as construções que pesquisamos no fragmento de texto em que ocorre; portanto, para que não se perdesse nenhuma possível construção de MD pertencente à proposta de rede construcional desta pesquisa, mostramos anteriormente que foi feito um levantamento de possíveis combinações de verbos e advérbios possivelmente combinados para, assim, chegar às construções buscadas na ferramenta virtual.

3.3.2. Procedimentos de Análise

Nesta seção, visamos a descrever detalhadamente os procedimentos de análise adotados por nós para a realização desta pesquisa. Para tanto,

descreveremos os procedimentos desde a escolha do objeto até o procedimento final de análise.

Primeiramente, em relação ao objeto desta pesquisa, sua escolha deve-se ao fato de sua grande emergência na fala e na escrita do PB, na qual surgem novas formas e novas funções com o passar do tempo que merecem ser estudadas. Os marcadores discursivos são objeto de muitos estudos linguísticos, porém poucos desses estudos descrevem o seu caráter composto e focalizador sob a abordagem da construcionalização gramatical. Também há a necessidade da descrição de padrões cognitivos nas escolhas dos verbos e advérbios que compõem essas construções, já que tais padrões, muitas vezes, não são aprofundados nesses estudos.

Em segundo lugar, depois da escolha do objeto, foi necessário delimitar um *Corpus* sincrônico para a realização da pesquisa. A fim de constituirmos um *Corpus* grande – mais de 1 milhão de palavras, conforme Sardinha (2000) –, foi necessário que constituíssemos mais de uma sincronia, pois, como já expusemos anteriormente, os trabalhos de Oliveira (2012) e Martins Dall’Ortto (2018) dispunham das sincronias dos anos 2008, 2011 e 2014 de textos de *blogs* de diferentes temáticas. Então, para compor o número necessário para tornar o *Corpus* grande, compilamos um *Corpus* referente ao ano de 2017, também com textos de *blogs* com temáticas variadas. Esses textos foram escolhidos para compor o *Corpus* por caracterizarem uma modalidade escrita informal da língua, em que há menos monitoramento da escrita.

Dessa forma, com o objeto de pesquisa delimitado (marcadores discursivos focalizadores compostos por verbo de percepção cognitiva no imperativo e pelos advérbios *só* ou *bem*) e o *Corpus* devidamente composto, partimos para um levantamento inicial das possíveis construções do nosso *Corpus*. Esse levantamento, conforme citado na seção 3.1., consistiu em uma combinação dos verbos de percepção cognitiva do português no imperativo (nas pessoas *tu*, *você* e *vocês*) com os advérbios (*só* e *bem*) elencados em uma lista para depois serem verificados no *Corpus* por meio de uma busca simples no arquivo *Word*, por meio do comando de busca *crtl+l*, em que digitávamos os advérbios e líamos as ocorrências uma a uma a fim de verificar se se tratava dos marcadores que estávamos buscando. Não foram encontrados todos os verbos da lista, todavia encontramos

outros verbos (*catar*, *conferir* e *sacar*). Assim, fizemos uma nova lista com as construções de MDs encontradas e, para que não houvesse perda de nenhuma ocorrência, optamos pelo software AntConc.

Com o software, buscamos uma a uma cada construção da lista (as construções com cada verbo em cada pessoa – *tu*, *você* e *vocês* – e os advérbios *só* e *bem*), registramos a frequência de uso, retiramos cada ocorrência e seu contexto, organizando-as em um único arquivo, e, a partir da ferramenta *concordance* do *software*, pudemos verificar os elementos que ocorriam tanto pospostos como antepostos aos marcadores.

A partir dessa organização, analisamos cada ocorrência, descrevendo a sua forma e a sua função discursiva. E, com os padrões verificados nessa primeira análise, organizamo-las em padrões microconstrucionais, os quais, para cada microconstrução, compartilhavam a mesma função e a mesma forma (salvo as diferenças de pessoa, as quais consideramos serem apenas diferenças de interlocutor). Com os padrões microconstrucionais mapeados, uma segunda análise nos permitiu identificar os subesquemas da rede, os quais, segundo a nossa análise, apresentam dois níveis: em um primeiro nível, levando em consideração uma análise *bottom-up*, estão os subesquemas cuja forma e função são mais específicos, mas que não têm características de microconstrução, como, por exemplo o subesquema “dêitico”²⁴, cujas microconstruções apresentam características de forma e função muito similares, divergindo ora apenas na forma (verbo utilizado na construção) ora na forma e na função (dêitico em relação a um sintagma nominal expreso, por exemplo). No segundo nível, nossos dados nos mostraram que havia diferença de focalização entre os advérbios *só* e *bem*, cujos escopos são, respectivamente, de restrição e avaliação. Sendo assim, a rede que apresentaremos no capítulo seguinte consistirá de um nível de microconstruções, dois níveis de subesquemas e um nível de esquema.

Nossas análises partiram dos dados. Logo, nossa análise consistiu no método *bottom-up*, ou seja, a partir das informações que os dados nos forneciam, a análise pôde ser realizada. Dessa forma, os padrões microconstrucionais, os subesquemas

²⁴ Tal subesquema será descrito em detalhes no capítulo de análise dos dados.

e o esquema dessa rede foram definidos com base na análise de cada ocorrência e dos padrões identificados, conforme será apresentado, a seguir, no Capítulo IV.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentaremos a análise dos dados realizada para esta pesquisa referente aos marcadores discursivos focalizadores, como, por exemplo, “olha só” e “veja bem”, com base nos pressupostos teóricos que discutimos nos capítulos anteriores, principalmente nos capítulos I e II, dentre os quais se encontram os pressupostos da LFCU, os de marcadores discursivos e os de focalização. Isso posto, os objetivos desta análise são:

- a) Descrever os pareamentos forma-função de marcadores discursivos focalizadores formados por verbos de percepção cognitiva no imperativo e pelos advérbios “só” e “bem”, tendo em vista a intenção de agrupá-los em rede, demarcando seu caráter focalizador e seus respectivos objetos de focalização.
- b) Propor uma rede construcional desses marcadores que abranja os padrões de todas as construções e que apresente os níveis esquema, subesquema e microconstrução.

Nesse sentido, faremos a organização da descrição da rede construcional da seguinte maneira: i) apresentaremos a descrição do esquema; ii) apresentaremos a descrição do subesquema de foco restritivo (só); iii) descreveremos os subesquemas de subnível do subesquema de foco restritivo e suas respectivas microconstruções; iv) faremos a descrição do subesquema de foco avaliativo (bem); v) realizaremos a descrição dos subesquemas de subnível do subesquema de foco avaliativo e de suas respectivas microconstruções. Dessa maneira, ao final do capítulo, apresentaremos a nossa proposta de rede construcional para os marcadores discursivos focalizadores do PB analisados neste trabalho.

4.1. O esquema

No Capítulo I, discutimos os pressupostos da LFCU e apresentamos, dentro dessa premissa, a abordagem construcional da mudança (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). Tal abordagem defende a emergência de novos pareamentos forma e sentido – construções – em uma língua, seja em sua gramática ou em seu léxico. No caso do objeto desta pesquisa, esses padrões são gramaticais, configurando construcionalização gramatical. Esta se caracteriza, então, pela emergência de novos pareamentos forma-função que têm função gramatical, agrupados em redes construcionais hierarquicamente organizadas.

Como já foi exposto anteriormente, na construcionalização gramatical, há quatro níveis na rede construcional e, nesta seção, abordaremos o nível mais alto e mais abstrato: o esquema. Este nível é caracterizado por abranger todas as construções da rede, sendo assim, apresenta o maior nível de generalização e abstração, o que faz com que sua forma e sua função sejam abrangentes de todas as formas e funções da rede. Portanto, o esquema é um padrão de generalização da categorização da cognição humana, sendo apenas percebido de modo inconsciente pelos falantes.

Com base nisso, o objeto de análise desta pesquisa – marcadores discursivos focalizadores com *só* e *bem* – é composto, no nível mais genérico da rede – o esquema –, pelas características referentes à sua forma e à sua função, descritas no quadro abaixo.

Esquema – Marcadores Discursivos focalizadores com <i>só</i> e <i>bem</i>	
Forma	<p>[verbo* no modo imperativo em P2 + advérbio**]</p> <p>* em que se encaixam apenas os verbos de percepção cognitiva ou verbos metaforizados que passam a ter sentido cognitivo (<i>sacar, catar</i> etc.).</p> <p>** em que se encaixam: <i>só</i> (de escopo restritivo) e <i>bem</i> (de escopo avaliativo).</p>

Função	Chamada de atenção do locutor a seu interlocutor de modo a focalizar uma informação.
---------------	--------------------------------------------------------------------------------------

Quadro 2 – Descrição do esquema da rede

Neste sentido, o esquema dessa rede de MDs focalizadores apresenta como forma comum o *chunk* [verbo + advérbio], em que, na categoria verbo, apenas são selecionados verbos de percepção cognitiva (*olhar, ver, imaginar* etc.) que estejam no modo imperativo, na segunda pessoa do discurso e gramatical. Além desses verbos, encaixam-se também verbos de acepção não cognitiva (tais como *sacar e catar*) que passaram por metaforização e adquiriram sentido cognitivo no contexto em que o marcador foi inserido no discurso. No que diz respeito aos advérbios da forma, encaixam-se só – que apresenta escopo restritivo – e *bem* – que apresenta escopo avaliativo.

No que tange à função, o esquema, por ser o nível mais alto e mais genérico da rede, abrange o que há de comum entre todas as microconstruções dessa rede, assim sendo, tal função configura-se pela chamada de atenção do locutor a seu(s) interlocutor(es) de modo a focalizar uma informação tida como relevante ao discurso. Dessa forma, o interlocutor projeta-se no discurso a partir da colocação do locutor por meio do uso da segunda pessoa do discurso no modo imperativo. E, como o português brasileiro têm quatro pronomes de tratamento para a segunda pessoa do discurso (*tu* e *você*, para o singular, e *vocês* e *vós*²⁵, para o plural), há grande variação morfológica entre as formas das construções encontradas, contudo, tais variações foram tomadas como diferenças de direcionamento do discurso, e não como diferenças de forma para configurarem novas construções.

Vale ressaltar que, para a descrição da função desse esquema (e também dos subesquemas e microconstruções que serão descritos a seguir), utilizamos os termos locutor e interlocutor em detrimento de falante e ouvinte por dois principais motivos: i) os termos locutor e interlocutor são mais abrangentes no que se refere às modalidades escrita e falada da língua, ao passo que os termos falante e ouvinte são demasiado restritos à modalidade oral, logo, esses termos tornam-se mais adequados à descrição dos dados por sua abrangência, uma vez que o esquema

²⁵ Apesar de as gramáticas e livros didáticos do PB ainda manterem o pronome *vós*, tal pronome está em desuso e não aparece nenhum MD em nossos dados que apresente as marcas morfológicas desse pronome. Ainda assim, foi necessário incluí-lo na análise inicial para verificar se haveria alguma ocorrência. Como não houve, não foi necessária sua menção no Capítulo III.

pode ser acessado tanto ao falar quanto ao escrever; e ii) uma vez que nosso *Corpus* apresenta apenas textos da modalidade escrita da língua, o uso dos termos falante e ouvinte torna-se inadequado à nossa pesquisa, portanto, optamos pelo uso dos termos locutor e interlocutor devido à sua abrangência a ambas as modalidades da língua.

Conforme vimos no Capítulo II, em relação aos marcadores discursivos, Schiffrin (1987), Marcuschi (1989) e Brinton (1996) nos proporcionam definições sobre essa categoria linguística que servem à definição desse esquema, tanto no que se refere à forma quanto à função. Em suma, os autores postulam que um marcador discursivo se configura como uma unidade sequenciadora de tópico discursivo, que pode ser usado nas modalidades escrita e falada da língua e que pode ser formado por um ou mais elementos linguísticos (tais como verbos, advérbios, conjunções, etc.). Além disso, os MDs apresentam como função básica, segundo esses autores, a chamada de atenção do locutor ao seu interlocutor, podendo apresentar focalização maior ou menor em relação aos elementos pospostos ou antepostos a esse marcador.

A forma e a função que descrevemos para esse esquema está, então, de acordo com os pressupostos dos autores supracitados e também com os dos muitos outros que citamos na seção 2.2. do Capítulo II, na qual apresentamos os pressupostos e as definições sobre os marcadores discursivos. Portanto, esse esquema se mostra de acordo com as definições apresentadas por nós, que constam na literatura, o que nos permite uma análise condizente com os estudos já feitos sobre esse objeto.

O esquema dessa rede, então, consiste da abstração e da generalização das formas e das funções dos pareamentos de forma-função dos MDs da rede, apresentando o que há de comum entre todas as construções da rede, logo, ainda que haja variação na forma com elementos pospostos ou antepostos a [verbo + advérbio], esse *chunk* sempre fará parte da forma dessas construções. Em relação à função, conforme veremos a seguir neste capítulo, existem outras funções mais específicas para cada uma das microconstruções encontradas, contudo, todas as microconstruções compartilham a função de “chamada de atenção do locutor a seu interlocutor de modo a focalizar uma informação”, independente se essa focalização

ocorre por restrição (com o *chunk* com o advérbio “só”) ou por avaliação (com o *chunk* com o advérbio “bem”).

Partindo da concepção de focalização restritiva ou avaliativa, conforme explicitado no Capítulo III, em que mostramos o tipo de análise *bottom-up*, os subesquemas dessa rede subdividem-se em: subesquema 1 – foco restritivo (*só*) e subesquema 2 – foco avaliativo (*bem*), como consta na apresentação deste capítulo. Os dados referentes aos números de MDs pertencentes à hierarquia deste esquema estão apresentados na tabela abaixo. Nela, mostramos os números referentes aos dados retirados do *corpus* e a cada marcador, porém sem que haja distinção, por ora, de subesquemas e de microconstruções, dados estes que serão apresentados em detalhes em cada subseção referente a seus respectivos níveis. Vejamos a tabela:

Quantitativo de MDs no esquema – Marcadores Discursivos focalizadores com <i>só</i> e <i>bem</i>											
MDs	Olha só	Confira só	Veja só	Veja bem	Saca só	Imagina só	Repara só	Repara bem	Sente só	Cata só	Olha bem
Nº	214	92	28	16	8	7	3	2	2	2	1
Total	375										

Tabela 4 – Quantitativo de MDs no esquema

De acordo com a Tabela 4, o esquema – marcadores discursivos focalizadores com *só* e *bem* – apresenta 11 diferentes *chunkings* de MDs cuja forma é [verbo + advérbio], ordenados de maior a menor número de ocorrências no *corpus*. Dentre esses 11 tipos, temos oito diferentes verbos utilizados – a saber: “olhar”, “conferir”, “ver”, “sacar”, “imaginar”, “reparar”, “sentir” e “catar” – além dos advérbios “só” e “bem”, que dão origem ao subesquema 1 e ao subesquema 2, respectivamente. Verificamos também, nas informações da tabela, que o MD mais frequente é “olha só” e o menos frequente é “olha bem”, característica que discutiremos nas considerações finais.

Assim, nas seções seguintes, ocupar-nos-emos de descrever tais subesquemas, iniciando a partir do subesquema 1, de seus subesquemas de segundo nível e de suas construções, e, logo após, descreveremos o subesquema 2 e seus respectivos subesquemas de segundo nível e suas microconstruções.

4.2. Subesquema 1 – Foco Restritivo (só)

Nesta seção, realizaremos a descrição do subesquema 1 da nossa proposta de rede construcional de marcadores discursivos focalizadores do com *só* e *bem*. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), o nível chamado subesquema de uma rede construcional é caracterizado como um nível abaixo do esquema, sendo genérico e abstrato e abrangendo todas as particularidades das microconstruções que fazem parte de sua hierarquia. Todavia, conforme veremos mais adiante neste capítulo e como já mencionamos anteriormente, os subesquemas de primeiro nível dessa rede – como é o caso do subesquema 1 – abrangem outros subesquemas de segundo nível. Isso ocorre devido à necessidade, ao longo do tempo, de categorizar os novos usos e as novas construções que surgem de uma rede, ou seja, novos subesquemas podem surgir ao longo do tempo, tanto no mesmo nível quanto em nível abaixo; assim como outros subesquemas podem desaparecer.

É importante ressaltar que, como já foi exposto anteriormente, novas construções surgem do uso real da língua, podendo adquirir novas funções e formas ao longo do tempo e fazendo com que subesquemas surjam ou se apaguem de uma rede. Devido a isso, a rede construcional proposta nesta pesquisa apresenta dois níveis de subesquema: um primeiro nível, mais abstrato, relativo ao modo de focalização (restritivo e avaliativo); e um segundo nível, que, de acordo com os pressupostos de Traugott e Trousdale (2013), apresenta idiosincrasias próprias a partir das características comuns às microconstruções pertencentes a sua hierarquia.

Isso posto, esse subesquema caracteriza-se pela focalização restritiva ocasionada pelo advérbio “só”, formando o *chunk* [verbo +advérbio]. Sendo assim, o foco do MD recai sobre um elemento do discurso apenas, sendo esse expresso de forma anafórica, catafórica ou elíptica. Dessa forma, esse elemento recebe todo o

foco que o locutor pretende realizar, pois, como vimos no Capítulo II, o escopo do advérbio “só” é de restrição, logo, ao fazer uso de um marcador com esse advérbio, o locutor restringe toda a informação a apenas um elemento, que pode ser um sintagma nominal, uma oração, um texto completo etc. A fim de ilustrar a forma e a função desse subesquema, apresentamos o quadro abaixo.

Subesquema 1 – Foco Restritivo (só)	
Forma	[verbo* no modo imperativo em P2 + só] * em que se encaixam apenas os verbos de percepção cognitiva ou verbos metaforizados que passam a ter sentido cognitivo (<i>sacar, sentir, catar</i> etc.).
Função	Chamada de atenção do locutor a seu interlocutor de modo a restringir o foco a uma informação do discurso.

Quadro 3 – Descrição do subesquema 1 da rede.

Nesse quadro, podemos perceber que a forma desse subesquema é composta pelo *chunk* [verbo no modo imperativo + só], em que, na categoria verbo, encaixam-se os verbos de percepção cognitiva (como, por exemplo, *olhar, ver, imaginar, conferir* etc.), além dos verbos que passaram por metaforização (como, por exemplo, *sacar* e *catar*). Os verbos apresentam-se no modo imperativo e na segunda pessoa do discurso, podendo referir-se aos pronomes “tu”, “você” e “vocês”, que são os de uso corrente no português brasileiro. Nesse subesquema, apenas o advérbio “só” compõe a forma dos MDs de sua hierarquia, uma vez que se trata de uma função de foco restritivo, formando marcadores como “olha só”, “imagina só”, “saca só”, entre outros.

No que diz respeito à função, por se caracterizar como um nível abstrato que abrange as particularidades comuns das microconstruções de sua hierarquia, esse subesquema apresenta a chamada de atenção do locutor a seu interlocutor de modo a restringir uma informação do discurso. Essa restrição deve-se ao escopo do advérbio “só”, que, segundo Souza (2004) – baseado em Posenti (1992) e Ilari (1992) –, é de restrição, logo, ao utilizar um marcador com esse advérbio, o locutor restringe o foco da atenção do interlocutor a um elemento do discurso, podendo

esse foco recair sobre um elemento específico ou sobre todo o texto. Assim, o foco pode ser direcionado a diferentes elementos linguísticos (sintagma nominal, oração, texto etc.) e não linguísticos (objeto, imagem, vídeo, cena etc.), podendo esses elementos ainda estarem expressos de modo anafórico, catafórico ou elíptico. Isto é, o marcador, dependendo da idiosincrasia de sua microconstrução, pode ocorrer de forma parentética ou apenas no início ou apenas no final de um texto²⁶.

Na tabela abaixo, apresentamos os dados quantitativos referentes aos MDs deste subesquema.

Subesquema 1 – Foco Restritivo (só)															
Marcadores Discursivos															
<i>Olhar</i>		<i>Conferir</i>		<i>Ver</i>		<i>Sacar</i>		<i>Imaginar</i>		<i>Reparar</i>		<i>Sentir</i>		<i>Catar</i>	
Olha só	169	Confere só	4	-	-	Saca só	7	Imagina só	3	Repara só	2	-	-	Cata só	2
Olhe só	2	Confira só	86	Veja só	10	-	-	Imagine só	1	-	-	-	-	-	-
Olhem só	43	Confiram só	2	Vejam só	18	Saquem só	1	Imaginem só	3	Reparem só	1	Sintam só	2	-	-
Total de MDs:			356												

Tabela 5 – Descrição quantitativa do subesquema 1 da rede

Conforme as informações da tabela acima, este subesquema apresenta um total de 356 ocorrências de MDs encontradas no *corpus* analisado. Destas ocorrências, temos os verbos “olhar”, “conferir”, “ver”, “sacar”, “imaginar”, “reparar”, “sentir” e “catar”, os quais apresentam as formas no modo imperativo apresentadas na tabela. Dessa maneira, esse subesquema é caracterizado: a) pela função de chamada de atenção do locutor a seu interlocutor de modo a restringir o foco a uma informação do discurso; e b) pela forma [verbo no modo imperativo em P2 + só], em

²⁶ Deve-se ressaltar aqui, contudo, que o termo “texto referenciado”, nesta pesquisa, não se refere apenas ao texto escrito, mas sim a textos de ambas as modalidades da língua, embora o *corpus* que utilizamos seja composto apenas dessa modalidade da língua.

que os verbos são de percepção cognitiva e metaforizados com essa acepção. Tendo descrito esse subesquema de primeiro nível, nas próximas subseções, apresentaremos os subesquemas de segundo nível dessa hierarquia. São eles: i) subesquema 1.1 – foco dêitico; ii) subesquema 1.2 – foco restritivo-avaliativo; iii) subesquema 1.3 – foco prefaciativo; iv) subesquema 1.4 – foco restritivo-argumentativo; e v) subesquema 1.5 – foco hipotético. Nas subseções a seguir, apresentaremos um subesquema de segundo nível por vez, analisando, na sequência, as microconstruções de sua hierarquia.

4.2.1. Subesquema 1.1 – foco dêitico

Apresentaremos o subesquema 1.1 – foco dêitico nesta seção, que, conforme vimos na seção anterior, configura-se como um subesquema de segundo nível. Traugott e Trousdale (2013) sinalizam que os subesquemas abrangem as particularidades das microconstruções de sua hierarquia e que podem surgir ou desaparecer na rede ao longo do tempo devido às mudanças que ocorrem no uso. Sendo assim, um subesquema de segundo nível pode ser entendido como um padrão da mudança das construções de uma rede que abrange as particularidades de suas microconstruções, mas que ainda pertence à hierarquia de um subesquema de primeiro nível.

Nesse sentido, o subesquema 1.1 apresenta forma e função mais delimitados que o subesquema 1. Nele, conforme verificaremos no quadro abaixo, temos uma especificação maior no que diz respeito à função e ao que chamamos, no Capítulo II, de objeto de focalização. Nesse subesquema, todas as microconstruções apresentam foco restritivo em relação a uma informação dêitica, isto é, apontam o foco a um elemento do discurso que pode estar linguisticamente expresso ou não, sendo esse elemento algo que pode ser atestado na factualidade do discurso, como, por exemplo, um objeto, uma pessoa, uma imagem, um vídeo etc., que chamamos aqui de elemento do discurso. Abaixo, apresentamos o Quadro 4, que contém as especificações de forma e função.

Subesquema 1.1 – Foco dêitico

Forma	[verbo* no modo imperativo em P2 + só + (NP)] * em que se encaixam apenas os verbos de percepção cognitiva ou verbos metaforizados que passam a ter sentido cognitivo (<i>sacar, sentir, catar</i> etc.).
Função	Chamada de atenção do locutor a seu interlocutor de modo a restringir o foco de modo dêitico a um elemento do discurso.

Quadro 4 – Descrição do subesquema 1.1 da rede

Conforme verificamos no Quadro 4, a forma desse subesquema 1.1 apresenta o *chunk* [verbo* no modo imperativo em P2 + só+ (NP)], em que, na posição “verbo no modo imperativo” se encaixam apenas os verbos de percepção cognitiva e os verbos metaforizados que adquirem aceção cognitiva no discurso, assim como no esquema e no subesquema 1. Temos também o advérbio “só” de escopo restritivo e um NP, ou sintagma nominal. Esse sintagma nominal refere-se ao elemento do discurso sobre o qual o foco restritivo dêitico recai, podendo estar linguisticamente expresso no discurso ou não, além de poder ser retomado de forma anafórica, catafórica ou elíptica. É importante frisar que esse elemento que recebe o foco dêitico nesse subesquema é um elemento real, isto é, que pode ser atestado no discurso. Conforme veremos a seguir na descrição das microconstruções, esse elemento refere-se a algo que pode ser, na maioria das vezes, visto, conferido, olhado etc.

Desse modo, a função desse subesquema de chamada de atenção do locutor a seu interlocutor de modo a restringir o foco de modo dêitico a um elemento do discurso torna-o específico em relação às microconstruções de sua hierarquia. A dêixis é, segundo Levinson (2007), o modo como as línguas codificam o apontamento, a indicação de um elemento no discurso, delimitando um referente por meio de uma expressão linguística. Desse modo, os MDs desse subesquema o realizam por meio da restrição do foco e por meio do verbo, configurando toda a construção. Portanto, classificamos este subesquema como de foco dêitico porque suas microconstruções apresentam a função de apontar, de indicar um elemento do discurso, caracterizando, conforme vimos na seção 2.5.1. com os pressupostos de Levinson (2007), a expressão de dêixis, principalmente da dêixis de discurso.

Este subesquema 1.1 apresenta sete microconstruções, que serão apresentadas na subseção a seguir. Na tabela abaixo, apresentamos os dados quantitativos referentes a este subesquema, representando cada microconstrução com seu número de ocorrências. Vejamos:

Subesquema 1.1 – Foco dêitico							
Marcadores Discursivos							
<i>Olhar</i>		<i>Conferir</i>		<i>Ver</i>		<i>Reparar</i>	
Olha só	130	Confere só	4	-	-	Repara só	1
Olhe só	2	Confira só	86	Veja só	7	-	-
Olhem só	27	Confiram só	2	Vejam só	14	-	-
Total de MDs:			273				

Tabela 6 – Descrição quantitativa do subesquema 1.1

Isto posto, descreveremos nas subseções seguintes as microconstruções que compõem a hierarquia desse subesquema, as quais totalizam sete.

4.2.1.1. Microconstrução 1.1.1 – *Olha só 1*

Traugott e Trousdale (2013) definem microconstrução como as ocorrências *type* mais específicas sob a hierarquia de um esquema da rede. Esse nível mais específico é constituído de forma e função próprias, com suas idiossincrasias que diferem uma microconstrução de outras microconstruções; além disso, esse nível é definido com base nos construtos, os quais são as ocorrências empíricas de mudança, os *tokens*. Baseados nessa definição dos autores, a microconstrução 1.1.1 do subesquema 1.1 é caracterizada pela forma e função descritas no quadro abaixo.

Microconstrução 1.1.1 – Olha só 1	
Forma	[(NP) + verbo olhar no modo imperativo em P2 + só + (NP)]
Função	Chamada de atenção com foco dêitico e restritivo em relação à informação apresentada em um texto (anafórico) e em um elemento do discurso (catafórico/ elíptico).

Quadro 5 – Descrição da microconstrução 1.1.1 da rede.

Essa microconstrução apresenta como forma o *chunk* [(NP) + verbo olhar no modo imperativo em P2 + só + (NP)], em que os sintagmas nominais (NP) encontram-se antes e depois do MD, contudo, o primeiro sintagma, como é demonstrado na forma, está entre parênteses porque pode ocorrer no decorrer do texto e ser retomado pelo marcador de forma explícita linguisticamente ou não, portanto o primeiro e o segundo sintagmas são os mesmos referentes, ainda que um possa ser expresso linguisticamente e o outro não. Como os dados analisados pertencem à modalidade escrita, muitas ocorrências apresentam o segundo sintagma expresso linguisticamente, ao passo que outras o retomam por meio de links, imagens ou vídeos. Na modalidade oral, essa retomada pode ocorrer por meio de uma indicação gestual em direção a uma cena, objeto etc.

Em relação ao verbo, como o PB apresenta os pronomes de P2 “tu”, “você” e “vocês”, e, conforme vimos no Capítulo III, as diferenças morfológicas das formas verbais referentes a esses pronomes foram tomadas por nós como direcionamento ao interlocutor, que pode depender de registro, grau de formalidade ou pluralidade de interlocutor. Portanto, as formas dessa microconstrução para o verbo *olhar* podem ser: *olha*, *olhe* e *olhem*. O verbo *olhar*, segundo o dicionário Houaiss (2009), apresenta como primeiro sentido “dirigir os olhos para”, o que, no caso dos marcadores com foco dêitico, denota um sentido mais factual ao marcador, ainda que nem em todas as ocorrências o verbo mantenha esse primeiro sentido completo.

A função dessa microconstrução apresenta idiosincrasias claras. Primeiramente, como descrito no Quadro 5, essa se configura pela chamada de atenção com foco dêitico e restritivo à informação apresentada em um texto (anafórico) e em um elemento do discurso (catafórico). Sendo assim, o marcador é utilizado de forma a retomar uma informação já mencionada anteriormente pelo locutor e chamar a atenção para esse elemento novamente, contudo, esse elemento pode ser expresso de modo explicitamente linguístico ou como um elemento do discurso (cena, objeto, imagem, vídeo etc.). Logo, o que caracteriza a função dessa microconstrução é o foco restritivo e dêitico a um elemento já mencionado pelo locutor, que é quem julga necessário restabelecer a retomada a esse elemento.

Essa microconstrução é a mais produtiva dessa rede, apresentando 97 construtos – sendo 76 com a forma “olha”, 2 com a forma “olhe” e 19 com a forma “olhem”. Por ser a mais produtiva, nós a elencamos como a primeira microconstrução da rede e, conseqüentemente, deste subesquema. Veremos, nas microconstruções seguintes, que nem sempre a produtividade será o fator chave para que uma microconstrução seja a primeira de um subesquema, pois outros fatores (tais como subjetividade, significado do verbo etc.) também têm papel importante para constituir a posição que um nível ocupa na rede. Desse modo, na tabela abaixo, apresentamos os dados quantitativos retirados do *corpus* que se referem a *Olha só 1*.

<i>Olha só1</i>			
Formas	<i>Olha</i>	<i>Olhe</i>	<i>Olhem</i>
Nº de ocorrências no <i>corpus</i>	76	2	19
Total	97		

Tabela 7 – Descrição quantitativa da microconstrução 1.1.1.

Com base nisso, no excerto do *Corpus* mostrado em (5) abaixo, visamos a exemplificar essa microconstrução:

(5) “A maioria de vocês já deve conhecer o site da Laffayette. Para quem não conhece: a Laffayette é uma loja fundada no Paraná. Lá você encontra makes,

cosméticos, perfumes, etc. Além da loja, a marca também tem um site que entrega para todo o Brasil. Dica: no site existe uma seção de Outlet cheio produtos MARA pela metade do preço. **Olhasó**: http://laffayette.com.br/hotsite_primavera.php?PID=26". (Corpus escrito *blogs* – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

Nesse exemplo, o marcador “olha só” restringe a informação sobre o site da loja Laffayette, que, como descrito na forma e função dessa microconstrução, é referenciado no texto antes do marcador e configura um sintagma nominal (NP) e, posposto ao marcador, encontra-se o endereço desse site, retomando esse NP de forma elíptica, uma vez que não se repete o mesmo referente primeiramente usado. O endereço do site, então, configura-se como um elemento do discurso catafórico e elíptico: catafórico porque o marcador se refere a esse endereço, apontando-o no discurso, e elíptico porque retoma o NP “o site da Laffayette”. Portanto, esse exemplo ilustra claramente a forma e a função dessa microconstrução do subesquema 1.1, em que figura o foco dêitico, pois o elemento do discurso é apontado pelo marcador e, assim, faz parte da sua forma, já que não há como existir a referência sem o elemento dêitico do discurso.

4.2.1.2. Microconstrução 1.1.2 – *Olha só 2*

Essa microconstrução, diferentemente da anterior, caracteriza-se pelo foco restritivo dêitico a apenas um aspecto, marcado por um sintagma nominal (NP), do elemento do discurso focalizado. A forma e a função estão apresentadas no Quadro 6 abaixo.

Microconstrução 1.1.2 – Olha só 2	
Forma	[verbo olhar no modo imperativo em P2 + só + NP]
Função	Chamada de atenção dêitica e restritiva à informação apresentada em um NP (catafórico) referente a um elemento do discurso.

Quadro 6 – Descrição da microconstrução 1.1.2 da rede

Assim como na microconstrução 1.1.1, na microconstrução 1.1.2, as formas verbais que podem se encaixar são: *olha*, *olhe* e *olhem*. Em contrapartida, a

focalização em relação ao NP é obrigatória, isto é, esse deve aparecer explícito no discurso para que se caracterize essa microconstrução. O NP focalizado refere-se a algum aspecto do elemento do discurso para o qual a atenção do interlocutor deve se voltar, contudo, esse NP é caracterizado pelo exato ponto ou pela exata informação desse elemento para o qual/a qual o interlocutor deve focar sua atenção. Assim, o sentido dicionarizado e compartilhado do verbo “olhar” tem razões para compor esse marcador.

No que tange à função, nós a definimos como a chamada de atenção dêitica e restritiva em relação à informação apresentada em um NP (catafórico) referente a um elemento do discurso. Essa função, partindo dos pressupostos de dêixis de Levinson (2007), confere a indicação do foco restritivo ao NP, que, como exposto anteriormente, é o ponto que o locutor pretende que a atenção do interlocutor depreenda, caracterizando, indicando, assim, uma dêixis. Todo construto que faz parte dessa microconstrução, então, apresenta um NP focalizado referente a um elemento do discurso.

A tabela abaixo apresenta os dados quantitativos referentes às ocorrências dos MDs de *Olha só 2*. Nela, veremos que se trata de uma microconstrução com alta produtividade, apresentando as formas “olha” e “olhem” do verbo no modo imperativo. Vejamos:

<i>Olha só 2</i>			
Formas	<i>Olha</i>	<i>Olhe</i>	<i>Olhem</i>
Nº de ocorrências no corpus	54	-	8
Total	62		

Tabela 8 – Descrição quantitativa da microconstrução 1.1.2.

A fim de ilustrarmos esta microconstrução, apresentamos uma dessas ocorrências com o exemplo (6) abaixo.

(6) “Concurso Kawaii Make-Up: Transforme-se, 2a Edição Categorias: Sorteios e Concursos O Concurso é baseado nas musas do Hip Hop e R&B. As três primeiras

colocadas receberão prêmios super fofos! **Olha só** o prêmio da 1a colocada:”. (*Corpus* escrito *blogs* – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

Nesse exemplo, o marcador “olha só” é seguido pelo NP “o prêmio da 1a colocada:”, sobre o qual o foco restritivo e dêitico recai. Além disso, o elemento do discurso ao qual esse NP se refere é uma imagem, que não pôde ser copiada devido à característica do *Corpus*²⁷. Contudo, embora a imagem seja um elemento do discurso, não é necessária sua cópia neste trabalho, pois não é nosso foco analisar esse tipo de linguagem. O foco, então, recai sobre a informação do NP, e o interlocutor deve dirigir sua atenção a esse ponto da imagem, e não aos outros elementos que a compõem, sejam eles quais forem. Evidencia-se, nessa ocorrência, o escopo do advérbio “só” de restrição, no que se refere ao foco do NP, e também a dêixis, no que se refere ao direcionamento a uma imagem e a um ponto específico desta.

4.2.1.3. Microconstrução 1.1.3 – *Veja só 1*

Diferentemente das microconstruções anteriores, nesta o verbo que compõe o marcador é o verbo “ver”, que no dicionário Houaiss (2009) têm o seguinte primeiro significado: “perceber pela visão; enxergar”. Embora os significados de *ver* e *olhar* sejam muito similares, é possível notar a diferença entre os dois verbos no uso corrente da língua: *olhar* apresenta uma acepção mais neutra para a visão, isto é, os olhos percebem, mas nem sempre o que é “olhado” é percebido com atenção pelo nosso aparato mental; por outro lado, *ver* tem uma acepção mais específica sobre a visão: quando um locutor profere que vê algo, ele percebe essa coisa e capta suas características pelo aparato mental. Desse modo, o uso do verbo *olhar* ou do verbo *ver* em um marcador discursivo tem impactos relevantes nas idiosincrasias da forma e da função. Para essa microconstrução, o quadro abaixo apresenta as particularidades de forma e função.

²⁷ Ressaltamos que o *corpus* analisado não contém imagens, apenas texto, pois julgamos não serem necessárias as cópias de todas as imagens que aparecem nas postagens dos blogs dos quais retiramos nossos dados.

Microconstrução 1.1.3 – Veja só 1	
Forma	[(NP) + verbo <i>ver</i> no modo imperativo em P2 + só + (NP)]
Função	Pedido de análise com foco restritivo e dêitico a um elemento do discurso (catafórico) apresentado em relação a um texto (anafórico).

Quadro 7 – Descrição da microconstrução 1.1.3 da rede

A forma dessa microconstrução apresenta-se em [(NP) + verbo *ver* no modo imperativo em P2 + só + (NP)], em que o verbo “ver” no modo imperativo em P2 pode apresentar as variações morfológicas dos pronomes *você* e *vocês* (*veja* e *vejam*, respectivamente). O verbo “ver” foi o único verbo em nossos dados que não apresentou nenhum marcador no modo imperativo conjugado em P2 sob o pronome *tu*²⁸. Os sintagmas nominais (NP) aparecem entre parênteses por serem elementos não obrigatórios de ocorrer de forma linguisticamente explícita. Nessa microconstrução, ocorre praticamente o mesmo que na microconstrução 1.1.1: o primeiro NP pode estar expresso em um texto anteposto ao marcador, e o segundo NP ocorre de forma catafórica, sendo esta última uma referência virtual ao primeiro NP.

O mesmo ocorre em relação à função, cuja descrição de pedido de análise com foco restritivo e dêitico a um elemento do discurso (catafórico) apresentado em relação a um texto (anafórico) assemelha-se à da microconstrução 1.1.1. Nesta, porém, devido à semântica do verbo “ver”, a função está mais atrelada a um pedido de análise do que a uma simples chamada de atenção, contudo, ao utilizá-la, o locutor também chama a atenção do seu interlocutor. A função dessa microconstrução, então, caracteriza-se por um pedido de análise a uma informação focalizada pelo apontamento no discurso, e tal informação pode ser expressa linguisticamente ou não, podendo ser inferencial. Portanto, tem-se um NP mencionado em um texto anteposto ao marcador; e o marcador que focaliza aponta

²⁸Nossa hipótese é de que isso ocorre devido à preferência da forma imperativa *veja*, em detrimento da forma *vê*, por apresentar maior variação morfológica em relação ao presente do indicativo (*vê*) e não causar confusão ao interlocutor.

uma informação sobre esse NP, que pode ser anafórico, elíptico, catafórico ou inferencial.

Na tabela abaixo, apresentamos os dados referentes ao número de ocorrências por MD dessa microconstrução. Nela, veremos que há, no *corpus*, 6 ocorrências com a forma “veja” e 5 com a forma “vejam”, totalizando 11 ocorrências. A saber:

Veja só 1		
Formas	Veja	Vejam
Nº de ocorrências no corpus	6	5
Total	11	

Tabela 9 – Descrição quantitativa da microconstrução 1.1.3.

Para entendermos e ilustramos essa microconstrução, apresentamos o exemplo (7) abaixo retirado do nosso *Corpus*.

(7) “Unicórnio Uma das grandes febres do momento não poderia estar fora dessa lista. Se você não gosta de maquiagens de terror, que tal apostar no look unicórnio, todo fofolete? É hora de liberar todo o brilho que existe dentro de você <3. A @jessicamakems ensinou no canal como criar esse look, veja só”. (*Corpus* escrito *blogs* – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

Como podemos ver em (7), o primeiro NP, expresso na forma acima, diz respeito ao “look unicórnio”, sendo assim, o locutor, ao usar o marcador “veja só”, cria um foco restritivo e dêitico ao vídeo que é apresentado na sequência na postagem original, que se configura como um elemento do discurso no qual há uma referência clara ao primeiro NP “look unicórnio”. Sendo assim, o primeiro NP é referenciado anaforicamente pelos termos “esse look”, ao passo que o segundo NP, expresso na forma dessa microconstrução acima, está referenciado virtualmente no elemento do discurso (vídeo).

4.2.1.4. Microconstrução 1.1.4 – *Veja só 2*

Assim como a microconstrução anterior, esta também é composta pelo verbo “ver”. Sendo assim configura um pedido de análise devido à semântica do verbo, porém apresenta idiosincrasias referentes à forma e à função, que estão representadas no quadro abaixo.

Microconstrução 1.1.4 – Veja só 2	
Forma	[verbo ver no modo imperativo em P2 + só + oração encaixada]
Função	Pedido de análise com foco restritivo e dêitico à informação da encaixada (catafórico) apresentada em relação a um texto (anafórico/catafórico).

Quadro 8 – Descrição da microconstrução 1.1.4 da rede

A forma dessa microconstrução apresenta o *chunk* “veja só” seguido de uma oração encaixada, que, segundo Moura (2017, p. 45), “é caracterizada por estreita vinculação sintática”. Essas orações também são chamadas de subordinadas, contudo, adotaremos os termos “oração encaixada” neste trabalho. No sentido das microconstruções analisadas neste trabalho, tais orações caracterizam-se por um vínculo sintático forte com o marcador, estabelecendo uma relação de subordinação entre as duas orações – a encaixada e o MD, uma vez que os MDs analisados por nós constituem marcadores verbais (MARCUSCHI, 1989).

As orações encaixadas podem iniciar-se por um verbo no infinitivo ou por uma conjunção. Quanto às marcas morfológicas do verbo, este pode ocorrer nas formas “veja” e “vejam”, referentes aos pronomes de tratamento de segunda pessoa *you* e *you*s, respectivamente, conforme já expusemos anteriormente na descrição da forma da microconstrução 1.1.4.

Já a sua função é caracterizada pelo pedido de análise com foco restritivo e dêitico à informação da encaixada (catafórico) apresentada em relação a um texto (anafórico/ catafórico). Isso significa que a informação da encaixada faz referência ao texto anterior e posterior ao marcador, sendo que o texto posterior pode também ser um elemento do discurso (imagem, objeto etc.). Logo, a função dessa microconstrução é restringir e apontar uma informação apresentada em forma de oração encaixada referente ao seu contexto de uso.

As informações sobre o número de ocorrências por MD no *Corpus* estão dispostas na tabela a seguir.

Veja só 2		
Formas	Veja	Vejam
Nº de ocorrências no corpus	-	3
Total	3	

Tabela 10 – Descrição quantitativa da microconstrução 1.1.4.

Abaixo, no exemplo (8), apresentamos uma ocorrência de uso dessa microconstrução:

(8) “Creuza gritando por socorro! Tags: aprovado, internacional, lip balm, viagem Olívia nos escreveu contando que vai viajar em breve, e **vejam só** o que ela pediu: Ainda não tenho nem 1/3 das maquiagens que já percebi que vcs possuem e que são fruto de muitas sacoladas. Mas vamos ao que interessa.. estou para ir aos states em janeiro e gostaria de aproveitar a oportunidade pra fazer um kit legal e básico de maquiagem, sem exageros. Claro que, assim como aqui não pretendo gastar fortunas nessa empreitada e por isso gostaria que vcs experts no assunto "sacolada" me dessem dicas de lugares pra se comprar [...]”. (*Corpus* escrito *blogs* – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

Em (8), percebemos que o marcador utilizado “vejam só” é seguido da oração encaixada “o que ela pediu”, a qual faz referência anafórica ao fato de Olívia ter escrito à locutora dizendo que viajaria em breve (anafórico); além disso, também faz referência ao texto que Olívia escreveu a ela (catafórico). Dessa maneira, o foco restritivo do marcador aponta para a oração encaixada que se segue a ele, formando, assim, uma dêixis. A restrição se dá pelo foco no que Olívia pediu, ou seja, apesar de a locutora mostrar todo o texto escrito por Olívia, o foco do pedido de análise recai para o pedido em si, que são as dicas de onde se pode comprar maquiagens para montar um kit.

4.2.1.5. Microconstrução 1.1.5 – **Veja só 3**

Nesta última microconstrução com o verbo “ver” neste subesquema, outras idiosincrasias se apresentam no que se refere à forma e à função, apresentadas no quadro abaixo.

Microconstrução 1.1.5 – Veja só 3	
Forma	[verbo ver no modo imperativo em P2 + só + NP]
Função	Pedido de análise com foco restritivo e dêitico à informação do NP (catafórico) apresentada em relação a um texto e a elemento do discurso (anafórico/catafórico).

Quadro 9 – Descrição da microconstrução 1.1.5 da rede

De acordo com os dados apresentados nesse quadro, a forma da microconstrução 1.1.5 apresenta o verbo “ver” no modo imperativo em P2, podendo ser conjugado sob as formas morfológicas dos pronomes *você* e *vocês* (*veja* e *vejam*), seguido do advérbio “só” e de um sintagma nominal (NP) expresso linguisticamente. A sua função é descrita como um pedido de análise com foco restritivo e dêitico à informação do NP (catafórico) apresentada em relação a um texto e a um elemento do discurso (anafórico/catafórico). O escopo restritivo se dá na informação contida no NP, que é apresentada em relação ao contexto em que o marcador se insere e também em relação ao elemento do discurso ao qual faz referência. Esse elemento pode ser uma imagem, objeto, cena etc. O pedido de análise deve-se ao significado do verbo “ver” que, como vimos nas microconstruções anteriores, diz respeito à percepção pela visão, configurando, assim, uma chamada de atenção mais rebuscada do que a apresentada nas construções com o verbo “olhar”.

Na tabela abaixo, encontramos as informações acerca do número de ocorrências do *corpus* por MD dessa microconstrução.

Veja só3		
Formas	Veja	vejam
Nº de ocorrências no corpus	1	5

Total	6
--------------	---

Tabela 11 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.1.5.

Nesse sentido, em (9), visamos a exemplificar uma ocorrência de uso dessa microconstrução:

(9) “Queridos! Recebemos muitos looks lindos e a parada foi dura, mas finalmente conseguimos escolher o vencedor da nossa promo de final de ano, que vai levar o par de ingressos para curtir com a gente a virada de ano no Reveillon Boutique, em Jurerê. Viva! E a sortuda foi: Lais Duarte Pires, de 21 anos! **Vejam só** o look dela: Adoramos, Lais. Parabéns!!”. (*Corpus escrito blogs – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017*).

Podemos perceber que, no contexto do exemplo (9), houve um sorteio para escolher o melhor look de final de ano e foi decidida uma vencedora para tal concurso. O marcador “vejam só” ocorre seguido do NP “o look dela”, o qual se refere a um elemento do discurso, no caso, uma imagem. O foco restritivo recai sobre a informação do NP, “o look de Lais”, e a dêixis também se dá apontando para o look que está retratado na imagem. Tanto o NP quanto a imagem são referentes catafóricos, contudo, como fazem referência ao contexto do sorteio de melhor look, apresentam também uma referência anafórica ao texto, em que se havia mencionado sobre o concurso e sobre a vencedora.

4.2.1.6. Microconstrução 1.1.6 – Repara só 1

Essa microconstrução, caracterizada pelo foco restritivo e dêitico, apresenta em sua forma o verbo “reparar”, cujo significado no dicionário Houaiss (2009), dentre outros (como consertar), é “ter a atenção despertada por”. Conforme vimos nas microconstruções anteriores, o verbo usado no marcador tem impacto na sua função devido ao seu significado, já nenhuma forma linguística é usada fortuitamente. No quadro abaixo, apresentamos, então, as informações de forma e função dessa microconstrução.

Microconstrução 1.1.6 – Repara só 1	
Forma	[(NP) +verbo reparar no modo imperativo em P2 + só +(NP)]

Função	Pedido de análise detalhada com foco restritivo e dêitico à informação de um elemento do discurso (catafórico) apresentada em relação a um texto (anafórico).
---------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro 10– Descrição da microconstrução 1.1.6 da rede

A forma dessa microconstrução é descrita como [(NP) +verbo *reparar* no modo imperativo em P2 + só +(NP)], em que o sintagma nominal (NP), representado entre parênteses, é mencionado no texto e depois retomado de forma elíptica em um elemento do discurso (imagem, objeto etc.). Nesse marcador, utiliza-se o verbo “reparar” no modo imperativo na segunda pessoa do discurso, que pode apresentar as marcas morfológicas dos pronomes “tu”, “você” e “vocês” (“repara”, “repare” e “reparem”, respectivamente).

Devido ao significado do verbo usado, além da chamada de atenção, esse marcador apresenta como função um pedido de análise detalhado com foco restritivo e dêitico em relação à informação de um elemento do discurso (catafórico), apresentada em relação a um texto (anafórico). “Reparar” é um verbo de percepção cognitiva cuja semântica inclui uma análise detalhada dos elementos vistos; o locutor, ao fazer uso de um marcador com esse verbo, deseja que seu interlocutor perceba os detalhes julgados como necessários de um elemento do discurso. O foco dessa microconstrução, então, além de depender do modo verbal (PALMER, 2001) e do advérbio (SOUZA, 2004), passa também a depender da semântica do verbo. No que diz respeito ao foco restritivo, este recai sobre o NP mencionado no texto do contexto em que o marcador se insere, o qual é retomado virtualmente no elemento do discurso posposto ao MD. A marcação de dêixis deve-se ao apontamento exercido pelo marcador ao NP retomado virtualmente no elemento do discurso.

Abaixo, na tabela 12, apresentamos os dados sobre o número de ocorrências por MD dessa microconstrução. Conforme veremos abaixo, há apenas uma ocorrência de construto no *corpus*, o que indica sua baixa produtividade.

<i>Repara só1</i>			
Formas	<i>Repara</i>	<i>Repare</i>	<i>Reparem</i>
Nº de ocorrências	1	-	-

no corpus			
Total	1		

Tabela 12 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.1.6.

A fim de ilustrar a forma e a função dessa microconstrução, apresentamos o exemplo (10) abaixo.

(10) “E quando entrei, me encantei com os acessórios, dos sapatos maravilhosos às bolsas, lenços, colares, pulseiras, brincos e coisinhas para casa. E o melhor: o preço é bem justo, viu. Fui vendo cada detalhe com muita curiosidade, repara só:”.
(*Corpus escrito blogs – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017*).

Em (6), percebemos que o primeiro NP, sinalizado na representação da forma entre parênteses, tem um grande referente. O primeiro referente desse NP caracteriza-se como “os acessórios”, que depois se desmembra nas categorias mais específicas de acessórios que a locutora descreve. O segundo NP, também sinalizado na representação da forma entre parênteses, igualmente refere-se a “os acessórios”, contudo, aqui ele aparece elíptico em “cada detalhe”, pois a locutora se refere a cada detalhe dos acessórios já mencionados por ela, logo depois, ela usa o marcador para apontá-los no elemento do discurso; nesse caso, “algumas imagens”. A restrição do foco e a marcação da dêixis nessa ocorrência recaem sobre os dois NPs, “os acessórios” e “seus detalhes”, que são retratados nas imagens. Dessa forma, a locutora pede uma análise detalhada de seu interlocutor dos acessórios e de seus detalhes que lhe causaram curiosidade, de modo a despertar a mesma curiosidade nele.

4.2.1.7. Microconstrução 1.1.7 – *Confira só 1*

Essa microconstrução caracteriza-se pelo uso do verbo de percepção cognitiva “conferir”, que, segundo o dicionário Houaiss, apresenta o seguinte significado: “verificar se há igualdade entre (duas ou mais coisas); comparar, confrontar.”. O uso desse verbo, então, configura um pedido de conferência das informações apresentadas em um texto em relação ao que é apontado em um elemento do discurso. A partir disso, no quadro abaixo, apresentamos as descrições da forma e da função dessa microconstrução.

Microconstrução 1.1.7 – Confira só 1	
Forma	[(NP) +verbo <i>conferir</i> no modo imperativo em P2 + só +(NP)]
Função	Pedido de conferência com foco restritivo e dêitico à informação de um elemento do discurso (catafórico) apresentada em relação a um texto (anafórico).

Quadro 11 – Descrição da microconstrução 1.1.6 da rede.

O primeiro sintagma nominal (NP) da representação da forma apresentada acima é marcado entre parênteses porque pode ocorrer mais de uma vez no texto em que o marcador é utilizado. O segundo NP é a referência virtual realizada pelo marcador no elemento do discurso (objeto, imagem etc.). O verbo “conferir”, usado no modo imperativo em P2, pode ocorrer nas três formas morfológicas da segunda pessoa do discurso: *confere (tu)*, *confira (você)* e *confiram (você)*.

A função desse microconstrução é marcada por um pedido de conferência com foco restritivo e dêitico em relação à informação de um elemento do discurso (catafórico) apresentada em relação a um texto (anafórico). Isto é, em um texto, um locutor descreve alguma coisa e pede que seu interlocutor confira essa coisa no elemento do discurso inserido no contexto. Desse modo, o foco restritivo recai sobre a coisa descrita que é apontada no elemento do discurso.

Na tabela abaixo, mostramos os dados quantitativos referentes ao número de ocorrências por MD dessa microconstrução.

Confira só1			
Formas	Confere	Confira	Confiram
Nº de ocorrências no corpus	4	86	2
Total	92		

Tabela 13 – Descrição quantitativa da microconstrução 1.1.7.

Com base na descrição da forma e da função dessa microconstrução, ilustramo-la em uma ocorrência de uso no exemplo (11) abaixo.

(11) “A linha Tommy Jeans abraçou o espírito jovem dos anos 1990 para a coleção de Primavera/Verão 2018, com macacões, pochetes e as icônicas meias listradas. O

lookbook traz aquela vibe descontraída que mistura o jeans e o moletom em composições soltas, com sobreposições de camisões, jaquetas e casacos. A linha mostra bem a identidade americana jovem da marca, com cores e grafismos que traduzem bem a Tommy, **confira só.**” (*Corpus escrito blogs – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017*).

Em (11), o locutor descreve uma nova coleção de roupas de uma marca e pede que seu interlocutor confira se essa coleção apresenta as características descritas por ele no elemento do discurso, que, nesse caso, se caracteriza pelas imagens que ilustram tal coleção. Assim, o primeiro NP marcado na representação da forma refere-se à linha de roupas, ao passo que o segundo NP da representação da forma também se refere a ela, mas de maneira virtual por meio do elemento do discurso. O foco restritivo recai sobre a linha e a descrição dada pelo locutor, ao passo que a marcação da dêixis se dá pelo marcador em referência às imagens que se seguem.

Desse modo, terminamos a descrição do primeiro subesquema de segundo nível desta rede. Na subseção que se segue, descreveremos o próximo subesquema desse nível, cujo foco é a avaliação expressa pelo locutor.

4.2.2. Subesquema 1.2 – foco restritivo-avaliativo

Nesta subseção, apresentamos o Subesquema 1.2 – foco restritivo-avaliativo, que consiste em um MD focalizando uma avaliação do locutor em relação a um elemento do discurso. Conforme já apontado, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), os subesquemas são os níveis que agrupam as particularidades das microconstruções de sua hierarquia, sendo assim, o quadro abaixo apresenta as descrições de forma e função desse subesquema.

Subesquema 1.2 – Foco restritivo-avaliativo	
Forma	[verbo* no modo imperativo em P2 + só + oração avaliativa] * em que se encaixam apenas os verbos de percepção cognitiva ou verbos metaforizados que passam a ter sentido cognitivo (<i>sacar, sentir, catar</i> etc.).

Função	Chamada de atenção do locutor a seu interlocutor de modo a restringir o foco de uma avaliação do locutor a um elemento do discurso.
---------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro 12 – Descrição do subesquema 1.2 da rede

De acordo com o Quadro 12, verificamos que a forma desse subesquema consiste em um verbo no modo imperativo em P2, no advérbio “só” e em uma oração avaliativa. Os verbos que podem fazer parte dessa construção são os verbos de percepção cognitiva (tais como “olhar” e “ver”) e alguns verbos metaforizados (tais como “sacar” e “catar”, que adquirem acepção cognitiva no contexto de uso). A segunda pessoa do discurso, P2, pode ser marcada pelas marcas morfológicas dos pronomes “tu”, “você” e “vocês”, configurando apenas uma diferença de direcionamento ao interlocutor. A oração avaliativa, por outro lado, pode ocorrer de formas variadas: i) em sintagmas nominais (NP) em que o núcleo do sintagma é um substantivo cujo sentido apresenta uma avaliação implícita; e ii) em orações encaixadas que expressam avaliação, por meio de adjetivos ou de outros elementos avaliativos.

Como expusemos no Capítulo II, a avaliação está intrinsecamente ligada à argumentação (SCHIFFRIN, 1990), pois é por meio dela que o locutor expressa seus sentimentos e tenta convencer seu interlocutor da mesma posição. A avaliação, segundo a teoria *Appraisal* (WHITE, 2003), também é entendida como a expressão dos sentimentos de afeto, julgamento e apreciação do locutor em relação aos aspectos do mundo em que se insere.

Portanto, a função desse subesquema é caracterizada pela chamada de atenção do locutor a seu interlocutor de modo a restringir o foco da uma avaliação do locutor a um elemento do discurso. Essa avaliação, dependendo do contexto, apresenta diferentes intenções por parte do locutor, podendo ocorrer nas diferentes formas já mencionadas.

Desse modo, o foco avaliativo ocorre pelos MDs constituídos pelos verbos “olhar”, “catar”, “ver”, “reparar”, “sacar” e “sentir”, formando, ao todo, neste subesquema, oito microconstruções. Os dados da tabela abaixo apresentam os números de ocorrência por MD deste subesquema. Vejamos:

Subesquema 1.2 – Foco restritivo-avaliativo											
Marcadores Discursivos											
<i>Olhar</i>		<i>Catar</i>		<i>Ver</i>		<i>Reparar</i>		<i>Sacar</i>		<i>Sentir</i>	
Olha só	28	Cata só	2	-	-	Repara só	1	Saca só	2	Sente só	-
-	-	-	-	Veja só	1	-	-	-	-	-	-
Olhem só	12	-	-	Vejam só	1	Reparem só	1	Saquem só	1	Sintam só	2
Total de MDs:			51								

Tabela 14 – Descrição quantitativa do subesquema 1.2

Isto posto, nas subseções seguintes, apresentaremos as oito microconstruções da hierarquia desse subesquema.

4.2.2.1. Microconstrução 1.2.1 – Olha só 3

Essa microconstrução é formada pelo verbo “olhar” no modo imperativo em P2, podendo ocorrer nas formas morfológicas dos pronomes *tu (olha)*, *você (olhe)* ou *vocês (olhem)*. No quadro abaixo, apresentamos as representações de forma e função dessa microconstrução.

Microconstrução 1.2.1 – Olha só 3	
Forma	[verbo <i>olhar</i> no modo imperativo em P2 + <i>só</i> + oração encaixada avaliativa]
Função	Chamada de atenção com foco restritivo à avaliação do locutor apresentada na encaixada (catafórico) e referente a um elemento do discurso.

Quadro 13– Descrição da microconstrução 1.2.1 da rede

Na representação da forma dessa microconstrução, temos [verbo *olhar* no modo imperativo em P2 + *só* + oração encaixada avaliativa], em que a oração encaixada avaliativa é formada por uma conjunção e um elemento avaliativo. O verbo “olhar”, como mencionado anteriormente, pode ocorrer com as marcas morfológicas do modo imperativo de todos os pronomes de segunda pessoa do discurso.

A função é descrita como chamada de atenção com foco restritivo à avaliação do locutor apresentada na encaixada (catafórico) e referente a um elemento do discurso. Sendo assim, o marcador focaliza de modo restrito em relação à avaliação expressa pelo locutor na oração encaixada posposta, apresentando vínculo estreito com o marcador, conforme Moura (2017).

As informações acerca do número de ocorrências por MD dessa microconstrução encontram-se na tabela abaixo.

<i>Olha só</i>			
Formas	<i>Olha</i>	<i>Olhe</i>	<i>Olhem</i>
Nº de ocorrências no corpus	20	-	11
Total	31		

Tabela 15 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.2.1.

No exemplo (12) abaixo, ilustramos essa microconstrução com uma das ocorrências presentes no *Corpus* analisado.

(12) “UPDATE! Ele não saiu de linha não, existe, chega e acaba por aqui, mas vale a pena tentar! **Olha só** como é diferente o efeito do make no camarim e na passarela:”. (*Corpus* escrito *blogs* – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

Em (12), o locutor trata de um produto de maquiagem que acreditava ter saído de linha, mas acabou descobrindo que isso não aconteceu. Ao usar o marcador “olha só”, o locutor restringe o foco em relação à avaliação contida na encaixada “como é diferente o efeito da make...”. Nessa oração avaliativa, a avaliação é introduzida pela conjunção “como”, que introduz orações avaliativas,

destacando o modo como o elemento avaliado é descrito; há também o adjetivo “diferente”, que marca a avaliação realizada pelo locutor em relação ao efeito do produto no camarim e na passarela. O locutor, então, chama a atenção de seu interlocutor para essa diferença, apresentando-a em imagens. Conforme White (2003), há, nesse exemplo, uma expressão da apreciação de uma entidade (o produto de maquiagem) por parte do locutor, sendo focalizada pelo marcador de modo a marcar uma interação com seu interlocutor.

4.2.2.2. Microconstrução 1.2.2 – *Olha só 4*

As descrições de forma e função dessa microconstrução encontram-se no quadro abaixo.

Microconstrução 1.2.2 – <i>Olha só 4</i>	
Forma	[Conjunção aditiva + verbo <i>olhar</i> no modo imperativo em P2 + só + oração encaixada avaliativa]
Função	Adição de uma chamada de atenção com foco restritivo à avaliação apresentada em uma oração encaixada (catafórico).

Quadro 14– Descrição da microconstrução 1.2.2 da rede

Na representação da forma dessa microconstrução, temos [Conjunção aditiva + verbo *olhar* no modo imperativo em P2 + só + oração encaixada avaliativa], em que a conjunção aditiva é a conjunção “e”. Nesse caso, o verbo “olhar” no modo imperativo pode apresentar as marcas morfológicas dos três pronomes de segunda pessoa do discurso (“tu”, “você” e “vocês”). Além disso, figuram o advérbio “só” e uma oração encaixada avaliativa.

A função é descrita como adição de uma chamada de atenção com foco restritivo à avaliação apresentada em uma oração encaixada (catafórico). Essa adição ocorre de modo a despertar a atenção do interlocutor a informação a ser adicionada, pois uma oração aditiva, como um tipo de oração coordenada, apresenta uma informação “a mais” ao discurso.

A partir dos dados retirados do *corpus*, a tabela abaixo apresenta o número de ocorrências por MD dessa microconstrução. A saber:

<i>Olha só4</i>			
Formas	<i>Olha</i>	<i>Olhe</i>	<i>Olhem</i>
Nº de ocorrências no corpus	7	-	1
Total	8		

Tabela 16 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.2.2.

No exemplo (13) abaixo, apresentamos uma ocorrência do *Corpus* de modo a ilustrar essa microconstrução.

(13) “Vou aproveitar que tá rolando um debate sobre cílios aqui nesse post pra responder outra dúvida relacionada ao assunto. A Rebeka perguntou qual rímel eu achava melhor, o Volume Shocking ou o Telescopic, ou então pra eu indicar outro. [...] Gente, é muito difícil pra mim, sério. Mas eu acho mesmo que ter só um rímel não tá com nada hahaha! E **olha só** que fantástico que chegou hoje no email que recebo diariamente com novidades da Sephora (é, tipo tortura né): eles montaram um kit com sete rímeis tamanho mini para você testar e ver qual gosta mais!”. (*Corpus* escrito *blogs* – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

Em (13), a locutora faz uma postagem em seu blog respondendo a uma pergunta de suas leitoras sobre comprar um determinado rímel ou outro. A locutora dá razões para que se compre um ou outro no fragmento que segue. Após expor as razões para comprar ambos, ela afirma ser difícil ter apenas um, terminando, assim, o assunto sobre a pergunta da leitora. Porém, ela adiciona a informação de que recebe e-mails de uma loja *online* de maquiagens. Essa adição de informação ocorre por meio do marcador “olha só”, o qual restringe o foco para a avaliação contida na oração encaixada avaliativa “que fantástico”, que avalia o conteúdo dos e-mails recebidos por ela. Ao usar esse MD, a locutora faz uma avaliação do conteúdo do e-mail e o mostra nas imagens que se seguem na postagem, fazendo com que a atenção de seu interlocutor mude da pergunta da leitora para o conteúdo do e-mail recebido por ela.

4.2.2.3. Microconstrução 1.2.3 – *Olha só 5*

Essa microconstrução é caracterizada pela forma e pela função descritas no quadro abaixo.

Microconstrução 1.2.3 – Olha só 5	
Forma	[Conjunção conclusiva + verbo <i>olhar</i> no modo imperativo em P2 + só + oração encaixada avaliativa]
Função	Chamada de atenção conclusiva com foco restritivo à avaliação na oração encaixada (catafórico) referente a um elemento do discurso.

Quadro 15 – Descrição da microconstrução 1.2.3 da rede

Na representação da forma dessa microconstrução, temos [Conjunção conclusiva + verbo *olhar* no modo imperativo em P2 + só + oração encaixada avaliativa], sendo o padrão construcional em questão antecedido por *então* ou *pois*. Em relação ao verbo “olhar”, este pode apresentar-se com as marcas morfológicas de “tu”, “você” e “vocês” no modo imperativo. A oração encaixa avaliativa é introduzida por uma conjunção (*que, como* etc.).

No que se refere à função, nós a descrevemos como chamada de atenção conclusiva com foco restritivo à avaliação na oração encaixada (catafórico) referente a um elemento do discurso. A chamada de atenção conclusiva deve-se à inserção da conjunção, que, como introduz uma oração coordenada, apresenta uma conclusão em relação a um texto previamente apresentado. O foco restritivo recai sobre a avaliação da oração encaixada que, por sua vez, refere-se ao elemento do discurso apresentado.

No *corpus*, há apenas uma ocorrência de MD desta microconstrução, a qual está representada na tabela abaixo, que apresenta os dados quantitativos de *Olha só 5*.

Olha só5			
Formas	Olha	Olhe	Olhem
Nº de ocorrências no corpus	1	-	-

Total	1
--------------	---

Tabela 17 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.2.3.

No exemplo (14) abaixo, ilustramos a microconstrução com uma ocorrência do *Corpus*.

(14) “A gente já comentou que clutches divertidas são demais para dar aquele toque fun ao look aqui, então **olha só** que fofura essa nova coleção da Olympia Le-Tan, referência mor na categoria, inspirada em clássicos da Disney!”. (*Corpus* escrito *blogs* – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

No exemplo (14), o locutor relembra sobre uma postagem em seu *blog* sobre bolsas para compor o “look”. Dessa forma, com o MD, ele apresenta uma conclusão sobre esse comentário iniciando uma chamada de atenção para a avaliação que dá sobre a nova coleção de bolsas inspirada em personagens. A avaliação se dá com o “fofura”, que carrega em seu sentido uma avaliação implícita.

4.2.2.4. Microconstrução 1.2.4 – Veja só 4

Nessa microconstrução, o verbo utilizado é “ver”, cujo sentido, já mencionado anteriormente, garante uma função diferente em relação às microconstruções que utilizam “olhar”. No quadro abaixo, apresentamos a forma e a função dessa microconstrução.

Microconstrução 1.2.4 – Veja só 4	
Forma	[verbo <i>ver</i> no modo imperativo em P2 + só + oração encaixada avaliativa]
Função	Pedido de análise com foco restritivo à avaliação da encaixada (catafórico) apresentada em relação a um texto (anafórico).

Quadro 16 – Descrição da microconstrução 1.2.4 da rede

A representação da forma dessa microconstrução é descrita por [verbo *ver* no modo imperativo em P2 + só + oração encaixada avaliativa], em que “ver” pode

ocorrer em apenas duas formas da segunda pessoa do discurso, *you* e *you*, tendo as formas “veja” e “vejam”. Além do verbo, temos o advérbio “só” e a oração encaixada avaliativa.

No que tange à função, sua descrição se dá por um pedido de análise com foco restritivo em relação à avaliação da encaixada (catáfora) apresentada em relação a um texto (anáfora). O uso do verbo “ver” configura um pedido de análise devido a sua semântica de “percepção pela visão”; o locutor, ao utilizá-lo, quer que seu interlocutor analise um elemento do discurso com base na avaliação já apresentada.

Na tabela abaixo, mostramos os dados quantitativos referentes ao número de ocorrências por MD desta microconstrução.

Veja só⁴		
Formas	veja	Vejam
Nº de ocorrências no corpus	1	1
Total	2	

Tabela 18 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.2.4.

Abaixo, no exemplo (15), mostramos uma ocorrência de nosso *Corpus* a fim de ilustrar essa microconstrução.

(15) “Azul é uma cor simpática. Talvez por ser a cor do jeans ele funciona como uma espécie de “neutro” da moda. **Veja só** como um visual completamente azul não causa tanto choque ao olhar. É uma cor que funciona muito bem sozinha sem precisar de grandes doses de ousadia para encará-la num look monocromático.”. (*Corpus* escrito *blogs* – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

A avaliação da oração encaixada em (15) foge do tipo clássico de avaliação, pois, após o MD, temos a oração “como um visual completamente azul não causa tanto choque ao olhar”, em que “como” tem função de demonstrar “o modo” como algo acontece. Além disso, temos a expressão “não causa tanto choque”, que denota uma circunstância adjetiva ou, em outros termos, avaliativa. Logo, o locutor ao restringir o foco do marcador ao mostrar o modo que o visual azul não é algo de

se estranhar, expressa sua avaliação acerca de um elemento do discurso (imagens) e acerca do texto anterior (de modo anafórico), pois, nos períodos seguintes, ele avalia a cor azul e sua função na moda. Dessa forma, ele faz um pedido de análise em relação a esses elementos a seu interlocutor por meio do uso do MD seguido da avaliação, tentando convencê-lo de que sua avaliação é pertinente.

4.2.2.5. Microconstrução 1.2.5 – *Repara só 2*

Essa microconstrução é caracterizada pelo uso do verbo “reparar”, que, conforme vimos na microconstrução 1.1.6, também constitui um verbo de percepção cognitiva cujo significado é “notar”, “perceber”. Nesse sentido, a sua função apresenta diferenças em relação à dos outros marcadores cujas formas apresentam outros verbos, pois o uso de um verbo diferente tem impacto na função do marcador devido ao sentido do verbo, que muda a perspectiva do interlocutor. No quadro abaixo, apresentamos as descrições de forma e função dessa microconstrução.

Microconstrução 1.2.5 – <i>Repara só 2</i>	
Forma	[verbo <i>reparar</i> no modo imperativo em P2 + só + oração encaixada avaliativa]
Função	Pedido de análise detalhada com foco restritivo à avaliação da encaixada referente a um elemento do discurso (catafórico) apresentada em relação a um texto (anafórico).

Quadro 17 – Descrição da microconstrução 1.2.5 da rede

Descrevemos a forma dessa microconstrução da seguinte maneira: [verbo *reparar* no modo imperativo em P2 + só + oração encaixada avaliativa], em que “reparar” no modo imperativo pode apresentar as marcas morfológicas dos pronomes de segunda pessoa do discurso: “tu”, “você” e “vocês” (“repara”, “repare” e “reparem”, respectivamente). Além do verbo, temos o advérbio “só”, que denota o foco restritivo, e uma oração encaixada avaliativa, que pode ser iniciada por um verbo no infinitivo, por uma conjunção ou por um sintagma nominal (NP).

Em função do verbo “reparar”, cujo sentido é “ter a atenção despertada por algo”, descrevemos a função como um pedido de análise detalhada com foco restritivo em relação à avaliação da encaixada referente a um elemento do discurso (uso catafórico) apresentada em relação a um texto (uso anafórico). Dessa maneira, o foco recai sobre a avaliação expressa em relação a um elemento do discurso (imagem, objeto, vídeo etc.), restringindo a atenção do interlocutor em relação à avaliação, a qual é expressa com base no texto em que se insere.

A tabela abaixo apresenta os dados referentes à quantificação de ocorrências por MD desta microconstrução.

Repara só²			
Formas	Repara	Repare	Reparem
Nº de ocorrências no corpus	1	-	1
Total	2		

Tabela 19 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.2.5.

Ilustramos, no exemplo (16) abaixo, essa microconstrução por meio de uma das ocorrências do *Corpus*.

(16) “E pensando que o calor está vindo por aí e que novas vontades estão vindo junto, dá pra perceber que as novas roupas de trabalho estão bem mais “tropicais”. **Repara só** como a gente tem visto em muitas vitrines alfaiataria em linho! Ou camisaria em tecidos de folhagens!”. (*Corpus escrito blogs – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017*).

Em (16), o locutor trata da nova moda de roupas tropicais que estavam sendo expostas em lojas. Ao utilizar o marcador, o locutor restringe o foco em relação à avaliação da oração encaixada, que não é canônica, mas sim inferencial. Na oração “como a gente tem visto em muitas vitrines alfaiataria em linho!”, o locutor destaca a intensidade – ou a alta frequência – com a qual tem se deparado com tais tipos de roupa e pretende que seu interlocutor analise a sua avaliação de modo a chegar à mesma conclusão em relação a esse assunto. Desse modo, o foco está restrito a

essa avaliação da oração encaixada, que foi expressa em relação a um elemento do discurso (imagens) e que se refere ao texto anterior ao uso do marcador.

4.2.2.6. Microconstrução 1.2.6 – *Sente só 1*

Nessa microconstrução, utiliza-se o verbo “sentir”, que, apesar de ter o sentido de percepção cognitiva – referindo-se principalmente aos sentidos do tato e do olfato –, trata-se de um verbo que passou por metaforização, já que, no contexto dos marcadores discursivos analisados nesta pesquisa, encontram-se apenas MDs retirados de textos na modalidade escrita. Nesse sentido, o uso de “sentir” evidencia um processo de metaforização. Segundo o dicionário Houaiss (2009), o seu significado é “ter a sensação de; perceber por meio dos sentidos.” e “ter capacidade de percepção, consciência, sensibilidade (física ou moral) etc.”. A partir disso, no quadro abaixo, apresentamos a forma e a função dessa microconstrução.

Microconstrução 1.2.6 – <i>Sente só 1</i>	
Forma	[verbo <i>sentir</i> no modo imperativo em P2 + só + NP]
Função	Pedido de avaliação com foco restritivo à avaliação apresentada no NP (catafórico) referente a um elemento do discurso e a um texto (anafórico).

Quadro 18– Descrição da microconstrução 1.2.6 da rede

Descrevemos a forma dessa construção como [verbo sentir no modo imperativo em P2 + só + NP], em que “sentir” no modo imperativo pode apresentar as marcas morfológicas de segunda pessoa do discurso referentes aos pronomes “tu”, “você” e “vocês” (“sente”, “sinta” e “sintam”, respectivamente). Na forma, temos também o advérbio “só”, que denota foco restritivo à avaliação, a qual, nessa microconstrução, ocorre em um sintagma nominal (NP).

Já a sua função é descrita como um pedido de avaliação com foco restritivo à avaliação apresentada no NP (catafórico) referente a um elemento do discurso e a um texto (anafórico). Nessa microconstrução, devido ao uso de “sentir”, o locutor

pede que seu interlocutor avalie um elemento do discurso com base na avaliação do NP. Esse NP, contudo, configura um substantivo avaliativo, isto é, seu uso permite uma inferência de avaliação porque seu sentido é avaliativo.

Abaixo, mostramos uma tabela que contém as informações acerca do número de ocorrências por MD dessa microconstrução.

Sente só1			
Formas	Sente	Sinta	Sintam
Nº de ocorrências no corpus	-	-	2
Total	2		

Tabela 20 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.2.6.

Nesse sentido, apresentamos o exemplo (17) a fim de ilustrar uma ocorrência dessa microconstrução.

(17) “Falando nelas...**Sintam só** a mulherada!!! O que a gente não faz pra comprar uns bafos novos hein! ahahah Mas valeu a pena viu...o que eu vi de gente saindo super feliz carregando peças incríveis com precinhos ótimos...”. (*Corpus escrito blogs* – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

No exemplo (17), o locutor faz uso do marcador “sintam só” de modo a pedir uma avaliação de uma imagem (elemento do discurso) em que aparece um grupo de mulheres. Para referenciar esse grupo, o locutor usa o termo “mulherada”, que carrega em seu sentido uma avaliação do grupo de mulheres (no caso, positiva). Sendo assim, o foco restritivo recai exatamente sobre o sintagma nominal “a mulherada”, em que ocorre a avaliação. Além disso, o grupo de mulheres já havia sido mencionado anteriormente nessa postagem, configurando uma retomada anafórica e catafórica, no que diz respeito à avaliação a esse grupo.

4.2.2.7. Microconstrução 1.2.7 – *Saca só 1*

Esta microconstrução é caracterizada pelo uso do verbo “sacar” em sua forma, o qual não tem sentido de percepção cognitiva, mas de uma ação realizada

por meio das mãos, tendo como sinônimo “arrancar” ou “extrair”. Segundo o dicionário Houaiss (2009), “sacar” tem os seguintes significados: “tirar para fora bruscamente”, “arrancar com violência; puxar em ameaça”, como primeiros significados; e “conseguir com certo esforço ou dificuldade”, como segundo significado. A partir desses significados dicionarizados, podemos inferir que esse verbo passou por um processo de metaforização para compor o marcador discursivo. Descrevemos, então, no quadro abaixo, as representações de forma e função desta microconstrução.

Microconstrução 1.2.7 – Saca só 1	
Forma	[verbo <i>sacar</i> no modo imperativo em P2 + só + NP]
Função	Pedido de compreensão com foco restritivo à avaliação apresentada no NP (catafórico) referente a um elemento do discurso e a um texto (anafórico).

Quadro 19 – Descrição da microconstrução 1.2.7 da rede

A forma dessa microconstrução é descrita por [verbo *sacar* no modo imperativo em P2 + só + NP], em que “sacar” pode apresentar as marcas morfológicas dos pronomes de segunda pessoa do discurso: “tu”, “você” e “vocês” (cujas formas são “saca”, “saque” e “saquem”, respectivamente), no modo imperativo. Além do verbo, temos o advérbio “só”, que indica foco restritivo em relação ao objeto focalizado, e um sintagma nominal (NP), que apresenta um substantivo cujo sentido permite a inferência de avaliação do locutor.

Descrevemos a sua função como um pedido de compreensão com foco restritivo em relação à avaliação apresentada no NP (catafórico) referente a um elemento do discurso e a um texto (anafórico). Nomeamos aqui pedido de compreensão devido ao sentido que “sacar” tem na linguagem coloquial no Brasil, já que esse verbo é usado majoritariamente por jovens, que, para verificarem se seu interlocutor os entendeu, usam a expressão “sacou?”. Devido a esse uso, o verbo “sacar” em um marcador discursivo focalizador de chamada de atenção também apresenta esse pedido de compressão do locutor em relação a seu interlocutor. No caso dessa microconstrução, o foco do pedido de compreensão incide sobre a

avaliação que ocorre no NP, que, por sua vez, é apresentada em relação a um elemento do discurso (imagem, objeto etc.) e ao texto do contexto do marcador.

Como o verbo “sacar” usado nos MDs passou por um processo de metaforização e adquiriu sentido de percepção cognitiva, mais especificamente, equivalente ao verbo “compreender”, visamos a descrever brevemente esse processo. Lakoff e Johnson (1980) apresentam a metáfora da vida cotidiana, que é definida pelo uso de metáfora conceptual, isto é, por expressões linguísticas cotidianas que, na verdade, são metáforas enraizadas em uma língua (como, por exemplo, o sentido de “para cima” designar “feliz”, e “para baixo” designar triste”). De acordo com essa abordagem, a metáfora configura uma projeção entre domínios – o domínio fonte e o domínio alvo – em que as características do domínio fonte são transferidas ao domínio alvo, configurando, assim, uma comparação implícita entre as características desses elementos.

Em consonância com a teoria da metáfora da vida cotidiana, temos a teoria dos espaços mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997), que também opera com a correspondência entre domínios. Contudo, nessa teoria, essa correspondência ocorre entre mais de dois domínios, ou conjuntos. O locutor transfere as características de um conjunto a outro, sendo um conjunto denominado base, e o outro denominado espaço de representação. Os espaços mentais são, então, domínios conceptuais locais que permitem que a informação seja processada, disponibilizando bases para a compreensão e para a referência. Esses espaços são criados por meio de expressões linguísticas denominadas construtoras de espaços mentais (*space builders*).

Com base nisso, temos um conceito denominado mesclagem conceptual (*blending*): uma operação mental que é considerada a nossa capacidade de construir e inventar novos sentidos para expressões linguísticas já existentes. Essa operação consiste no estabelecimento da projeção parcial entre dois espaços iniciais (*Input 1* e *Input 2*), que permite que dois elementos apresentem correspondência (metáfora). O resultado dessa correspondência é licenciado pelo Espaço Genérico, uma estrutura abstrata em que os elementos comuns dos *Inputs* se encontram. Por fim, em um quarto e último espaço chamado mescla (*blend*), há uma mistura das características dos elementos dos *Inputs*, resultando, então, em um novo significado.

Dessa maneira, o uso do verbo “sacar” em marcadores discursivos, por ter passado por metaforização, ou seja, por ter seu sentido original dicionarizado usado como base para seu novo sentido figurado, é resultado de uma mesclagem conceptual. Na figura abaixo, ilustramos o processo de mesclagem do verbo “sacar” para compor um MD.

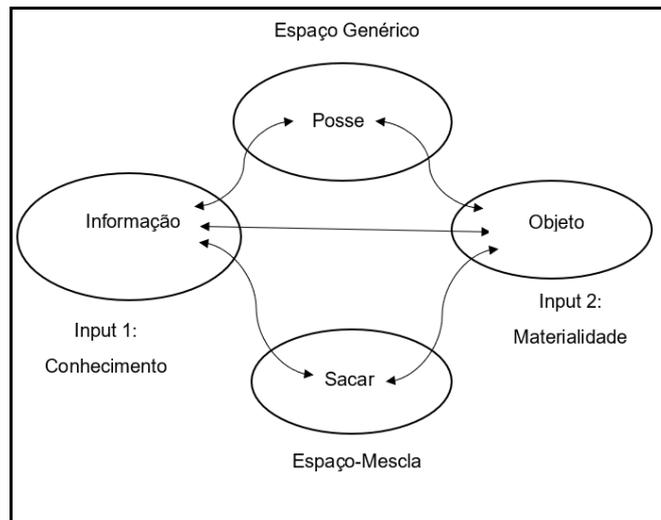


Figura 3 – Representação da mesclagem conceptual referente ao verbo “sacar”

Nessa figura, representamos o processo de metaforização do verbo “sacar” por meio de mesclagem conceptual. Primeiramente, denominamos o *Input 1* de conhecimento, pois um locutor, ao usar esse verbo nos sentidos expostos aqui, quer transmitir um conhecimento a seu interlocutor; sendo assim, dentro desse conjunto, temos “informação”. No conjunto *Input 2*, representado por materialidade, temos “objeto” como correspondência entre esses dois conjuntos; temos a metáfora “informação é objeto”. No Espaço Genérico, temos “posse”, pois um locutor tem “posse” de uma informação e quer repassá-la; portanto, tendo em vista a metáfora obtida, o locutor, ao querer informar o interlocutor, utiliza-se da metáfora “informação é objeto”, pois vai dar a posse de algo que pertence a ele. Desse modo, temos, no Espaço-Mescla, o verbo “sacar” com novo sentido, que pode ser descrito como “informar”, “passar um conhecimento” ou “receber um conhecimento”, dependendo da perspectiva e do contexto.

Se levamos em consideração os pressupostos de Sweetser (1990), que afirma que os verbos de percepção visual estão diretamente relacionados ao

intelecto humano, pois os olhos e a visão são considerados como a porta de entrada do conhecimento à nossa mente, podemos afirmar que, para a ocorrência do verbo “sacar” em MDs focalizadores, houve o processo de analogização (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). Os autores afirmam, conforme visto no Capítulo I, que a analogização é um processo de correspondência entre significados e formas que faz surgir novos padrões microconstrucionais. Tal processo se dá por meio do pensamento analógico, um mecanismo que permite ao falante de uma língua transferir as características de um elemento a outro, de modo a criar padrões antes inexistentes. Dessa maneira, a analogização pode ser explicada por meio da mescla conceptual, uma vez que ambos os processos demonstram a transferência de características entre elementos para criar novos significados.

Com base nisso, a função do microconstrução 1.2.7 é definida como um pedido de compreensão, pois há uma transmissão de informação de modo a fazer o interlocutor entender ou compreender tal informação. As informações sobre o número de ocorrências por MD de *saca só 1* estão apresentadas na tabela abaixo.

Saca só 1			
Formas	Saca	Saque	Saquem
Nº de ocorrências no corpus	7	-	1
Total	8		

Tabela 21 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.2.7.

No exemplo (18) abaixo, ilustramos uma ocorrência dessa microconstrução.

(18) “Ainda deu tempo de parar pra fazer um lanchinho e tomar meu mais novo vício:Nestea de Pêssego! Ahahahaha Depois do rango finalmeente chegou a minha vez de aproveitar meus 90 minutos de diva! kkkkkkk Como o spa é pequeno e eu era a única cliente lá, fiquei bem à vontade lendo revista de roupão enquanto a terapeuta preparava a sala. Primeiro fiz uma esfoliação e como sempre quase tive uma crise de riso...tenho esse problema de vontade de rir em lugares calmos tipo aula de yoga! kkkkkkk Parei de fazer porque quando ela fazia a respiração eu ria descontroladamente! Risos controlados fui tomar um banho relaxante e mesmo sendo muito cafona, tinha que publicar essa foto que a mocinha tirou: **Saca só** a crise! Kkkk”. (*Corpus escrito blogs – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017*).

Nesse exemplo, a locutora relata um evento em que foi a um spa e desfrutou dos serviços que esse local oferece. Ao usar o marcador “saca só”, a locutora quer

que seu interlocutor compreenda a avaliação do NP “a crise”, que é apresentado em relação ao relato anterior e à foto (elemento do discurso) apresentado. A avaliação se dá pelo substantivo “crise”, que permite uma inferência irônica de sua condição no spa, a qual não é nada crítica, pois ela vive um momento relaxante e desfruta dos serviços oferecidos pelo estabelecimento. O foco restritivo do marcador incide sobre a avaliação “crise”, que é o que a locutora pede que seu interlocutor compreenda, isto é, infira que se trata de uma avaliação irônica acerca da situação que está sendo retratada na imagem e relatada no texto.

4.2.2.8. Microconstrução 1.2.8 – Cata só 1

Assim como a microconstrução 1.2.7, esta microconstrução é caracterizada, em sua forma, pelo uso de um verbo cujo sentido originalmente não é de percepção cognitiva, configurando também um processo de metaforização. A forma é composta pelo verbo “catar”, cujo significado, no dicionário Houaiss (2009), é “recolher dentre outras coisas ou um por um; apanhar, pegar”, o que permite a inferência de que tal verbo está metaforizado ao compor um marcador discursivo.

A metaforização do verbo “catar” ocorre do mesmo modo que ocorre com o verbo “sacar”, isto é, não há uma simples projeção entre dois domínios, como define Lakoff e Johnson (1980), mas sim um caso de mescla conceptual (FAUCONNIER, 1994, 1997). Embora tenham significados diferentes, esses verbos apresentam semelhanças nesse âmbito, uma vez que ambos têm como sinônimo o verbo “extrair”, contudo apresentam especificações distintas. Sendo assim, podemos afirmar que essa microconstrução surgiu também por meio de analogização: significados semelhantes podem ser usados para designar funções semelhantes.

No quadro abaixo, apresentamos as representações de forma e função dessa microconstrução.

Microconstrução 1.2.8 – <i>Cata só 1</i>	
Forma	[verbo <i>catar</i> no modo imperativo em P2 + <i>só</i> + NP]
Função	Pedido de compreensão com foco restritivo à avaliação apresentada no NP (catafórico) referente a um elemento do discurso e a um texto (anafórico).

Quadro 20 – Descrição da microconstrução 1.2.8 da rede

A representação da forma dessa microconstrução é descrita por [verbo *catar* no modo imperativo em P2 + *só* + NP], em que o verbo “*catar*” pode ocorrer apenas com as marcas morfológicas do pronome *tu* da segunda pessoa do discurso no modo imperativo (*cata*). Isso deve-se ao fato da informalidade do uso desse verbo, porém, sabemos que outras marcas podem aparecer ao longo do tempo. Temos, além do verbo, o advérbio “*só*”, o qual faz incidir foco restritivo na avaliação do sintagma nominal (NP) dessa forma.

Assim como na microconstrução 1.2.7, a função aqui também é descrita como um pedido de compreensão com foco restritivo em relação à avaliação apresentada no NP (catafórico) referente a um elemento do discurso e a um texto (anafórico); pois, além da semelhança de sentido entre os dois verbos, também há semelhança entre a metáfora e a analogização desses verbos. Sendo assim, o locutor faz um pedido de compreensão a seu interlocutor com foco restritivo em relação a uma avaliação apresentada em um NP referente a um elemento do discurso e ao contexto em que o MD ocorre.

Na tabela abaixo, apresentamos os dados quantitativos referentes ao número de ocorrências por MD dessa microconstrução.

<i>Cata só1</i>			
Formas	<i>Cata</i>	<i>Cate</i>	<i>Catem</i>
Nº de ocorrências no corpus	2	-	-
Total	2		

Tabela 22 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.2.8.

Em (19), há um exemplo da ocorrência desse MD.

(19) “DIGICAM NOVA + VIKE POSTADO EM 01 DE SETEMBRO DE 2008 • 16 COMENTÁRIOS **Cata só** a minha animação, minha felicidade e minha satisfação e o motivo dela: Para o mundo porque agora eu tenho um digicam da Sony.”. (*Corpus* escrito *blogs* – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

Nessa ocorrência, o locutor chama a atenção de seu interlocutor de modo a pedir-lhe compreensão em relação ao motivo de sua satisfação, que é ter uma nova câmera digital. Desse modo, o MD “cata só” restringe as avaliações do NP composto “minha animação, minha felicidade e minha satisfação”, o qual é formado por substantivos que permitem a inferência de avaliação devido a seus significados oriundos de adjetivos. Essa avaliação se refere a uma imagem (elemento do discurso) e ao contexto em que o marcador se insere, isto é, à postagem sobre a câmera nova.

4.2.3. Subesquema 1.3 – Foco prefaciativo

O subesquema 1.3 é caracterizado pelo foco prefaciativo, isto é, o foco incide sobre a prefaciação de um texto. Conforme apresentamos no Capítulo II, a prefaciação, termo utilizado por Risso *et al.* (2006) e Martins (2013), designa o desencadeamento, parcial ou total, de atos verbais preparatórios de declarações que se seguem em um texto. Esse termo provém de “prefaciar”; por isso, os marcadores que pertencem à hierarquia desse subesquema apresentam como função comum iniciar um tópico discursivo, de modo a focalizar a atenção em relação a esse tópico.

Além disso, os verbos de percepção cognitiva que compõem as formas dos MDs deste subesquema são todos metaforizados, pois, conforme discutiremos a seguir, a função deste subesquema é caracterizada pela chamada de atenção em relação à introdução de um tópico discursivo. Com base nisso, no quadro abaixo, apresentamos as representações de forma e função deste subesquema.

Subesquema 1.3 – Foco prefaciativo	
Forma	[verbo* no modo imperativo em P2 + só + porção inicial do discurso] *em que se encaixam apenas os verbos de percepção cognitiva (tais como <i>olhar</i> e <i>ver</i>).
Função	Chamada de atenção do locutor a seu interlocutor de modo a restringir o foco à introdução de uma porção do discurso.

Quadro 21– Descrição do subesquema 1.3 da rede

Descrevemos a forma deste subesquema como [verbo no modo imperativo em P2 + só + porção inicial do discurso], em que se encaixam os verbos de percepção cognitiva (tais como “olhar” e “ver”) no modo imperativo na segunda pessoa do discurso, apresentando as marcas morfológicas dos pronomes “tu”, “você” e “vocês”. Essa forma também contém o advérbio “só”, que denota foco restritivo e a porção inicial do discurso. Definimos aqui porção inicial do discurso como uma parte de texto em que o locutor inicia um relato, uma descrição, uma narração etc. Nesse momento do texto, o locutor introduz um tópico discursivo, isto é, o assunto ou tema do qual deseja tratar e sobre o qual deseja chamar a atenção do interlocutor.

No que se refere à função, definimos a descrição como chamada de atenção do locutor a seu interlocutor de modo a restringir o foco à introdução de uma porção do discurso. Logo, de modo catafórico, o marcador restringe o foco à porção inicial do discurso, de modo a introduzir o tópico discursivo de que deseja tratar. É importante frisar que, apesar de seu caráter introdutório, os marcadores pertencentes à hierarquia deste subesquema não necessariamente ocorrem no início do discurso, pois, como a sua função é a chamada de atenção em relação à introdução de uma nova porção do discurso, esta pode ocorrer em qualquer momento de um texto maior, já que, a todo momento, os locutores vão introduzindo novos tópicos ao discurso.

Tal fato tem como base as quatro premissas que Schiffrin (1987) – discutidas no Capítulo II – demarca sobre o olhar que o analista deve ter acerca do discurso: i)

a linguagem sempre ocorre em um contexto; ii) a linguagem é sensível ao contexto; iii) a linguagem sempre é comunicativa; e vi) a linguagem é desenvolvida para a comunicação. Tendo isso em vista, o discurso está em constante fluxo, envolvendo a troca de informações, de conhecimentos e de meta-conhecimentos, que, conseqüentemente, podem ter o foco mudado a qualquer momento.

Este subesquema apresenta três microconstruções com dois verbos distintos: “olhar” e “ver”. As informações sobre o quantitativo de ocorrências deste subesquema encontram-se na tabela abaixo.

Subesquema 1.3 – Foco preaciativo			
Marcadores Discursivos			
<i>Olhar</i>		<i>Ver</i>	
Olha só	7	-	
-	-	Veja só	-
Olhem só	1	Vejam só	1
Total:	9		

Tabela 23 – Descrição quantitativa do Subesquema 1.3 da rede.

Assim, nas subseções seguintes, visamos à descrição das três microconstruções que pertencem à hierarquia deste subesquema.

4.2.3.1. Microconstrução 1.3.1 – *Olha só* 6

Essa microconstrução é caracterizada pelo uso do verbo olhar em conjunto com o advérbio “só”, apresentando a função de prefaciação de um texto, como demonstrado no quadro abaixo.

Microconstrução 1.3.1 – <i>Olha só</i> 6	
Forma	[verbo olhar no modo imperativo em P2 + só + porção inicial do discurso]

Função	Chamada de atenção com foco restritivo à informação prefaciada na porção do discurso seguinte.
---------------	------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro 22– Descrição da microconstrução 1.3.1 da rede

Temos que a forma desta microconstrução é representada por [verbo *olhar* no modo imperativo em P2 + *só* + porção inicial do discurso], em que o verbo “olha” no modo imperativo pode apresentar as marcas morfológicas dos pronomes “tu”, “você” e “vocês”, os quais se referem à segunda pessoa do discurso. Além disso, temos o advérbio “só” e uma porção do discurso. Como discutido anteriormente, a porção inicial do discurso é tida aqui como uma parte do texto em que o locutor inicia um relato, uma narração, uma exposição etc., em que trata brevemente dos pontos que julga relevantes em seu discurso.

A descrição da função é tida como uma chamada de atenção com foco restritivo à informação prefaciada na porção do discurso seguinte, o que, em outras palavras, significa que o locutor chama a atenção do seu interlocutor focalizando a informação que está sendo restringida pelo advérbio “só” na porção inicial do discurso. Dessa maneira, o foco incide sobre a informação prefaciada, de modo que a atenção seja voltada a esse ponto.

Na tabela abaixo, mostramos os dados quantitativos referentes ao número de ocorrências por MD dessa microconstrução.

<i>Olha só</i>			
Formas	<i>Olha</i>	<i>Olhe</i>	<i>Olhem</i>
Nº de ocorrências no corpus	3	-	-
Total	3		

Tabela 24 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.3.1.

Com base nisso, no exemplo (20) abaixo, mostramos uma das ocorrências dessa microconstrução.

(20) “Oi Marina! Que bom que o blog está de volta!! Ele fez falta esse fim de semana! **Olha só**, eu lembrei de um DETALHE IMPORTANTÍSSIMO sobre compras na Everyday Minerals que não sei se você sabe (deve saber!), mas talvez as outras meninas não saibam, que é o seguinte: TODA SEMANA ELES TÊM UMA PALAVRA DIFERENTE QUE EQUIVALE A UM DESCONTO NAS COMPRAS!!”. (*Corpus* escrito *blogs* – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

Nesse exemplo, uma leitora de um blog manda uma mensagem à escritora desse *blog* felicitando-a pela volta das postagens. Contudo, seu intuito é compartilhar com a blogueira e com a leitoras do blog que uma loja de cosméticos *online* oferece descontos todas as semanas por meio de um cupom em forma de uma palavra divulgada em sua página. A locutora, então, ao usar o MD, chama a atenção de sua interlocutora de modo a prefaciar, iniciar o relato de que há descontos para as compras realizadas nessa loja. Assim sendo, o foco restritivo do marcador recai sobre a informação “lembrei de um detalhe importantíssimo”, que se configura como a porção inicial do discurso da locutora, a qual tratará dos cupons de descontos oferecidos pela loja.

4.2.3.2. Microconstrução 1.3.2 – *Olha só* 7

A microconstrução 1.3.2 caracteriza-se pelo uso do verbo olhar e do advérbio “só”, que forma um marcador que focaliza uma oração avaliativa que prefacia um texto. No quadro abaixo, apresentamos as descrições de forma e função desta microconstrução.

Microconstrução 1.3.2 – <i>Olha só</i> 7	
Forma	[verbo <i>olhar</i> no modo imperativo em P2 + só + oração avaliativa + porção inicial do discurso]
Função	Chamada de atenção com foco restritivo à avaliação referente à informação prefaciada na porção do discurso seguinte.

Quadro 23 – Descrição da microconstrução 1.3.2 da rede.

Representamos a forma desta microconstrução como [verbo *olhamo* modo imperativo em P2 + só + oração avaliativa +porção inicial do discurso], em que “olhar” pode apresentar as marcas morfológicas dos pronomes “tu”, “você” e “vocês”

do modo imperativo, referindo-se à segunda pessoa do discurso (“olha”, “olhe” e “olhem”). Em conjunto, temos também o advérbio “só”, que denota foco restritivo; e uma oração avaliativa, que pode ser iniciada com uma conjunção (“que” ou “como”), contendo um elemento avaliativo (um adjetivo, um substantivo com valor avaliativo etc.); além da porção inicial do discurso, a qual se configura como o elemento prefaciado.

A descrição da função é tida como uma chamada de atenção com foco restritivo em relação à avaliação referente à informação prefaciada na porção do discurso seguinte. Isto é, o locutor chama a atenção de seu interlocutor apresentando uma avaliação prévia do conteúdo que ainda vai apresentar, prefaciando o seu texto com uma apresentação do seu conteúdo. Essa microconstrução, então, é caracterizada por uma avaliação prévia do conteúdo a ser apresentado.

Os dados referentes aos números de ocorrência por MD dessa microconstrução encontram-se dispostos na tabela abaixo.

<i>Olha só</i>			
Formas	<i>Olha</i>	<i>Olhe</i>	<i>Olhem</i>
Nº de ocorrências no corpus	4	-	1
Total	5		

Tabela 25 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.3.2.

No exemplo (21) abaixo, ilustramos essa microconstrução com uma das ocorrências de nosso *Corpus*.

(21) “**Olha só** que pertinente, a Cláudia deixou uma pergunta sobre demaquilantes e esse assunto estava mesmo na minha listinha de posts pendentes (sim, eu tenho uma e ela mais cresce do que diminui)”. (*Corpus* escrito *blogs* – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

Em (21), a locutora faz uma postagem em seu blog sobre demaquilantes a partir da pergunta de uma leitora e, como ela já previa uma postagem com esse conteúdo, resolve fazê-la com base nos requerimentos de suas leitoras. Então, para

iniciar a postagem e referenciar a leitora que lhe havia escrito a mensagem, a locutora usa o marcador de forma a chamar a atenção de seus interlocutores em relação a esse prefácio sobre a mensagem da leitora; contudo, ela faz uma avaliação sobre essa mensagem (“que pertinente”), de modo a mostrar que o pedido de sua leitora está a par com as postagens que ela vem fazendo. Desse modo, a locutora usa o marcador restringindo o foco em relação a essa avaliação, que, por sua vez, como se refere a algo ainda não explicitado, tem o foco também restrito à informação prefaciada na porção inicial do discurso, em que ela conta sobre a mensagem de sua leitora.

4.2.3.2. Microconstrução 1.3.3 – *Veja só* 5

Esta microconstrução, caracterizada pelo verbo “ver” e pelo advérbio “só” em sua forma, tem a função de prefaciado um discurso, conforme descrito no quadro abaixo.

Microconstrução 1.3.3 – <i>Veja só</i> 5	
Forma	[verbo <i>ver</i> no modo imperativo em P2 + só + oração interrogativa + porção inicial do discurso]
Função	Pedido de análise com foco restritivo à pergunta referente à informação prefaciada na porção do discurso seguinte.

Quadro 24 – Descrição da microconstrução 1.3.3 da rede

A forma desta microconstrução é descrita como [verbo *ver* no modo imperativo em P2 + só + oração interrogativa + porção inicial do discurso], em que o verbo “ver” no modo imperativo pode apresentar as marcas morfológicas dos pronomes *you* e *you*s referentes à segunda pessoa do discurso (*veja* ou *vejam*). Além do verbo, temos ao advérbio “só”, uma oração interrogativa e uma porção do discurso sobre a qual recai o foco da prefaciação.

A função é descrita como um pedido de análise com foco restritivo em relação à pergunta referente à informação prefaciada na porção do discurso seguinte, pois, o locutor, ao usar esse marcador, pede que seu interlocutor analise o conteúdo da

pergunta que faz em relação ao conteúdo do texto que prefacia. Desse modo, o foco restritivo incide sobre a pergunta referente à informação prefaciada.

No que tange às informações quantitativas dessa microconstrução, apresentamos, na tabela abaixo, os dados referentes ao número de ocorrência por MD.

Veja só 5		
Formas	Veja	vejam
Nº de ocorrências no corpus	1	1
Total	2	

Tabela 26 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.3.3.

Abaixo ilustramos esta microconstrução com o exemplo (22):

(22) “Atenção, partidos políticos! Tags: feia **Vejam só**, que tal vocês pagarem um extreme makeover pra essas creydes??? Como bem disse Ariett, alguém precisa apresentar o VNF? pras pobrecitas. Imaginem as maravilhas que a candidata Rosangela Pedrini não faria com uma nécessaire cheia de Vult. Também iria ser ótimo uma corzinha no rosto da candidata Loura Saramago ou uma pinça nas taturanas sobancelhas da Xuxa da Vila Ema.”. (*Corpus escrito blogs – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017*).

Em (22), a postagem do blog trata de candidatas a cargos políticos que, segundo a locutora, não estão utilizando produtos de beleza e procedimentos estéticos de acordo com o padrão que julga adequado. Sendo assim, a locutora direciona a postagem aos partidos políticos de que essas candidatas fazem parte, pedindo que eles comprem para elas um conjunto de maquiagens e as submeta a alguns procedimentos estéticos. Então, o uso do marcador aqui configura um pedido de análise em relação ao conteúdo da pergunta e à prefaciação do assunto da postagem – maquiagem para candidatas. Dessa forma, o foco restritivo do marcador recai sobre a pergunta feita pela locutora e sobre a porção inicial de seu discurso.

4.2.4. Subesquema 1.4 – foco argumentativo

Este subesquema de subnível é caracterizado pelo foco argumentativo, ou seja, o uso de MD desse subesquema configura um foco restritivo em relação a uma argumentação ou contra-argumentação construídas a partir dos elementos que aparecem no contexto em que o MD se insere. É necessário frisar que todos os MDs pertencentes à hierarquia deste subesquema ocorrem em textos ou sequências de textos argumentativos, isto é, trata-se de textos em que o locutor defende um ponto de vista em relação a um tema. O uso do marcador, então, configura um reforço de focalização em relação ao argumento que será apresentado em um texto. Nesse sentido, no quadro abaixo, apresentamos as representações de forma e função deste subesquema.

Subesquema 1.4 – Foco argumentativo	
Forma	<p>[(oração) + verbo* no modo imperativo em P2 + só + (oração)]</p> <p>*em que se encaixam apenas os verbos de percepção cognitiva (tais como <i>olhar</i> e <i>ver</i>).</p>
Função	Chamada de atenção do locutor a seu interlocutor de modo a restringir o foco a um argumento apresentado no discurso.

Quadro 25– Descrição do subesquema 1.4 da rede

A forma desse subesquema é descrita como [(oração) + verbo* no modo imperativo em P2 + só + (oração)], em que, na primeira “oração”, encaixa-se qualquer oração que contenha o tema sobre o qual está se argumentando e, na segunda “oração”, encaixam-se as orações que apresentam o argumento ou o contra-argumento apresentado pelo locutor do texto. Os parênteses representam a possibilidade de essas orações estarem explícitas ou não no discurso, podendo ser referenciadas de forma elíptica pelos marcadores. Os verbos que se encaixam nos marcadores são os de percepção cognitiva (tais como *olhar*, *ver*, *sentir* etc.) e os

verbos que passaram por metaforização (por exemplo, *sacar* e *catar*). Todos os verbos apresentam-se no modo imperativo e na segunda pessoa do discurso, podendo ocorrer com as marcas morfológicas dos pronomes “tu”, “você” e “vocês”. Além do verbo, temos também o advérbio “só”, que denota o foco restritivo característico desse subesquema.

A função desse subesquema é descrita como uma chamada de atenção do locutor a seu interlocutor de modo a restringir o foco a um argumento apresentado no discurso. Como o subesquema é um nível mais genérico que abrange microconstruções em sua hierarquia, a descrição de sua função tende a ser mais genérica para abranger todas as características comuns de suas microconstruções. Assim, os MDs desse subesquema têm a função de chamar a atenção do interlocutor em relação a um argumento apresentado pelo locutor, de modo a reforçar a sua posição.

Tomando como base os pressupostos apresentados no Capítulo II, entendemos que a argumentação é um objeto de focalização dos MDs porque, como postula Schiffrin (1990), a argumentação é fenômeno subjetivo em que os argumentos têm significado cultural, podendo ser motivados para diferentes finalidades, visando, por exemplo, à resolução de conflitos, a negociações e à resolução de desacordos. Portanto, os MDs de foco argumentativo apresentam foco restrito às intenções argumentativas de seu locutor, sendo uma forma de marcar maior subjetividade de seus argumentos, uma vez que o foco é indicado para o que o locutor julga mais importante ou relevante para a construção de seu ponto de vista.

Assim, como esse subesquema trata da argumentação, uma característica dos verbos usados para formar os marcadores discursivos é que todos apresentam certo grau de metaforização, pois, para argumentar, o locutor não aponta de forma dêitica um elemento do discurso, mas sim destaca seu ponto de vista, seu argumento. Ainda, de acordo com Sweetser (1990), os verbos de percepção visual se referem à percepção por meio do intelecto, já que a visão é a porta de entrada do conhecimento do mundo externo para a nossa mente. Visando a estabelecer um contato com o intelecto do seu interlocutor, o locutor faz uso de marcadores dessa natureza para chamar a sua atenção para esse ponto e enfatizar o pedido de foco em relação a seu argumento. Logo, todos os verbos utilizados, ainda que sejam de percepção cognitiva, apresentam certo grau de metaforização.

Com isso, este subesquema apresenta cinco microconstruções abaixo de sua hierarquia na rede, sendo estas com os verbos “olhar” e “ver”. Abaixo, apresentamos uma tabela de modo a apresentar os dados referentes ao número de ocorrência por MD deste subesquema. Vejamos:

Subesquema 1.4 – Foco argumentativo			
Marcadores Discursivos			
<i>Olhar</i>		<i>Ver</i>	
Olha só	4	-	-
-	-	Veja só	2
Olhem só	3	Vejam só	1
Total:	10		

Tabela 27 – Descrição quantitativa do Subesquema 1.4 da rede.

Desse modo, nas subseções seguintes, apresentaremos as microconstruções pertencentes à hierarquia do subesquema – foco argumentativo, mostrando suas representações de forma e função, bem como exemplos retirados do *Corpusa* fim de ilustrá-las.

4.2.4.1. Microconstrução 1.4.1 – *Olha só* 8

Essa microconstrução é caracterizada pelo uso do verbo *olhar*, que, conforme o dicionário Houaiss (2009), tem o significado de “direcionar os olhos para”; portanto, esse verbo passou por metaforização para ser usado nesse marcador. No quadro abaixo, representamos a forma e a função dessa microconstrução.

Microconstrução 1.4.1 – <i>Olha só</i> 8	
Forma	[conjunção adversativa + verbo <i>olhar</i> no modo imperativo em P2 + só + oração argumentativa]

Função	Chamada de atenção com foco restritivo a um argumento apresentado em contraste a uma proposição anterior.
---------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro 26– Descrição da microconstrução 1.4.1 da rede

A forma dessa microconstrução é descrita como [conjunção adversativa + verbo *olhamo* modo imperativo em P2 + *só* + oração argumentativa], em que como conjunção adversativa se encaixam todas as conjunções canônicas dessa categoria (*mas, porém, contudo, todavia* etc.), além de construções não padrão da língua que apresentam valor de contraste (como, por exemplo, a construção *só que*). O verbo *olhar* no modo imperativo pode apresentar as marcas morfológicas dos pronomes “tu”, “você” e “vocês” referentes à segunda pessoa do discurso (“olha”, “olhe” e “olhem”), em conjunto com o advérbio “só”, denotando foco restritivo e oração argumentativa. Entendemos por oração argumentativa uma oração que expressa um argumento ou contra-argumento do locutor. Essa oração não tem uma forma específica, podendo variar de acordo com a necessidade e a força do argumento, contudo, argumentos são construídos geralmente por meio de avaliações e podem conter verbos ou locuções verbais tais como *dever, ter que* etc.

Já a sua função é descrita como chamada de atenção com foco restritivo a um argumento apresentado em contraste em relação a uma proposição anterior. Em outras palavras, o locutor focaliza o seu argumento por meio do uso de um marcador discursivo, restringindo seu foco a um ponto específico de argumentação com vistas a convencê-lo de seu ponto de vista. Há um conteúdo proposicional e um compromisso assumidos pelo locutor, os quais defende de modo a persuadir o seu interlocutor. Sendo assim, o uso de um MD como esse aponta o alinhamento do locutor em relação ao conteúdo proposicional que defende.

A tabela abaixo apresenta as informações referentes aos números de ocorrências por MD dessa microconstrução. Vejamos a tabela:

<i>Olha só</i>			
Formas	<i>Olha</i>	<i>Olhe</i>	<i>Olhem</i>
Nº de ocorrências	2	-	2

no corpus			
Total	4		

Tabela 28 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.4.1.

No exemplo (23) abaixo, ilustramos essa microconstrução por meio de uma ocorrência do *Corpus*.

(23) “Tem essa ideia de que que ‘para a mulher ser sensual, ela precisa estar sobre um salto tipo arranha-céu’. Mas **olha só**, Brigitte Bardot, uma das mulheres mais sensuais da história, gostava mesmo era de sapatilha. Sabia?”. (*Corpus escrito blogs* – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

Em (23), o locutor apresenta um ponto de vista, baseado no senso comum, de que mulheres sensuais devem usar salto alto. A fim de contrariar essa posição, o locutor usa o marcador para chamar a atenção em relação a seu argumento de que uma das mulheres tidas como a mais sensual da história não gostava de usar salto alto. O marcador é introduzido com a conjunção adversativa “mas”, de forma a contrapor a visão de senso comum posta anteriormente, pois o foco restritivo do marcador recai sobre o argumento de autoridade usado pelo locutor: Brigitte Bardot, uma das mulheres mais sensuais da história não gostava de usar salto alto. O locutor constrói sua contra-argumentação focalizando-a por meio do marcador e chamando a atenção do seu interlocutor para a sua posição, de modo a tentar convencê-lo.

4.2.4.2. Microconstrução 1.4.2 – *Olha só* 9

As representações de forma e função desta microconstrução estão representadas no quadro abaixo.

Microconstrução 1.4.2 – <i>Olha só</i> 9	
Forma	[conjunção aditiva + verbo <i>olhar</i> no modo imperativo em P2 + <i>só</i> + oração argumentativa]
Função	Adição de chamada de atenção com foco restritivo a um argumento apresentado para sustentar uma proposição

	anterior.
--	-----------

Quadro 27 – Descrição da microconstrução 1.4.2 da rede

A forma dessa microconstrução é representada por [conjunção aditiva + verbo *olhamo* modo imperativo em P2 + *só* + oração argumentativa], em que conjunção aditiva encaixa-se apenas a conjunção “e”; em que o verbo “olhar” pode apresentar marcas morfológicas do pronomes “tu”, “você” e “vocês” no modo imperativo referentes à segunda pessoa do discurso. A forma também se compõe do advérbio “só” e de uma oração argumentativa.

A função dessa microconstrução é descrita como uma adição de chamada de atenção com foco restritivo a um argumento apresentado para sustentar uma proposição anterior. Isto é, o locutor acrescenta um argumento por meio do uso do marcador discursivo, cujo foco restritivo recai sobre a oração argumentativa que apresenta, na qual se encontra o argumento defendido e sustentado por ele nas porções seguintes do discurso em que o MD se insere. Esse argumento é apresentado em relação ao tema ou aos argumentos apresentados anteriormente. Logo, o locutor quer convencer seu interlocutor de que tal tema é pertinente.

Abaixo, na tabela 29, apresentamos os dados referentes ao número de ocorrências por MD dessa microconstrução.

<i>Olha só 9</i>			
Formas	<i>Olha</i>	<i>Olhe</i>	<i>Olhem</i>
Nº de ocorrências no corpus	1	-	1
Total	2		

Tabela 29 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.4.2.

No exemplo (24) a seguir, apresentamos uma ocorrência do *Corpus* a fim de ilustrar essa microconstrução.

(24) “Já o Dark é todo pensado para pessoas morenas ou negras claras. Os tons são quentes e os iluminadores se destacam na pele. Achei bafo! Deep Dark E **olha só**, dona Kim Kardashian pensou com carinho nas negras! Esse stick já abrange um tom de pele bem escuro, que sofre tanto com a falta de bases e corretivos. Lacrou!”. (*Corpus escrito blogs – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017*).

Nesse exemplo, o locutor apresenta uma nova linha de maquiagens elaborada por Kim Kardashian, uma mulher empreendedora famosa nos Estados Unidos da América. Nessa nova linha de maquiagens, houve um cuidado maior para as pessoas de pele morena e negra, pois esses tipos de pele não recebem tanta atenção das marcas de cosméticos. Dessa forma, o locutor, ao usar o marcador, quer dar ênfase ao seu argumento de que a elaboradora dessa linha de maquiagens teve cuidado e carinho ao pensar nas pessoas que têm esses tons de pele e, logo após a oração argumentativa, o locutor destaca outro produto voltado para as pessoas de pele negra. O MD, então, é usado de modo a focalizar o argumento de que a nova linha de maquiagens teve carinho com pessoas negras, tendo seu foco restritivo incidido sobre o argumento de que a elaboradora da linha pensou nessas pessoas. Assim, o marcador adiciona uma chamada de atenção para esse ponto da argumentação do locutor.

4.2.4.3. Microconstrução 1.4.3 – *Olha só 10*

No quadro abaixo, apresentamos as representações de forma e função dessa microconstrução, também marcada pelo uso metafórico do verbo “olhar”.

Microconstrução 1.4.3 – <i>Olha só 10</i>	
Forma	[(oração argumentativa) + verbo <i>olhar</i> no modo imperativo em P2 + <i>só</i> + (oração argumentativa)]
Função	Chamada de atenção com foco restritivo a um argumento apresentado para sustentar uma proposição anterior.

Quadro 28 – Descrição da microconstrução 1.4.3 da rede

A forma dessa microconstrução é caracterizada como [(oração argumentativa) + verbo olhar no modo imperativo em P2 + só + (oração argumentativa)], em que a oração argumentativa está representada entre parênteses porque esse marcador ocorre de forma parentética, isto é, pode ocorrer no início, no meio ou no final da oração argumentativa. O verbo olhar pode apresentar as marcas morfológicas dos pronomes “tu”, “você” e “vocês” referentes à segunda pessoa do discurso no modo imperativo, juntamente com o advérbio “só”, para denotar foco restritivo.

A função dessa microconstrução é representada por uma chamada de atenção com foco restritivo em relação a um argumento apresentado para sustentar uma proposição anterior. Ao usar um marcador desse tipo, o locutor visa a chamar a atenção de seu locutor para um de seus pontos de vista defendidos dentro do contexto em que se insere, funcionando como uma espécie de ênfase para o argumento que é apresentado, com a característica de essa ênfase poder ocorrer em distintas posições, conforme a necessidade do locutor.

Essa microconstrução apresenta apenas uma ocorrência de construto no *corpus*, a qual aparece com a forma “olha” do verbo. Abaixo, mostramos uma tabela com os dados quantitativos referente ao número de ocorrência por MD dessa microconstrução.

Olha só 10			
Formas	Olha	Olhe	Olhem
Nº de ocorrências no corpus	1	-	-
Total	1		

Tabela 30 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.4.3.

A seguir, no exemplo (25), apresentamos uma ocorrência dessa microconstrução:

(25) “E a espera na sala de embarque? Ah, a espera. Morte certa. Não consigo ler, não consigo escrever, só esperando o momento de entrar naquele cilindro metálico que pesa toneladas e que, **olha só**, sai do chão! Tudo que já li a respeito parece que não existe. Não há provas boas o suficiente de que voar naquilo ali é uma boa ideia. Sempre gosto de ser o último a entrar no avião, em uma vã tentativa de ficar o

menor tempo possível fora dele. Como se adiantasse alguma coisa...”. (*Corpus escrito blogs – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017*).

Em (25), o locutor trata da espera na sala de embarque de um aeroporto, destacando os minutos de aguardo antes de entrar em um avião. O locutor mostra-se com medo em relação ao embarque e também perplexo com o fato de um veículo tão grande ser capaz de voar, apesar de todas as evidências científicas provarem o contrário. Dessa forma, o locutor defende o argumento de entrar em um veículo voador, cujas provas de eficiência não são convincentes, para lhe retirar o medo de voar, principalmente nos momentos em que aguarda em uma sala de embarque. Dessa forma, o uso do marcador enfatiza o fato de o avião voar, fazendo com que o foco restritivo recaia sobre a informação “sai do chão”. A argumentação nesse exemplo é mais complexa, pois o locutor constrói uma aura de medo por meio de suas próprias experiências em relação a voar de avião e tenta convencer o seu interlocutor de que nenhuma das provas existentes é capaz de lhe convencer de que aquele é um veículo seguro e de que os momentos anteriores ao embarque são os piores. Assim, o locutor chama a atenção do seu locutor para o fato de o avião sair do chão, argumentando que entrar em um veículo que voa não é uma boa ideia.

4.2.4.4. Microconstrução 1.4.4 – Veja só 6

Essa microconstrução é caracterizada pelo uso do verbo “ver” que, segundo o dicionário Houaiss, tem o significado de “perceber pela visão”. Assim, os marcadores que usam esse verbo apresentam uma mudança na função em relação àqueles que usam o verbo “olhar”, por exemplo, que também denota percepção visual. Contudo, os marcadores desse subesquema apresentam os verbos com certo grau de metaforização, pois, como o objeto de focalização aqui é a argumentação, a visão é tida como uma porta de entrada para o intelecto do interlocutor (SWEETSER, 1990), fazendo com que ele perceba o ponto de vista defendido pelo locutor. Dessa maneira, no quadro abaixo, apresentamos as representações de forma e função para essa microconstrução.

Microconstrução 1.4.4 – Veja só 6	
Forma	[(oração argumentativa) + verbo <i>ver</i> no modo imperativo em P2 + só + (oração argumentativa)]
Função	Pedido de análise com foco restritivo a um argumento apresentado para sustentar uma proposição anterior.

Quadro 29 – Descrição da microconstrução 1.4.4 da rede

A forma dessa microconstrução é representada por [(oração argumentativa) + verbo *ver* no modo imperativo em P2 + só + (oração argumentativa)], em que a oração argumentativa é representada entre parênteses, pois o marcador pode ocorrer no início, no meio ou no final da sequência argumentativa, isto é, apresenta forma parentética. O verbo “ver” pode apresentar as marcas morfológicas dos pronomes “você” e “vocês” (“veja” e “vejam”) referentes à segunda pessoa do discurso no modo imperativo, seguido do advérbio “só”, denotando foco restritivo.

A sua função é descrita como um pedido de análise com foco restritivo em relação a um argumento apresentado para sustentar a proposição anterior. Assim, o locutor apresenta uma tese e a defende por meio de argumentos, e um desses argumentos é reforçado pelo uso do marcador, que funciona como um pedido de análise para o argumento apresentado na oração argumentativa. O foco restritivo, então, recai sobre o argumento utilizado para sustentar sua posição.

Abaixo, apresentamos as informações sobre o número de ocorrências por MD dessa microconstrução.

Veja só6		
Formas	<i>veja</i>	<i>vejam</i>
Nº de ocorrências no corpus	1	1
Total	2	

Tabela 31 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.4.4.

No exemplo (26), a seguir, apresentamos uma ocorrência retirada do *Corpus* a fim de ilustrar essa microconstrução.

(26) “Por último tem a Lu Brasil, que é famosa na "blogosfera" (e eu sempre atrasada em conhecer, claro) e fala bastante do seu convívio familiar e dos três (yeah, baby!) filhos. Me identifiquei menos com o blog dela do que com os *blogs* da Jane e da Rena, talvez por morarmos em lugares tão diferentes - **veja só**, num post ela comentou que achava um bicho de sete cabeças ter que sair de casa às 12:20 para estar na escola dos meninos à 13:30 (ela mora em Belém) enquanto eu, aqui em SP, fico de saco cheio mas acho "normal" fazer isso.” (*Corpus* escrito *blogs* – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

Nesse exemplo, a locutora trata de blogueiras famosas e do conteúdo de suas postagens. O ponto de vista defendido pela locutora é o de que ela se identificou menos com a blogueira Lu Brasil devido ao conteúdo de suas postagens. Ao usar o marcador, a locutora busca enfatizar o argumento de que, em um post, essa tal blogueira tem dificuldade de levar os filhos para escola em determinado horário, contudo a locutora acha essas dificuldades normais na cidade onde vive. Dessa forma, o foco restritivo do marcador recai sobre o argumento apresentado em relação à postagem da blogueira, usado de modo a tentar convencer seu interlocutor que as dificuldades vividas por Lu Brasil são problemas normais que ela também enfrenta.

4.2.4.5. Microconstrução 1.4.5 – Veja só 7

No Quadro 30 a seguir, apresentamos as representações de forma e função dessa microconstrução.

Microconstrução 1.4.5 – Veja só 7	
Forma	[Conjunção aditiva + verbo <i>ver</i> no modo imperativo em P2 + só + oração argumentativa]
Função	Adição de um pedido de análise com foco restritivo a um argumento apresentado para sustentar uma proposição anterior.

Quadro 30 – Descrição da microconstrução 1.4.5 da rede

Representamos a forma dessa microconstrução por [Conjunção aditiva + verbo *ver* modo imperativo em P2 + *só* + oração argumentativa], em que conjunção aditiva se encaixa a conjunção “e”; o verbo “*ver*” no modo imperativo apresenta as marcas morfológicas dos pronomes “*você*” e “*vocês*”, referentes à segunda pessoa do discurso. Juntamente ao verbo, temos o advérbio “*só*” e, em forma de oração coordenada, temos uma oração argumentativa.

A sua função é descrita como uma adição de um pedido de análise com foco restritivo em relação a um argumento apresentado para sustentar uma proposição anterior. Isto é, o locutor acrescenta um argumento para sustentar a sua sequência argumentativa e, para dar ênfase a esse argumento, o locutor faz uso do marcador discursivo. O foco restritivo, então, incide sobre o argumento utilizado após o marcador, de modo a tentar convencer o interlocutor de que aquele argumento é um dos mais importantes para sustentar a argumentação.

Na tabela abaixo, estão dispostos o dado quantitativo referente ao número de ocorrências por MD dessa microconstrução.

<i>Veja só 7</i>		
Formas	<i>veja</i>	<i>Vejam</i>
Nº de ocorrências no corpus	1	-
Total	1	

Tabela 32 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.4.5.

Abaixo, apresentamos, no exemplo (27), uma ocorrência retirada *Don Corpus* a fim de ilustrar tal microconstrução.

(27) “Foi me expondo, mostrando minha carinha, meu corpo e cicatrizes que pude mostrar pra você um pouco mais de quem eu sou. E veja só, hoje as maiores incentivadoras da minha beleza são as próprias leitoras do blog. Isso não é sensacional? Eu tento ajudar da melhor forma, falando sempre que possível que a gente tem que ser feliz do jeito que somos, mostrando que não sou um modelo de padrão de beleza, e as leitoras me incentivam fazendo eu me sentir bem. É uma troca!”. (*Corpus escrito blogs – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017*).

Em (27), a locutora trata dos motivos que a fizeram escrever o seu blog e de como isso foi ocorrendo aos poucos. De modo a convencer seu interlocutor, ela apresenta o argumento de que suas leitoras são as maiores influenciadoras de sua beleza, argumentando que recebeu a ajuda delas nesse período. Esse argumento é introduzido pelo marcador “e veja só”, que acrescenta essa informação e cujo foco incide sobre o fato de as leitoras a terem ajudado e incentivado nesse processo.

4.2.5. Subesquema 1.5 – foco hipotético

Esse subesquema 1.5 de subnível abrange as microconstruções que apresentam foco restritivo em relação a uma hipótese levantada pelo locutor. De acordo com os pressupostos apresentados no Capítulo II, a hipótese, como objeto de focalização, é uma forma de o locutor expressar seus pensamentos contrafactuais e imaginativos de modo a convencer o seu interlocutor a ter os mesmos pensamentos. Neves (2000) postula que a hipótese está relacionada à contrafactualidade, isto é, as condições hipotéticas baseiam-se em eventos de falsidade segura, de natureza imaginativa, de modo a apoiar uma sequência argumentativa.

Portanto, uma característica das microconstruções pertencentes à hierarquia desse subesquema é a de que essas fazem parte da construção da argumentação com base em uma situação hipotética, fazendo com que o interlocutor reflita sobre a hipótese colocada para que esta ganhe força argumentativa. Outra característica desse subesquema é o uso do verbo “imaginar” (ou correspondentes, como, por exemplo, “pensar”), cujo significado, de acordo com o dicionário Houaiss (2009), é “formar imagem mental de (algo não presente); idear.” ou “fazer ideia de (algo, alguém ou de si mesmo); visualizar(-se)”. Desse modo, o caráter hipotético desse subesquema evidencia-se por meio do uso desse verbo nos marcadores que, como expusemos anteriormente, muda a função de cada microconstrução, dependendo do verbo utilizado.

No Quadro 31 abaixo, apresentamos as representações de forma e função desse subesquema.

Subesquema 1.5 – Foco hipotético	
Forma	<p>[(oração) + verbo* no modo imperativo em P2 + só + (oração)]</p> <p>*em que se encaixam apenas os verbos de percepção cognitiva mental (tais como <i>imaginar</i> e <i>pensar</i>).</p>
Função	Chamada de atenção do locutor a seu interlocutor de modo a restringir o foco a uma hipótese apresentada no discurso.

Quadro 31 – Descrição do subesquema 1.5 da rede

A forma desse subesquema está representada por [(oração) + verbo* no modo imperativo em P2 + só + (oração)], em que “oração” está representada entre parêntese porque pode ou não estar explícita no discurso, podendo ser referenciada de modo elíptico, ou, ainda, ser representada apenas por um sintagma nominal. O verbo no modo imperativo em P2 pode apresentar as marcas morfológicas dos pronomes “tu”, “você” e “vocês”, desde que sejam apenas os verbos de percepção cognitiva mental, tais como *imaginar* e *pensar*. Juntamente com o verbo, temos o advérbio “só”, que denota foco restritivo em relação à hipótese apresentada na oração seguinte, criada a partir do marcador.

A função representa-se por uma chamada de atenção do locutor em relação a seu interlocutor de modo a restringir o foco para uma hipótese apresentada no discurso. Em outras palavras, o locutor, ao usar o marcador com um verbo de percepção cognitiva mental, cria uma hipótese e chama a atenção para ela de modo a sustentar uma argumentação e convencer o interlocutor. Essa argumentação se dá por meio da contrafactualidade, de tal modo que o interlocutor se projeta na hipótese criada pelo locutor. Assim, há uma força argumentativa diferente, fazendo com que o interlocutor chegue às suas próprias conclusões a partir da colocação do locutor.

Como mencionado anteriormente, este subesquema caracteriza-se pelo uso de verbos de percepção cognitiva mental (tais como “pensar” e “imaginar”). Contudo, as ocorrências retiradas do *corpus* apontaram apenas o uso do verbo “imaginar” em nossos dados. Sendo assim, as três microconstruções que estão sob a hierarquia

deste subesquema formam-se com este verbo. Na tabela abaixo, apresentamos o quantitativo de MDs deste subesquema.

Subesquema 1.5 – Foco hipotético	
Marcadores Discursivos	
<i>Imaginar</i>	
Imagina só	3
Imagine só	1
Imaginem só	3
Total:	7

Tabela 33 – descrição quantitativa do subesquema 1.5 da rede.

A seguir, apresentamos as três microconstruções pertencentes à hierarquia desse subesquema.

4.2.5.1. Microconstrução 1.5.1 – *Imagina só 1*

Essa microconstrução é caracterizada pelo uso do verbo *imaginar*, que, como discutimos anteriormente, configura um marcador de objeto de focalização hipotético. Representamos, no Quadro 32 abaixo, a forma e função dessa microconstrução.

Microconstrução 1.5.1 – <i>Imagina só 1</i>	
Forma	[oração condicional + verbo <i>imaginar</i> no modo imperativo em P2 + só + NP]
Função	Causar reflexão no interlocutor a partir da hipótese com foco restritivo à informação apresentada no sintagma

	nominal.
--	----------

Quadro 32 – Descrição da microconstrução 1.5.1 da rede

A forma dessa microconstrução é representada por [oração condicional + verbo *imaginamo* modo imperativo em P2 + só + NP], em que oração condicional se configura como uma oração canônica desse tipo, utilizando uma conjunção condicional, tal como a conjunção “se”. Além disso, temos o verbo *imaginar* no modo imperativo, podendo apresentar as marcas morfológicas dos pronomes referentes à segunda pessoa do discurso “tu”, “você” e “vocês” (“imagina”, “imagine” e “imaginem”), seguido do advérbio “só” e de um sintagma nominal, representado por NP.

A função é descrita como uma maneira de causar reflexão no interlocutor a partir da hipótese com foco restritivo em relação à informação apresentada no sintagma nominal, pois o locutor usa a força argumentativa da hipótese para que seu interlocutor reflita acerca do tema discutido. O foco restritivo, então, recai sobre a informação do sintagma nominal, que se caracteriza pela informação necessária para que a reflexão aconteça.

Essa microconstrução apresenta três ocorrências de construto no *Corpus*, as quais cada uma se refere a uma forma verbal. Na tabela abaixo, verificamos esses dados em detalhes.

<i>Imagina só1</i>			
Formas	<i>Imagina</i>	<i>Imagine</i>	<i>Imaginem</i>
Nº de ocorrências no corpus	1	1	3
Total	5		

Tabela 34 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.5.1.

No exemplo (28) a seguir, ilustramos com uma ocorrência do *Corpus* acerca dessa microconstrução.

(28) “Então se a calça branca tem todo esse poder, **imagina só** um terno branco! Uau! É tão poderosamente elegante e feminino que facilmente substitui um vestido bacana numa festona. Chega até a ser sexy!”. (*Corpus escrito blogs – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017*).

Em (28), a locutora trata de combinações de roupas que julga interessantes para uma mulher usar. A locutora, de modo a convencer seu interlocutor, usa o marcador para indicar a hipótese de uma combinação de roupas que julga ser interessante para que as mulheres usem. Dessa forma, ela apresenta uma oração condicional, afirmando que a combinação com calça branca é elegante, e o MD com foco restrito em relação à informação do sintagma nominal “um terno branco” é utilizado para causar a reflexão no seu interlocutor sobre essa combinação que, para ela, é ainda mais elegante e interessante, o que faz com que a força argumentativa seja depositada na hipótese de poder usar uma combinação como essa.

4.2.5.2. Microconstrução 1.5.2 – *Imagina só 2*

Assim como na microconstrução 1.5.1, o verbo que caracteriza a microconstrução 1.5.2 é o verbo *imaginar*. As representações de forma e função estão destacadas no quadro a seguir.

Microconstrução 1.5.2 – <i>Imagina só 2</i>	
Forma	[verbo <i>imaginar</i> no modo imperativo em P2 + só + oração encaixada]
Função	Causar reflexão no interlocutor a partir da hipótese com foco restritivo à informação apresentada na oração encaixada.

Quadro 33 – Descrição da microconstrução 1.5.2 da rede

A forma dessa microconstrução, descrita como [verbo *imaginar* modo imperativo em P2 + só + oração encaixada], apresenta o verbo *imaginar* com marcas morfológicas dos pronomes “tu”, “você” e “vocês” referentes à segunda pessoa do discurso no modo imperativo, o advérbio “só” e uma oração encaixada, podendo ocorrer com uma conjunção integrante ou não.

A função é descrita como um modo de causar reflexão no interlocutor a partir da hipótese com foco restritivo em relação à informação apresentada na oração encaixada. Isto é, o locutor usa o marcador discursivo hipotético de modo reforçar a ideia da oração encaixada, deixando o foco restritivo recair sobre essa informação, para que o interlocutor reflita acerca de seu conteúdo.

No *corpus*, há apenas uma ocorrência dessa microconstrução, conforme consta na tabela abaixo, que mostra o dado quantitativo de ocorrência por MD.

<i>Imagina só 2</i>			
Formas	<i>Imagina</i>	<i>Imagine</i>	<i>Imagem</i>
Nº de ocorrências no <i>corpus</i>	1	-	-
Total	1		

Tabela 35 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.5.2

No exemplo (29) a seguir, o locutor trata de produtos de beleza e de sua qualidade. Para ressaltar a qualidade, o locutor chama o interlocutor para uma reflexão hipotética sobre o uso desses produtos, fazendo com que o foco restritivo do marcador recaia sobre essa situação, apresentada na forma de uma oração encaixada.

(29) “Por que? Bom, quando eu penso na Illamasqua, duas coisas me vêm à cabeça: duração e pigmentação. Nos produtos que já experimentei/comprei, ambas são incríveis. **Imagina só** ir a uma festa e não ter que ficar retocando o batom mil e duzentas vezes. Ou sair de casa de manhã com aquela cara corada de blush, e ela durar até o final do dia. Legal, né? Eu não sou patrocinada, não ganhei nada da marca, foi tudo comprado com meu pobre rico dinheirinho, então atesto sem medo que os produtos funcionam!!!”. (*Corpus* escrito *blogs* – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

4.2.5.3. Microconstrução 1.5.3 – *Imagina só 3*

Assim como as microconstruções anteriores, essa também se caracteriza pelo uso do verbo *imaginar* na sua forma, porém apresenta algumas idiosincrasias tanto na forma quanto na função, conforme apresentado no Quadro 34 abaixo.

Microconstrução 1.5.3 – <i>Imagina só 3</i>	
Forma	[verbo <i>imaginar</i> no modo imperativo em P2 + só + oração encaixada avaliativa]
Função	Causar reflexão no interlocutor a partir da hipótese com foco restritivo à avaliação apresentada na oração encaixada.

Quadro 34 – Descrição da microconstrução 1.5.3 da rede

A representação da forma dessa microconstrução é tida por [verbo *imaginamo* modo imperativo em P2 + só + oração encaixada avaliativa], em que o verbo *imaginar* no imperativo pode apresentar as marcas morfológicas dos pronomes “tu”, “você” e “vocês”, referentes à segunda pessoa do discurso. Além disso, temos o advérbio “só” e uma oração encaixada avaliativa, que consiste em uma oração iniciada por uma conjunção integrante com conteúdo avaliativo, como um adjetivo ou um substantivo de sentido avaliativo.

Já a função dessa microconstrução é tida como uma maneira de o locutor causar reflexão no interlocutor a partir da hipótese com foco restritivo em relação à avaliação apresentada na oração encaixada. Logo, o uso do MD constitui uma forma de chamar a atenção do interlocutor para um argumento do locutor apresentado em forma de hipótese avaliativa, isto é, o locutor avalia uma situação hipotética visando a causar uma reflexão. O foco restritivo do marcador recai sobre a avaliação apresentada na oração encaixada, ocasionando a reflexão sobre essa avaliação.

Essa microconstrução também apresenta apenas uma microconstrução no *Corpus*, conforme as informações da tabela abaixo que mostra o dado numérico de ocorrência por MD.

<i>Imagina só3</i>			
Formas	<i>Imagina</i>	<i>Imagine</i>	<i>Imagem</i>
Nº de ocorrências no corpus	1	-	-

Total	1
--------------	---

Tabela 36 – Descrição quantitativa da Microconstrução 1.5.3.

No exemplo (30) abaixo, apresentamos um construto dessa microconstrução retirado do *Corpus*.

(30) “5. Anel Love da Amo Muito – Adoro anéis delicados! Aliás, quando vi esse modelo fiquei com vontade de fazer um especial com o título de cada um dos meus livros. **Imagina só** que legal usá-los nos lançamentos.”. (*Corpus* escrito *blogs* – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

Em (30), a locutora trata dos anéis que uma marca havia lançado recentemente. O marcador ocorre como um iniciador de uma reflexão acerca da hipótese criada pela locutora: sobre usá-los nos lançamentos de seus futuros livros. O foco restritivo recai sobre a avaliação da encaixada apresentada em relação à hipótese criada pela locutora, a fim de causar uma reflexão no seu interlocutor sobre essa possibilidade. O foco hipotético, então, é uma maneira de argumentar que os tais anéis seriam uma boa aquisição. Dessa forma, a locutora faz com que o interlocutor tenha o mesmo tipo de pensamento hipotético e avaliação que ela.

4.2.6. Avaliação geral

O primeiro subesquema de primeiro nível da proposta de rede construcional elaborada por nós para os marcadores discursivos analisados se caracteriza pelo foco restritivo, ocasionado pelo uso do advérbio “só” em todas as formas de MDs pertencentes à sua hierarquia. Devido aos diferentes objetos de focalização desses MDs, esse subesquema subdivide-se em cinco subesquemas de segundo nível – a) subesquema 1.1 – foco dêitico; b) subesquema 1.2 – foco restritivo-avaliativo; c) subesquema 1.3 – foco prefaciativo; d) subesquema 1.4 – foco restritivo-argumentativo; e e) subesquema 1.5 – foco hipotético –, os quais foram apresentados com as microconstruções que pertencem às suas respectivas hierarquias.

A partir desse primeiro subesquema da rede, podemos chegar a algumas conclusões preliminares acerca do MDs que são o objeto de estudo deste trabalho:

- i. O uso do advérbio “só” configura foco restritivo em relação a uma informação apresentada no discurso, seja de modo catafórico, anafórico ou elíptico;
- ii. O uso dos diferentes verbos de percepção cognitiva na forma desses MDs causa impacto direto na sua função, pois os significados dos verbos escolhidos pelos locutores apresentam idiossincrasias no direcionamento da atenção do locutor em relação à informação selecionada, de modo que esse direcionamento seja mais específico de acordo com a necessidade do locutor;
- iii. Os marcadores passam a apresentar sentidos cada vez mais metafóricos conforme os subesquemas da rede vão se tornando mais específicos. Dessa forma, podemos concluir que, do subesquema 1.1 ao subesquema 1.5, há um *continuum* de menos *irrealis* a mais *irrealis*, isto é, os marcadores passam de um sentido mais denotativo (por exemplo, o dêitico), de apontar elementos reais no mundo, a um sentido mais hipotético, de apontar elementos mais figurados (como é o caso, por exemplo, dos subesquemas 1.4 de foco argumentativo e 1.5 de foco hipotético).

Com isso, nas próximas seções e subseções, avançaremos na descrição da nossa proposta de rede construcional com o subesquema 2 e seus respectivos subesquemas de segundo nível, bem como com as microconstruções pertencentes às suas hierarquias.

4.3. Subesquema 2 – Foco Avaliativo (*bem*)

Nesta seção, nos ocuparemos de descrever o subesquema 2 – foco avaliativo (*bem*) da nossa proposta de rede construcional para os marcadores discursivos focalizadores. Conforme já discutimos nas seções e subseções anteriores, os subesquemas de uma rede construcional – como postulam Traugott e Trousdale (2013) – se configuram como um nível de abstração abaixo do esquema que abarcam as características comuns das microconstruções que se encontram sob a sua hierarquia.

No caso da nossa proposta de rede construcional, devido ao caráter mais específico das microconstruções da hierarquia dos subesquemas, optamos por dividi-los em subesquemas de segundo nível que fossem mais específicos com as propriedades comuns dessas microconstruções. Essa necessidade de dividi-los ocorreu devido ao caráter de mudança que esses subesquemas apresentam, pois, ao logo do tempo, novos subesquemas podem ir se formando de acordo com as mudanças linguísticas oriundas do uso da língua. Dessa forma, esse subesquema configura-se como de primeiro nível, abarcando as particularidades de seus dois subesquemas de segundo nível, que serão apresentados nas subseções seguintes. No quadro abaixo, apresentamos as representações de forma e função desse subesquema 2.

Subesquema 2 – Foco Avaliativo (<i>bem</i>)	
Forma	[verbo* no modo imperativo em P2 + <i>bem</i>] *em que se encaixam apenas os verbos de percepção cognitiva, tais como “olhar”, “ver” e “reparar”.
Função	Chamada de atenção a um pedido de análise, do locutor ao interlocutor, com foco avaliativo a uma informação do discurso.

Quadro 35 – Descrição do subesquema 2 da rede.

A forma deste subesquema constitui uma representação genérica que abrange as características dos subesquemas de segundo nível e de suas microconstruções, representada por [verbo no modo imperativo em P2 + *bem*], em que, na posição de verbo, encaixam-se apenas os verbos de percepção cognitiva – tais como “olhar” e “ver” –, no modo imperativo na segunda pessoa do discurso, a qual é representada pelos pronomes “tu”, “você” e “vocês”. Juntamente com o verbo, temos o advérbio “bem”, que apresenta escopo avaliativo em relação ao verbo e à informação focalizada.

Já a função deste subesquema é descrita como uma chamada de atenção em relação a um pedido de análise, do locutor ao interlocutor, com foco avaliativo para

uma informação do discurso. Isto é, os MDs que fazem parte da hierarquia deste subesquema apresentam essa função em comum, que diz respeito a um pedido de análise feito pelo locutor a seu interlocutor com foco avaliativo em relação a uma informação do discurso, pois o locutor deseja que seu interlocutor avalie uma informação sob o mesmo ponto de vista, de modo a tentar convencê-lo de tal posição. O foco avaliativo incide sobre dois pontos: o verbo e a informação focalizada. Primeiramente, devemos ter em mente que os advérbios são, segundo as gramáticas tradicionais normativas, palavras que têm a função de modificar o sentido do verbo (BECHARA, 2010; CUNHA; CINTRA, 2016; ROCHA LIMA, 2017), logo, o advérbio “bem”, sendo um advérbio de modo, tem a função de modificar a maneira como o interlocutor deve analisar a informação, mudando o sentido funcional do verbo. Por outro lado, em relação à informação focalizada, esta deve ser analisada da maneira solicitada pelo locutor. Desse modo, o foco avaliativo recai sobre essa informação.

Essa informação focalizada, conforme apresentaremos nas subseções seguintes, pode ocorrer por meio de uma oração encaixada, de uma oração coordenada, de um sintagma nominal, de um sintagma preposicional, entre outros. A forma como ela é apresentada será de acordo com a idiosincrasia de cada microconstrução, que requer um tipo de forma diferente para ter o seu pareamento próprio de forma e função.

Desse modo, este subesquema subdivide-se em dois subesquemas de segundo nível, os quais abrangem as microconstruções de MDs focalizadores com o advérbio “bem” e os quais são: Subesquema 2.1 – foco em um pedido de apreciação; e Subesquema 2.2 – foco avaliativo-argumentativo. Na tabela abaixo, apresentamos a distribuição deste subesquema no que se refere ao quantitativo de MDs pertencentes à sua hierarquia.

Subesquema 2 – Foco Avaliativo (<i>bem</i>)					
Marcadores Discursivos					
<i>Ver</i>		<i>Olhar</i>		<i>Reparar</i>	
Veja bem	9	-	-	-	-

Vejam bem	7	Olhem bem	1	Reparem bem	2
Total de MDs:			19		

Tabela 37 – Distribuição quantitativa so Subesquema 2 da rede.

Nesta tabela, podemos verificar que há um total de 19 MDs pertencentes à hierarquia deste subesquema, sendo, dentre estes, 16 com o verbo “ver” (9 referentes a “veja bem”; e 7 referentes a “vejam bem”); 1 referente ao verbo “olhar” (mas especificamente, ao MD “olhem bem”); e 2 referentes a “reparar” (também referentes ao plural, “reparem bem”). Isto posto, nas subseções seguintes, nos ocuparemos de descrever esses subesquemas de segundo nível, bem como as microconstruções pertencentes às suas hierarquias.

4.3.1. Subesquema 2.1 – Foco em um pedido de apreciação

Caracterizado como um subesquema de segundo nível, este subesquema abrange as microconstruções que apresentam em comum o foco em um pedido de apreciação por parte do locutor, isto é, os marcadores discursivos pertencentes a este subesquema apresentam a característica de sequenciar um tópico (MARCUSCHI, 1989), ou seja, de iniciar um pedido de avaliação. No quadro abaixo, representamos a forma e a função deste subesquema.

Subesquema 2.1 – Foco em um pedido de apreciação	
Forma	[verbo* no modo imperativo em P2 + <i>bem</i> + (porção do discurso)] *em que se encaixam apenas os verbos de percepção cognitiva, tais como “olhar”, “ver” e “reparar”.
Função	Pedido de apreciação, por parte do locutor ao interlocutor, a um elemento do discurso.

Quadro 36 – Descrição do subesquema 2.1 da rede.

A forma deste subesquema é descrita por [verbo no modo imperativo em P2 + *bem* + (porção do discurso)], em que, na posição de “verbo”, se encaixam apenas os verbos de percepção cognitiva, tais como “olhar”, “ver” e “reparar”. Esses verbos podem apresentar as marcas morfológicas dos pronomes “tu”, “você” e “vocês”, referentes à segunda pessoa do discurso no modo imperativo. Além do verbo, a forma desse subesquema apresenta o advérbio “bem” e uma porção do discurso, a qual se trata de uma parte do texto em que o locutor enuncia o elemento do discurso a ser avaliado.

A função deste subesquema é descrita como um pedido de apreciação, por parte do locutor ao interlocutor, em relação a um elemento do discurso. Conforme discutimos no Capítulo II, a apreciação se configura como a avaliação da forma, da apresentação, da aparência e da composição de uma entidade no mundo (WHITE, 2003). Dessa forma, um locutor usa os MDs deste subesquema a fim de que seu interlocutor aprecie um elemento do discurso da mesma maneira que ele. Isto é, há uma intenção de convencimento por parte do locutor e, nesse caso, o uso do marcador indica uma tentativa de “elucidação” da situação a partir da perspectiva do locutor. Quando Brinton (1996) afirma que os marcadores discursivos não são obrigatórios em um discurso, mas são necessários para que o discurso não soe pedante ou mal educado, a função deste subesquema torna-se um ótimo exemplo dessa afirmação, pois o locutor usa os artifícios linguísticos a seu favor de modo que seu discurso não soe dessa maneira, uma vez que o ato de convencer alguém pode soar mal educado.

Na tabela abaixo, apresentamos os dados quantitativos referentes a este subesquema, no qual podemos verificar que há, em sua hierarquia, 1 MD “veja bem”, 1 MD “olhem bem” e 2 MDs “reparem bem”.

Subesquema 2.1 – Foco em um pedido de apreciação					
Marcadores Discursivos					
Ver		Olhar		Reparar	
Veja bem	1	-	-	-	-
-	-	Olhem bem	1	Reparem bem	2
Total de MDs:			4		

Tabela 38 – Distribuição quantitativa so Subesquema 2.1 da rede.

Nesse sentido, nas subseções a seguir, apresentamos as microconstruções pertencentes à hierarquia deste subesquema.

4.3.1.1. Microconstrução 2.1.1 – *Veja bem 1*

Esta microconstrução é caracterizada pelo uso do verbo “ver” formando um *chunk* com o advérbio “bem”, conforme descrito no quadro abaixo.

Microconstrução 2.1.1 – <i>Veja bem 1</i>	
Forma	[(oração avaliativa) + verbo “ver” no modo imperativo em P2 + <i>bem</i> + (oração avaliativa)]
Função	Pedido de apreciação, por parte do locutor ao interlocutor, com foco a uma avaliação de um elemento do discurso.

Quadro 37– Descrição da microconstrução 2.1.1 da rede.

A forma desta microconstrução é descrita por: [(oração avaliativa) + verbo *ver* no modo imperativo em P2 + *bem* + (oração avaliativa)], em que “oração avaliativa” representa orações que apresentam conteúdo avaliativo, seja explícito ou não, por meio do uso de adjetivos, construções avaliativas (“eu acho que”, por exemplo) ou ainda sintagmas nominais com valor avaliativo. A representação entre parênteses significa que essas orações podem ocorrer explícitas ou implícitas e que

o MD “veja bem” ocorre de forma parentética, ou seja, pode ocorrer no início, no meio ou no final do discurso. Além disso, “ver” pode ocorrer com as marcas morfológicas dos pronomes “você” ou “vocês”, que se referem à segunda pessoa do discurso no modo imperativo; juntamente, temos o advérbio “bem” denotando foco avaliativo. Já o elemento do discurso pode ser uma imagem, um objeto, um vídeo, uma cena etc.

A sua função é descrita como um pedido de apreciação, por parte do locutor ao interlocutor, com foco na avaliação de um elemento do discurso. Ou seja, o locutor pede que seu interlocutor examine um elemento do discurso conforme a avaliação apresentada. O foco do marcador incide sobre a avaliação, ainda que esta esteja implícita, já que a intenção do locutor é convencer seu interlocutor de sua posição.

Os dados quantitativos desta microconstrução estão descritos em detalhes na tabela abaixo, a qual indica que há apenas um construto no *corpus*. Conforme verificamos nas informações abaixo, esta única ocorrência apresenta a forma “vejam”, referente ao pronome de segunda pessoa “vocês”. A ver:

<i>Veja bem 1</i>		
Formas	<i>Veja</i>	<i>Vejam</i>
Nº de ocorrências no <i>corpus</i>	-	1
Total	1	

Tabela 39 – Descrição quantitativa da Microconstrução 2.1.1.

Abaixo, no exemplo (31), apresentamos esta ocorrência do *Corpus* fim de ilustrar esta microconstrução

(31) “Obs: na minha última incursão numa loja de cabeleireiro na frente do Bryant Park, onde rolam os desfiles do Fashion Week (eu estava lá vendo Diesel), comprei uma pinça incrível com estampa de onça!! Hahahaha a coisa mais inútil útil de todos os tempos. Essa sou com muitas lindas sacolas no dia em que fui pela primeira vez na Sephora (era no começo da viagem). Mas só uma sacola é de lá, **vejam bem!**” (*Corpus* escrito *blogs* – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

Neste exemplo, a locutora relata um episódio em que participou de um desfile de uma marca e, logo depois, saiu às compras em uma loja de uma marca famosa. A locutora apresenta uma imagem em que ela aparece segurando algumas sacolas e avalia-as como lindas. O marcador ocorre neste exemplo de modo a focalizar esta avaliação, destacando também o fato de que apenas uma dessas sacolas é dessa loja famosa. Nesta oração, a locutora apresenta uma avaliação implícita, pois deseja que seu interlocutor aprecie a sacola dessa loja específica da mesma maneira que ela, julgando-a como linda e, talvez, como uma loja que venda produtos caros.

4.3.1.2. Microconstrução 2.1.2 – *Olha bem 1*

Esta microconstrução caracteriza-se pelo uso do verbo “olhar” e do advérbio “bem”, conforme apresenta o Quadro 38 abaixo.

Microconstrução 2.1.2 – <i>Olha bem 1</i>	
Forma	[verbo “olhar” no modo imperativo em P2 + <i>bem</i> + NP + (oração avaliativa)]
Função	Chamada de atenção a uma apreciação, por parte do locutor ao interlocutor, com foco a uma avaliação de um elemento do discurso.

Quadro 38– Descrição da microconstrução 2.1.2 da rede.

Descrevemos esta microconstrução com a forma [verbo “olhar” no modo imperativo em P2 + *bem* + NP], em que “olhar” pode ocorrer com as marcas morfológicas dos pronomes “tu”, “você” e “vocês”, referentes à segunda pessoa do discurso no modo imperativo. Esta forma compõe-se também do advérbio “bem”, de um sintagma nominal (NP) e de uma oração avaliativa, representada entre parênteses por ter a possibilidade de ocorrer explícita ou implícita, por meio de referência a uma avaliação do contexto do texto em que o MD se insere.

A função desta microconstrução também é descrita como uma chamada de atenção para uma apreciação, por parte do locutor ao interlocutor, com foco na avaliação de um elemento do discurso. Nesse sentido, o locutor chama a atenção de

seu locutor em relação a uma apreciação que ele mesmo faz de um elemento do discurso, desejando que seu interlocutor tenha o mesmo tipo de avaliação. O foco avaliativo acarretado pelo advérbio “bem” incide sobre a avaliação da oração avaliativa, como uma forma de dizer “avalie da mesma maneira que eu avalio”.

Os dados quantitativos desta microconstrução, contudo, não são tão expressivos no *corpus*. Há apenas uma ocorrência desta microconstrução em nossos dados, a qual se refere à forma “olhem”, referente ao pronome de segunda pessoa plural “vocês” no modo imperativo. Apresentamos em detalhes esse dado na tabela abaixo.

<i>Olha bem 1</i>			
Formas	<i>Olha</i>	<i>Olhe</i>	<i>Olhem</i>
Nº de ocorrências no <i>corpus</i>	-	-	1
Total	1		

Tabela 40 – Descrição quantitativa da Microconstrução 2.1.2.

Nesse sentido, apresentamos esta ocorrência no exemplo (32) abaixo, de modo a ilustrá-la.

(32) “a parceria com o designer indiano manish arora resultou nessa linha wonderful, que tem disparado as embalagens mais looosho que eu conheço. tudo multi colorido... **olhem bem** a palette "eyes on manish", um escândalo! e conforme reza a lenda, os tons alaranjados seguem firmes & fortes ;). (*Corpus* escrito *blogs* – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

Em (32), a locutora trata de novos produtos de maquiagem e cosméticos que uma marca lançou. Ao chamar a atenção para uma paleta de sombras, a locutora usa o MD “olhem bem” de modo a mostrar sua avaliação acerca desse produto e também a pedir que seu interlocutor aprecie da mesma forma que ela. Para isso, o foco avaliativo gerado por “bem” é fundamental, pois focaliza o modo como o interlocutor deve apreciar tal elemento do discurso (a paleta de sombras para olhos).

4.3.1.3. Microconstrução 2.1.3 – *Repara bem 1*

A última microconstrução deste subesquema de segundo nível caracteriza-se pelo uso do verbo “reparar” e do advérbio “bem”, conforme apresenta o Quadro 39 abaixo.

Microconstrução 2.1.3 – <i>Repara bem 1</i>	
Forma	[verbo “reparar” no modo imperativo em P2 + <i>bem</i> + PP + (oração avaliativa)]
Função	Pedido de análise detalhada, por parte do locutor ao interlocutor, com foco a uma avaliação de um elemento do discurso.

Quadro 39 – Descrição da microconstrução 2.1.3 da rede.

A forma desta microconstrução é descrita por [verbo “reparar” no modo imperativo em P2 + *bem* + PP + (oração avaliativa)], em que “reparar” apresenta as marcas morfológicas dos pronomes “tu”, “você” e “vocês” referentes à segunda pessoa do discurso no modo imperativo. É composta também pelo advérbio “bem”; por um sintagma preposicional (PP), devido à regência do verbo “reparar” que pede a preposição “em”; e uma oração avaliativa, representada entre parênteses porque pode ocorrer explícita e encaixada ao PP ou coordenada, ou, ainda, pode ocorrer implícita, referenciando uma avaliação já expressa anteriormente no contexto.

Descrevemos a função desta microconstrução como um pedido de análise detalhada, por parte do locutor ao interlocutor, com foco na avaliação de um elemento do discurso. Devido ao uso de “reparar”, cujo sentido é “ter a atenção despertada por”, esta função apresenta um caráter mais específico no pedido de análise. Dessa maneira, o locutor solicita a seu interlocutor que analise muito atentamente um elemento do discurso com base na avaliação que apresenta, de modo que a análise do interlocutor seja semelhante à do locutor.

Apesar de esta microconstrução ter a possibilidade de apresentar as marcas morfológicas dos pronomes “tu”, “você” e “vocês”, no *corpus* encontramos apenas 2 construtos cuja forma refere-se ao pronome de segunda pessoa do plural “vocês”. Ainda assim, de modo a manter a denominação adotada nas microconstruções do

subesquema 1, optamos por denominá-la com base no pronome “tu”. Na tabela abaixo, apresentamos os dados quantitativos referentes aos construtos desta microconstrução em detalhes.

Repara bem 1			
Formas	Repara	Repare	Reparem
Nº de ocorrências no corpus	-	-	2
Total	2		

Tabela 41 – Descrição quantitativa da Microconstrução 2.1.3.

Nesse sentido, de modo a ilustrar esta microconstrução, apresentamos uma das ocorrências do *Corpus* no exemplo (33) abaixo.

(33) “Nem preciso repetir o tanto que gostei de estar em Fortal né? Vocês já viram e ouviram muita coisa sobre esse assunto. Mas agora, preciso dividir maissss fotos que tirei durante o bate papo! Começando pelo make up super Verão! Olha só... **Reparem bem** no detalhe dos olhos, com uma sombra laranja e delineador preto. O que eu mais gosto dessa proposta é que, apesar da sombra ser laranja, não ficamos com cara de carnaval, sabe? Tudo super bem pensado e calculado pela querida Kelly Pires, dona e maquiadora do estúdio Make You Up.”. (*Corpus* escrito *blogs* – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

Em (33), a locutora compartilha fotos de uma viagem realizada a Fortal durante o verão, nas quais chama a atenção acerca dos detalhes de sua maquiagem. Nesse sentido, a locutora usa o MD de modo a pedir uma análise mais apurada de um detalhe da maquiagem; logo após, ela apresenta a sua avaliação acerca desse detalhe. Dessa maneira, o uso de “bem” faz com que o foco avaliativo incida sobre a maneira como o interlocutor deve, segundo a locutora, analisar a imagem apresentada por ela.

4.3.2. Subesquema 2.2 – Foco avaliativo-argumentativo

Este segundo e último subesquema de segundo nível da hierarquia do subesquema 2 apresenta características comuns a suas microconstruções, assim

como preveem Traugott e Trousdale (2013). Este subesquema caracteriza-se pelo foco avaliativo-argumentativo. Nesse caso, sua característica avaliativa deve-se ao advérbio “bem”, ao passo que o caráter argumentativo se deve ao contexto em que se insere o MD. Sendo assim, o contexto argumentativo é um objeto de focalização que ocorre em sequências ou textos argumentativos, criados a partir da argumentação instanciada pelo locutor. Nesse sentido, a argumentação é entendida como uma expressão e uma defesa de um ponto de vista elencadas de modo a sustentar uma posição que está em disputa (SCHIFFRIN, 1987, 1990).

Outro aspecto deste subesquema é que, devido ao objeto de focalização ser uma sequência argumentativa, todos os verbos utilizados nos MDs são metaforizados, isto é, não apresentam seus sentidos dicionarizados. Como os sentidos dos verbos de percepção cognitiva estão vinculados à nossa experiência de mundo, e essa experiência é percebida pelo nosso intelecto, a meteforização ocorre como um meio de transferir as informações de modo mais palatável, principalmente com os verbos de percepção visual, conforme sinaliza Sweetser (1990). Com isso, representamos, no quadro a seguir, as representações de forma e função deste subesquema.

Subesquema 2.2 – Foco avaliativo-argumentativo	
Forma	[(oração) + verbo “ver” no modo imperativo em P2 + <i>bem</i> + (oração)]
Função	Pedido de análise, por parte do locutor ao interlocutor, dos argumentos apresentados no discurso sob foco avaliativo.

Quadro 40 – Descrição do subesquema 2.2 da rede

A forma deste subesquema é descrita por [(oração) + verbo “ver” no modo imperativo em P2 + *bem* + (oração)], em que “oração” está representada entre parênteses por poder ocorrer como encaixada ou coordenada, além de ter que apresentar conteúdo argumentativo. Compõem também a forma deste subesquema o verbo “ver” no modo imperativo, apresentando as marcas morfológicas dos pronomes “você” e “vocês” referentes à segunda pessoa do discurso, e o advérbio “bem”, denotando foco avaliativo.

Já a função deste subesquema é descrita como um pedido de análise, por parte do locutor ao interlocutor, em relação aos argumentos apresentados no discurso sob foco avaliativo. Nesse sentido, o locutor solicita ao interlocutor que faça uma análise dos argumentos apresentados, de modo a reforçar a defesa desses argumentos. O uso do advérbio “bem” no marcador configura foco em relação ao modo como esse argumento deve ser analisado. Assim, podemos entender que o locutor pede que o interlocutor analise este argumento sob o seu ponto de vista.

Logo, os MDs com objeto de focalização, em uma sequência argumentativa pertencente a este subesquema, configuram uma estratégia subjetiva de convencimento, baseada no escopo avaliativo que inclui todo o discurso, sinalizando um fenômeno subjetivo em que os argumentos têm significado cultural e podendo ser motivados para diferentes fins (VIEIRA, 2007).

Na tabela abaixo, mostramos em detalhes os dados quantitativos referentes aos MDs deste subesquema, os quais se referem apenas ao verbo “ver”, nas formas “veja bem” – 9 ocorrências – e na forma “vejam bem” – 6 ocorrências. A saber:

Subesquema 2.2 – Foco avaliativo-argumentativo	
Marcadores Discursivos	
<i>Ver</i>	
Veja bem	9
Vejam bem	6
Total:	15

Tabela 42 – Descrição quantitativa do Subesquema 2.2.

Isso posto, nas subseções seguintes, realizaremos as descrições de forma e função das três microconstruções pertencentes à hierarquia deste subesquema.

4.3.2.1. Microconstrução 2.2.1 – *Veja bem 2*

No Quadro 41 abaixo, mostramos as representações de forma e função dessa microconstrução.

Microconstrução 2.2.1 – <i>Veja bem 2</i>	
Forma	[(porção do discurso) + verbo “ver” no modo imperativo em P2 + <i>bem</i> + (oração argumentativa)]
Função	Pedido de análise, por parte do locutor ao interlocutor, da informação do texto anterior (anafórico) e do argumento da oração argumentativa (catafórico) sob foco avaliativo.

Quadro 41 – Descrição da microconstrução 2.2.1 da rede.

A forma desta microconstrução é descrita por [(porção do discurso) +verbo “ver” no modo imperativo em P2 + *bem*+ (oração argumentativa)], em que “porção do discurso” se refere a partes do texto em que o locutor desenvolve o tema ou a tese. Por sua vez, a “oração argumentativa” representa a oração – ou orações – em que são apresentados os argumentos focalizados pelo MD. Ambas estão representadas entre parênteses devido ao caráter parentético do MD, que contém o verbo “ver” nas formas do modo imperativo “veja” ou “vejam” em conjunto com o advérbio *bem*.

A sua função é descrita como um pedido de análise, por parte do locutor em relação ao interlocutor, acerca da informação do texto anterior (anafórico) e do argumento da oração argumentativa (catafórico) sob foco avaliativo. Ou seja, dentro de um contexto argumentativo em que o locutor apresenta sua tese, o uso do marcador indica um reforço de direcionamento da atenção do interlocutor em relação a um dos argumentos apresentados para sustentar a sua tese. Logo, o foco avaliativo gerado pelo advérbio “bem” indica a maneira como tal avaliação do argumento deve ser realizada, isto é, sob o mesmo ponto de vista do locutor.

No que tange o quantitativo de construtos desta microconstrução, vemos, na tabela a seguir, que esta microconstrução apresenta um total de 12 ocorrências no *corpus*, sendo 8 com a forma “veja” e 4 com a forma “vejam”, contabilizando o maior número de construtos de uma microconstrução no subesquema 2.2.

Veja bem 2		
Formas	Veja	Vejam
Nº de ocorrências no corpus	8	4
Total	12	

Tabela 43 – Descrição quantitativa da Microconstrução 2.2.1.

A partir disso, apresentamos uma dessas ocorrências desta microconstrução retirada do *Corpus*.

(34) “Agora, a maquiagem tem várias graças. Uma delas é estar voltando para casa e resolver, num impulso, comprar um novo lápis azul só pra experimentar, sem que isso signifique um rombo no orçamento. **Veja bem**, não é pensar “ai acho que hoje quero comprar um lápis azul só para experimentar, acho que vou ao shopping procurar”. A graça é poder comprar alguma coisa só porque ela está ali, tão fácil. Isso muda tudo, porque a pessoa pode não usar na hora, mas um dia, quem sabe, vai experimentar.”. (*Corpus* escrito *blogs* – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

Em (34) a locutora elenca alguns dos encantos de usar e comprar maquiagem. Segundo ela, um desses encantos é comprar novos produtos apenas para teste sem que haja comprometimento do orçamento. Porém, a locutora argumenta – chamando a atenção para esse argumento com o MD “veja bem” – que o encanto não é o impulso com intenção de comprar e experimentar, mas sim deparar-se com o produto e comprar porque se interessou por ele. Nesse sentido, o uso do marcador reforça o argumento da locutora e marca o seu pedido de análise para esse seu ponto de vista, focalizando-o de modo avaliativo por meio do advérbio “bem”. O caráter anafórico do marcador se dá pela referência à tese da locutora, ao passo que o caráter catafórico se dá pelo apontamento em relação ao argumento apresentado após o MD.

4.3.2.2. Microconstrução 2.2.2 – *Veja bem 3*

Esta microconstrução apresenta o pareamento de forma e função descrito no Quadro 42 abaixo.

Microconstrução 2.2.2 – Veja bem 3	
Forma	[(porção do discurso) + conjunção aditiva + verbo “ver” no modo imperativo em P2 + <i>bem</i> + (oração argumentativa)]
Função	Pedido de análise, por parte do locutor ao interlocutor, como foco avaliativo no argumento da oração argumentativa (catafórico) em relação à informação da porção do discurso (anafórico).

Quadro 42 – Descrição da microconstrução 2.2.2 da rede.

Descrevemos a forma desta microconstrução por [(porção do discurso) + conjunção aditiva + verbo “ver” no modo imperativo em P2 + *bem* + (oração argumentativa)], em que “porção do discurso” está representada entre parênteses, bem como “oração argumentativa”, pois se trata de um marcador parentético. Compõem também esta microconstrução, a conjunção aditiva “e”, “ver” no modo imperativo, apresentando as formas “veja” ou “vejam”, referentes à segunda pessoa do discurso, e o advérbio “bem”.

A função desta microconstrução é descrita como um pedido de análise, por parte do locutor ao interlocutor, com foco avaliativo no argumento da oração argumentativa (catafórico) em relação à informação da porção do discurso (anafórico). Ou seja, o locutor solicita a seu interlocutor que analise – sob o mesmo ponto de vista – a informação do discurso e o argumento usado para sustentá-la. Desse modo, o foco avaliativo, gerado por “bem”, leva o interlocutor a ter o mesmo posicionamento que o locutor.

Em relação à sua frequência no *corpus*, a tabela abaixo apresenta os dados referentes ao quantitativo de construtos dessa microconstrução. Conforme veremos abaixo, há apenas uma ocorrência dessa microconstrução em todo o *corpus*, a qual apresenta a forma “veja” no modo imperativa para o verbo “ver”.

Veja bem 3		
Formas	Veja	Vejam
Nº de ocorrências no corpus	1	-

Total	1
--------------	---

Tabela 44 – Descrição quantitativa da Microconstrução 2.2.2.

A partir disso, no exemplo (35) abaixo, ilustramos uma ocorrência desta microconstrução no *Corpus* analisado.

(35) “Sempre fui apaixonada pelo mar, minha mãe conta que era uma criança calma. Fui aquela criança que deu trabalho zero, sabe quantas vezes acordei de madrugada? NENHUMA. Sai da maternidade e já dormia a noite toda. Minha mãe acha que nasci com ‘alma’ velha, e **veja bem**, eu também acho rrsr!”. (*Corpus* escrito *blogs* – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

Neste exemplo, a locutora relata que foi uma criança muito calma, segundo sua mãe. Devido a isso, a mãe da locutora opina que a locutora nasceu com alma de uma pessoa mais velha, e a locutora concorda com essa opinião. Desse modo, para pedir a atenção do seu interlocutor em relação a seu próprio posicionamento, a locutora usa o marcador discursivo “veja bem”, que, com o foco avaliativo gerando por “bem”, faz com que o interlocutor reflita acerca dos pontos apresentados por ela anteriormente. E, por esse posicionamento, o interlocutor é levado a chegar à mesma conclusão da locutora.

4.3.2.3. Microconstrução 2.2.3 – *Veja bem* 4

Apresentamos as descrições de forma e função desta última microconstrução do subesquema 2.2 no quadro abaixo.

Microconstrução 2.2.3 – <i>Veja bem</i> 4	
Forma	[(porção do discurso) + conjunção aditiva + verbo “ver” no modo imperativo em P2 + <i>bem</i> + oração encaixada]
Função	Pedido de análise, por parte do locutor ao interlocutor, com foco avaliativo no argumento da oração encaixada (catafórico) em relação à informação da porção do discurso (anafórico).

Quadro 43 – Descrição da microconstrução 2.2.3 da rede.

A forma desta microconstrução é descrita por [(porção do discurso) + conjunção aditiva + verbo “ver” no modo imperativo em P2 + *bem*+ oração encaixada], em que “porção do discurso” é entendida por parte do texto do locutor que contém o tema ou a tese defendida por ele. Além disso, também compõem esta microconstrução a conjunção aditiva “e”; o verbo “ver” no modo imperativo na segunda pessoa do discurso (apresentando as marcas morfológicas dos pronomes “você” ou “vocês”); o advérbio “bem”; e uma oração encaixada, na qual se apresenta o argumento da sequência argumentativa do texto.

Já a sua função, descrevemos como um pedido de análise, por parte do locutor ao interlocutor, como foco avaliativo no argumento da oração encaixada (catafórico) em relação à informação da porção do discurso (anafórico). Nesse sentido, o locutor solicita ao seu interlocutor que analise – sob o mesmo ponto de vista – um argumento, apresentado em uma oração encaixada ao marcador discursivo. O foco avaliativo gerado pelo advérbio “bem” recai sobre o argumento da encaixada, de modo a produzir o efeito de “análise como eu analiso”.

Na tabela abaixo, apresentamos o quantitativo de construtos dessa microconstrução encontrados no *corpus*. Essa microconstrução apresenta apenas 2 construtos, ou seja, duas ocorrências no *corpus* desse marcador, as quais são representadas por “vejam”.

<i>Veja bem 4</i>		
Formas	<i>Veja</i>	<i>Vejam</i>
Nº de ocorrências no <i>corpus</i>	-	2
Total	2	

Tabela 45– Descrição quantitativa da Microconstrução 2.2.3.

Isso posto, apresentamos uma ocorrência referente à microconstrução 2.2.3 retirada do *Corpus* no exemplo (36) a seguir.

(36) “COMO USAR ESTAMPAS DE BICHOS Aqui na Oficina a gente é calminha mas adora uma estampa selvagem, nem que seja em pequeninas porções – que é

mesmo como a gente acha mais legal usar. E a gente prefere estampas de animais selvagens mesmo (ou quase): tipo não vale vaquinha, mas vale onça, tigre, zebra, girafa e até pavão (chique!). Essas estampas já vêm com a mensagem sexy embutida, sabia? Por conta dessa mensagem elas ficam menos óbvias se a gente escolhe peças não-sexy pra “soltar as feras” (rá!): se for num vestido, que seja num vestido fofucho ou mais retinho, e não num decotado-super-justo; se for numa calça (oi?), que seja num modelo mais despojado tipo saruel, e não numa cigarrete; mesmo se for num sapato, que seja numa sapatilha ou num peep-toe, e não num escaquin altíssimo ou numa sandália com tiras super mega finas. Sacou? Quem tem medinho pode começar com acessórios (ótimos), tipo sapato, bolsa, lenço, bracelete, broche – um desses de cada vez não escandaliza ninguém, em nenhum ambiente. E **vejam bem**, amigas, que a intenção não é mascarar a mensagem sexy da estampa de animal, mas acrescentar à essa outras leituras possíveis – pra gente ficar mais interessante e menos literal, no caso.”. (*Corpus* escrito *blogs* – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017).

Em (36), a locutora trata de roupas com estampas de animais, defendendo que são estampas que evidenciam a sensualidade de quem as usa, porém, para que as pessoas fujam da obviedade do conteúdo sensual que essas estampas passam, a locutora defende o uso de peças menos sensuais ou mais discretas. Ao usar o MD, a locutora sinaliza que a intenção de usar peças menos óbvias não é mascarar a sensualidade dessas peças, mas sim causar um impacto diferente em quem vê as pessoas usando-as. Desse modo, a locutora usa o marcador para focalizar seu argumento, visando a induzir seu interlocutor a ter o mesmo ponto de vista que ela, o de que tais estampas podem ser usadas de maneira diferente.

4.3.3. Avaliação geral

Nas subseções, descrevemos o Subesquema 2 da nossa proposta de rede de marcadores discursivos focalizadores. Tal subesquema é caracterizado pelo foco avaliativo, acarretado pelo advérbio “bem”, gerando, nesse caso, diferentes objetos de focalização. A partir disso, esse subesquema subdivide-se em dois subesquemas de segundo nível, a saber: i) subesquema 2.1 – foco em um pedido de apreciação; e ii) subesquema 2.2 – foco avaliativo-argumentativo, cujas descrições de forma e função, bem como as descrições das microconstruções de suas hierarquias, foram apresentadas.

Isso posto, fazemos algumas conclusões preliminares acerca desse subesquema:

- i. Os MDs pertencentes à hierarquia do subesquema 2 apresentam foco avaliativo devido ao uso do advérbio “bem”, e esse foco é caracterizado por um pedido de avaliação sob o mesmo ponto de vista do locutor;
- ii. Os diferentes verbos de percepção cognitiva utilizados nas formas dos MDs do subesquema 2 mudam a função de suas microconstruções devido a seus significados. Diferentemente do Subesquema 1, este subesquema não apresenta verbos metaforizados que não sejam de percepção cognitiva;
- iii. Como a função do subesquema 2 sinaliza maior (inter)subjetividade nos contextos em que os MDs se inserem, este subesquema encontra-se em um *continuum* de mais *irrealismais* em relação ao subesquema 1. Nesse sentido, a avaliação é a expressão das percepções do locutor e, portanto, é subjetiva por natureza, o que faz com que os MDs deste subesquema tenham convergência com a contrafactualidade.

A partir das descrições da proposta de rede construcional de marcadores discursivos focalizadores que desenvolvemos ao longo deste capítulo, na Figura 4 a seguir, apresentamos a ilustração da nossa proposta de rede construcional.

Essa proposta de rede construcional apresenta trinta e duas microconstruções pertencentes ao esquema MDs com função focalizadora com os advérbios “só” e “bem”, distribuídos em dois subesquemas de primeiro nível e oito subesquemas de segundo nível, conforme ilustra a figura a seguir e conforme descrevemos neste capítulo. Além disso, de acordo com as análises dos dados, essa proposta de rede apresenta um *continuum* de *-irrealis* a *+irrealis* em seus subesquemas de segundo nível, isto é, o subesquema 1.1 – Foco dêitico apresenta caráter *-irrealis* porque os MDs de suas microconstruções apontam elementos mais concretos no discurso. Ao passo que do subesquema 1.2 ao subesquema 2.2, há um aumento de (inter)subjetividade nos MDs, além de os elementos do discurso focalizados serem menos concretos, fazendo com que o *continuum* vá se tornando a cada subesquema *+irrealis*.

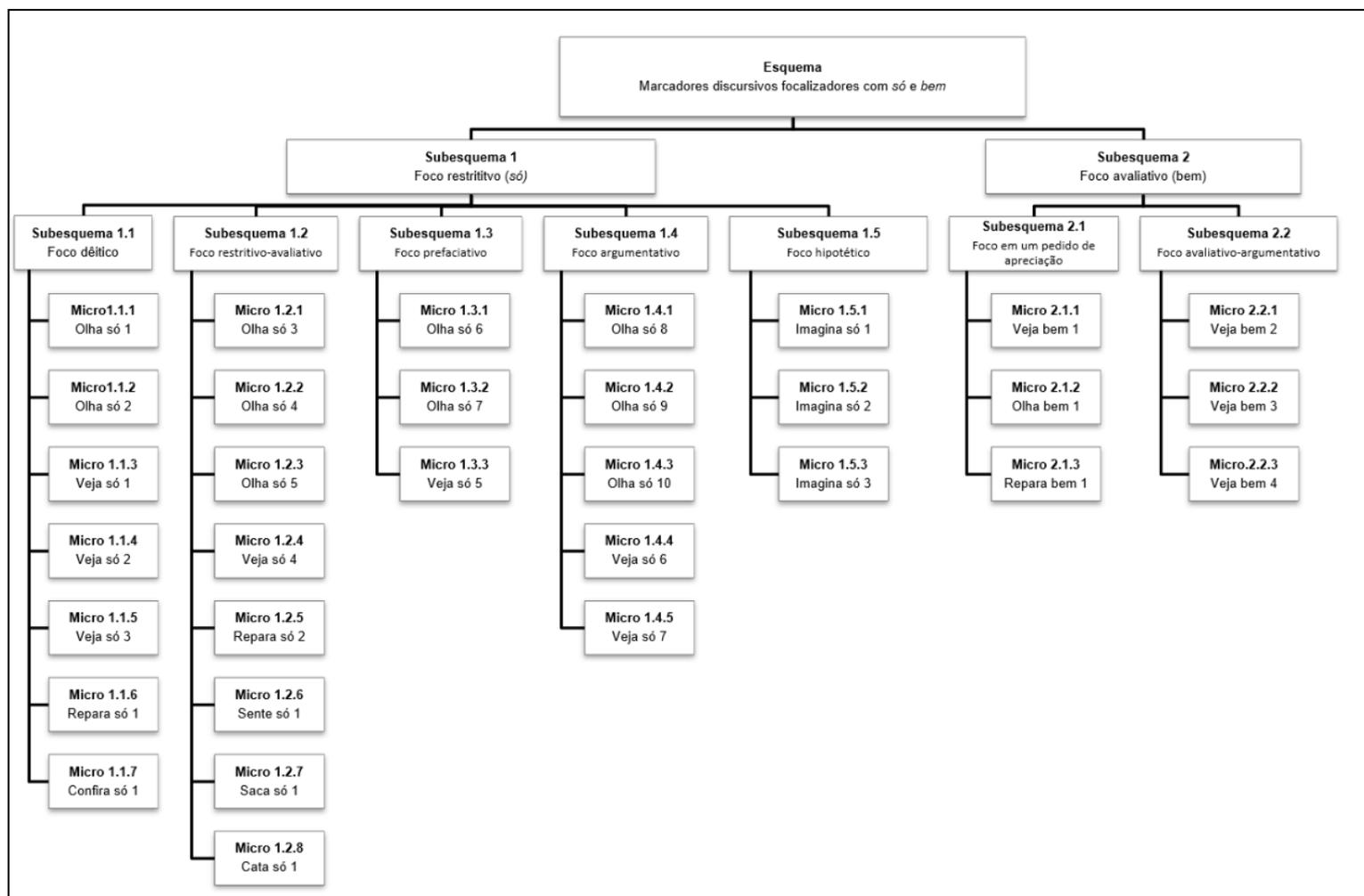


Figura 4 – Proposta de rede construcional de MDs focalizadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi propor uma rede construcional para os marcadores discursivos focalizadores com *só* e *bem*, os quais são também formados por um verbo de percepção cognitiva no modo imperativo em P2, como, por exemplo, “olha só” e “veja bem”. Para a realização da pesquisa, nos pautamos nos pressupostos teóricos da construcionalização gramatical nos termos de Taugott e Trousdale (2013). De acordo com os autores, novos pares de forma e sentido passam a fazer parte da gramática da língua, estabelecendo novos nós em uma rede construcional hierarquicamente organizada. Nesse sentido, levantamos as seguintes hipóteses acerca das construções analisadas: i) o uso dos advérbios *só* e *bem* denota diferentes modos de focalização; ii) os diferentes verbos usados nos MDs caracterizam diferentes funções baseadas em seus sentidos; e iii) tais construções configuram-se como casos de construcionalização gramatical. Essas hipóteses foram confirmadas ao longo das análises apresentadas neste trabalho.

Com base na caracterização dos padrões construcionais identificados, chegamos à conclusão de que a nossa proposta de rede é composta pelos seguintes níveis: esquema; subesquema 1 (foco restritivo), seguido de cinco subesquemas de segundo nível de sua hierarquia e suas respectivas microconstruções; e subesquema 2 (foco avaliativo), com dois subesquemas de segundo nível em sua hierarquia e suas respectivas microconstruções. Esse formato de rede foi constituído por meio de uma análise *bottom-up*, ou seja, para que chegássemos aos níveis mais altos da rede, partimos da análise dos construtos, separando-os por padrões microconstrucionais e agrupando-os posteriormente em subesquemas de primeiro e segundo nível e em esquema.

Em nossa análise, verificamos, nesse sentido, que os subesquemas de segundo nível abrangem as microconstruções que apresentam a chamada de atenção para um determinado elemento do discurso que pode se apresentar a partir de diferentes modos de focalização, a saber: dêixis, avaliação, prefaciação, argumentação e hipótese. Conforme descrito no Capítulo IV, os MDs com o advérbio *só* apresentam cinco modos de focalização, ao passo que os MDs com o advérbio *bem* apresentam apenas dois modos – avaliação e argumentação.

Nesse contexto, verificamos que a rede, então, passa a ser compreendida a partir de um *continuum* que vai de menos *irrealis* a mais *irrealis*, isto é, de mais factual a menos factual. Tal conclusão, pautada nos pressupostos de Palmer (2001), diz respeito às funções dos MDs em relação a seu objeto de focalização. Os MDs com objeto de focalização em dêixis seriam menos *irrealis*, pois estariam baseados na factualidade, apontando para um elemento do discurso. Já os MDs com objeto de focalização em argumentação ou hipótese seriam mais *irrealis*, pois estariam baseados na contrafactualidade, isto é, seriam mais subjetivos em relação à realidade, já que se referem a julgamentos e pensamentos do locutor em relação a um elemento do discurso.

Outro aspecto da rede diz respeito à (inter)subjetividade. A subjetividade é marcada pela representação do ponto de vista do locutor no discurso (TRAUGOTT; DASHER, 2005). Logo, os MDs que constituem a rede também apresentam um grau de subjetividade, uma vez que o locutor se insere no discurso por meio dos objetos de focalização. Desde a focalização dêitica até a focalização hipotética, o locutor apresenta marcas de sua posição no discurso, deixando claros seus pontos de vista e julgamentos acerca dos elementos do discurso, de modo a chamar a atenção do seu interlocutor para tais pontos ou, até mesmo, de modo a convencê-lo de que tais pontos seriam convenientes. Nesse contexto, temos o caráter intersubjetivo dos MDs dessa rede. A intersubjetividade, segundo Traugott e Dasher (2005), se caracteriza pelas marcas que evidenciam a relação entre locutor e interlocutor, envolvendo um impacto direto na autoimagem ou na face do locutor e dos interlocutores. Dessa maneira, os MDs pertencentes à hierarquia dos subesquemas de avaliação, prefaciação, argumentação e hipótese apresentam caráter [+intersubjetivo], já que esses MDs apresentam impacto direto na autoimagem tanto do locutor quanto do interlocutor: o locutor expressa seus sentimentos, suas opiniões e seus julgamentos, compartilhando-os com o interlocutor, o qual é convidado a fazer o mesmo.

Nesta pesquisa, concluímos também que processos de metaforização e mesclagem são pontos chave para que novas microconstruções se instanciem na rede. Conforme apresentamos no Capítulo IV, os verbos de percepção visual passam por um processo de metaforização por sua natureza semântica, evidenciando a visão como sendo porta de entrada para o conhecimento

(SWEETSER, 1990). Em nossas análises, apontamos que muitos dos MDs com “olhar” e “ver” – principalmente aqueles cujos objetos de focalização são a prefeciação e a argumentação – indexam um pedido de compreensão de uma dada situação sem que haja nenhum direcionamento da percepção visual para um ponto ou elemento do discurso. Ainda que a metáfora revelada seja algo do cotidiano – como bem apontam Lakoff e Johnson (1980) –, isso faz com que novos padrões microconstrucionais possam surgir na rede, mostrando o importante papel da metaforização e da mesclagem na mudança linguística. Além disso, no que diz respeito à metaforização e, mais especificamente à mesclagem, alguns outros verbos identificados na análise também mostraram a importância desses processos na mudança. Os verbos “sacar” e “catar” – cujos sentidos originais não remontam à percepção cognitiva, mas a ações realizadas em relação a um objeto – indicam o forte papel da metaforização e da mesclagem na construcionalização.

Com base nessas conclusões e em outras encaminhadas durante a realização do trabalho, acreditamos que esta pesquisa apresente contribuições relevantes para o estudo de marcadores discursivos e, de modo geral, para os estudos sobre construcionalização gramatical, já que apresentamos uma proposta de rede construcional para os MDs focalizadores com os advérbios *só* e *bem* identificados no *corpus* analisado. Ressaltamos, entretanto, que as análises realizadas nesta pesquisa não se configuram como fechadas ou estanques, pois temos consciência de que apresentamos apenas um ponto de vista acerca desse tipo de construção com base em um viés teórico específico. Certamente, análises futuras poderão contribuir para dimensionar, de modo mais amplo, a descrição dos MDs focalizadores que foram abordados.

Nesse sentido, chamamos a atenção para dois pontos em especial, os quais poderiam ser estudados em pesquisas futuras: i) existem outros advérbios ou outras classes de palavras que podem se unir a verbos de percepção cognitiva na instanciação de MDs focalizadores? Se sim, quais seriam? Que tipo de focalização apresentariam?; e ii) além do português, existem outras línguas que apresentam MDs com essa característica focalizadora? Se sim, quais línguas e quais elementos que se uniriam a verbos de percepção cognitiva para reforçar a focalização? Portanto, reconhecemos as limitações desta pesquisa, tanto no que diz respeito ao

objeto de análise quanto no que tange ao aporte teórico, que pode apresentar novas descobertas ao longo dos anos e indicar novas abordagens a serem adotadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BRINTON, L. J. *Pragmatic markers in English: Grammaticalization and discourse functions*. Berlim; Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1996.
- BROWN, G.; YULE, G. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- BYBEE, J. L. FLEISCHMAN, S. *Modality in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, v. 32, 1995.
- _____. *Phonology and language use*. (Cambridge Studies in Linguistics 94.) Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- _____. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- _____. *Frequency of Use and the Organization of Language*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- _____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- _____. Usage-based theory and grammaticalization In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011.
- CEZARIO, M. M. *Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
- CUNHA LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume Especial, dez de 2016, p. 83-101. ISSN 2238-975X 1. [<http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>]
- DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar I*. Dordrecht: Foris, 1989.
- FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- _____. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FELIX OLIVEIRA, N. F. de. *Gramaticalização do verbo “esperar”*: uma abordagem funcionalista. Dissertação de mestrado em Linguística. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

FILLMORE, Charles J.; BAKER, Colin F. (2001) *Frame semantics for text understanding*. Proceedings of WordNet and Other Lexical Resources Workshop, 59–63. Pittsburgh: NAACL.

FISCHER, O. Grammaticalization as analogically driven change? In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011a.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. *O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais*. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume Especial, dez de 2016, p. 55-67. ISSN 2238-975X 1. [<http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>]

_____. (2010) *A frames approach to semantic analysis*. In: Heine, Bernd and Heiko Narrog, eds., *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*, 313–340. New York: Oxford University Press.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. *Constructionist Approaches*. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G.. *The Oxford handbook of construction grammar*. New York: Oxford University Press, 2013. p. 15-31

_____. *A constructionist approach to language*. In: XXI SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA E VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

GONÇALVES, S. et al. (orgs.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

GRICE, H.P. *Logic and Conversation*. In: P. Cole and J. Morgan (ed.), *Pragmatics (Syntax and Semantics)*, vol. 9, Nova York: Academic Press, 1975.

HIMMELMANN, Nikolaus. *Lexicalization and grammaticization: Opposite or orthogonal?* In: BISANG, HIMMELMANN, and WIEMER, eds., 2004, p. 21–42.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2009.

HUDSON, R. A. *Language Networks: The New Word Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2007a.

ILARI, R. Sobre os advérbios focalizadores. In: _____. *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, v. II, 1992, p. 193- 212.

KADER, C. C. C.; RICHTER, M. G. *Linguística de Corpus: possibilidades e avanços. Instrumento*. Juiz de Fora, v. 15, n. 1, jan./jun. 2013.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. W. Syntactic Reanalysis. In: C. N. Li (Ed.), *Mechanisms of Syntactic Change*. Austin University of Texas Press, 1977.

_____. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

LEVINSON, S. C. *A dêixis*. In: _____. *Pragmática*. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 65-119.

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, funções e definições. In: CASTILHO, A. (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989, p. 281-322.

MARTELOTTA, M. & KENEDY, E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO da CUNHA, M. et al. (Org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. SP: Parábola. 2015, p. 11-20.

MARTINS, L. F. *A gramaticalização de marcadores discursivos com verbos de percepção visual em configuração imperativa: uma análise construcional*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, MG, 2013.

_____.; VIEIRA, A. T. A dimensão avaliativa envolvendo a microconstrução com o marcador discursivo “veja bem” na fala opinativa: uma proposta de interface gramática e interação. *Revista Entre palavras*, v. 3, 2013, p. 58-81.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique generale*. Paris: Champion, 1948 [1912].

NOËL, D. Diachronic construction grammar and gramaticalization theory. In: *Functions of language*. John Benjamins, 14:2, 2007, p. 177-202.

PALMER, F. R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

POSSENTI, S. Ordem e interpretação de alguns advérbios do português. In: ILARI, R. *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, v. II, 1992, p. 305-313.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. vol. IV, p. 25-61.

_____. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, Clelia C. A. S; KOCH, Ingedore G. V. (orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. v. 1, p. 403-425.

RISSO, M. S. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, Clelia C. A. S; KOCH, Ingedore G. V. (orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. v. 1, p. 427-496.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 53ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

ROST, C. A. Expansão semântico-pragmática e mudança categorial de verbos de percepção: amostra sincrônica. *Revista Working Papers*, Florianópolis, v. 6, 2002, p. 116-134.

ROST-SNICHELOTTO, C. A. Os marcadores discursivos nas línguas românicas: (macro) funções textuais e interacionais. *Interdisciplinar: Revista de Estudos de Língua e Literatura*, v. 7, 2008a, p. 109/7-130.

_____. A emergência dos marcadores discursivos “olha” e “vê”: investigação entre línguas. *Anais do CELSUL*, 2008b, p. 1-10.

_____. Variação dos marcadores discursivos de base verbal nas línguas românicas. *Working Papers em Linguística*, v. 9, 2008c, p. 57/2-70.

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SOUZA, E. R. F. *Os advérbios focalizadores no português falado do Brasil: uma abordagem funcionalista*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2004.

STUBBS, M. *Discourse Analysis: The Sociolinguistic Analysis of Natural Language*. Chicago, IL, The University of Chicago Press, 1983.

SWEETSER, E. *From etymology to Pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. New York: Cambridge University Press, 2005.

_____. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. V. (eds.). *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008a, p. 219-250.

_____. All that he endeavoured to prove was...: on the emergence of grammatical constructions in dialogic contexts. In: COOPER, R.; KEMPSON, R. (eds.). *Language in flux: dialogue coordination, language variation, change and evolution*. London: Kings College Publications. 2008b, p.1-31.

_____. Grammaticalization and mechanisms of change. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011.

_____.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal em português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: EDUFU, 2006.